



**Instituto Politécnico de
Portalegre
Escola Superior de Educação de
Portalegre**



**A TRANSMISSÃO D' A *PARÓDIA* PARA O *INIMIGO*
PÚBLICO: SE NÃO ACONTECEU, PODIA TER
ACONTECIDO**

Dissertação do Curso de Segundo Ciclo de estudos em Jornalismo, Comunicação e
Cultura

Autor: João Paulo Duque Löbe Guimarães

Orientadores: Prof. Dr. Luís Bonixe e Mestre Adriana Guimarães

Portalegre, julho de 2013

DEDICATÓRIA

Ao meu filho Bernardo e ao meu filho afetivo Rafael para saberem que tudo é possível com dedicação.

À minha mãe, Milita, João André, minhas irmãs e sobrinhos e todos os familiares e amigos.

Em memória da minha avó Alice que me transmitiu *A Paródia*.

AGRADECIMENTOS

Aos meus professores orientadores Mestre Adriana Guimarães e Prof. Dr. Luís Bonixe. A todos os colegas e pessoas que permitiram a realização desta dissertação da ESEP, do IPP e do Agrupamento de Escolas do Bonfim.

À Bedeteca de Lisboa por toda a bibliografia cedida e recomendada. Ao Dr. Osvaldo de Sousa pela simpatia em disponibilizar as suas obras. Ao Museu Bordalo Pinheiro e à Dra. Mariana Caldas de Almeida pela simpatia e apoio demonstrados. Ao Luís Pedro Nunes pela sua simpatia, prontidão das suas respostas e pela sua presença semanal no jornalismo satírico em Portugal. Ao Filipe Homem Fonseca pelo seu humor.

RESUMO

Esta dissertação de mestrado tem como objetivos fazer uma análise mediológica da transmissão que terá ocorrido entre os jornais satíricos *A Paródia* (1900-03) e *O Inimigo Público* (2003-13).

A mediologia permite analisar os fenómenos da transmissão, neste caso, dos valores do jornalismo satírico que atravessaram os séculos até chegarem até nós. Para o efeito, propomos analisar alguns conceitos do riso, caracterizamos o humor e analisamos os conceitos de sátira.

Numa terceira dimensão, analisamos os conceitos de caricatura e *cartoon* e a sua resenha histórica em Portugal. Numa quarta dimensão, abordamos os conceitos de jornalismo, de jornalismo satírico e *infotainment*, bem como a problemática das *fake news*.

Em relação à metodologia, optamos por combinar as grelhas de inteligibilidade do duplo corpo do *medium* com uma análise de conteúdos de alguns aspetos que complementam as respetivas grelhas, tendo em conta os nossos objetos de estudo e que foram 10 números de cada um dos jornais.

A análise de resultados permitiu verificar que houve transmissão de valores de um jornal para o outro, embora os meios de expressão e as matrizes de formação da mensagem tenham sofrido alterações devido às inovações técnicas, entretanto, introduzidas.

PALAVRAS-CHAVE: transmissão; mediologia; jornalismo satírico; *A Paródia*; *O Inimigo Público*.

ABSTRACT

This dissertation aims to analyze mediological transmission which may have occurred between the satirical newspaper *A Paródia* (1900-03) and *O Inimigo Público* (2003-13). Mediological research allows us to analyze the phenomena of transmission, namely the values that define news satire which crossed the centuries until nowadays.

With this purpose in mind we analyse some concepts of laughter, as well as their processes, we characterize humour and we analyze the concepts of satire. A third dimension

deals with the concepts of caricature and cartoon and its historical landmarks in Portugal. In a fourth dimension, we consider the concepts of journalism, news satire and infotainment as well as the issue of fake news.

The methodology we chose combines the grids of intelligibility of the medium's double body with a content analysis of some aspects that complement the respective grids, taking into account the objects of our research which are 10 issues of each newspaper.

The analysis of data has shown us that there was transmission of values from one newspaper to the other, although the means of expression and matrix formation of the message have been changed due to technical innovations introduced.

KEYWORDS: transmission; mediology; news satire; *A Paródia*; *O Inimigo Público*.

ÍNDICE

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO | 9 |
| 1. “A DANÇA DA BICA NO CEMITÉRIO DOS PRAZERES” | 15 |
| 1.1. O RISO | 15 |
| 1.2. O HUMOR | 17 |
| 1.3. A SÁTIRA | 18 |
| 2. “CARICATURAR É ESTRAGAR O ESTUQUE DE CADA UM COM PROTESTO DO SENHORIO” | 24 |
| 2.1. O HUMOR GRÁFICO/A SÁTIRA DE IMPRENSA | 24 |
| 2.2. A CARICATURA | 25 |
| 2.2.1. O <i>cartoon</i> | 28 |
| 2.2.2. RESENHA HISTÓRICA DA CARICATURA POLÍTICA EM PORTUGAL | 30 |
| 3. “SE NÃO ACONTECEU, PODIA TER ACONTECIDO” | 39 |
| 3.1. O JORNALISMO..... | 39 |
| 3.2. O JORNALISMO SATÍRICO | 44 |
| 3.3. O <i>INFOTAINMENT</i> | 46 |
| 3.4. AS <i>FAKE NEWS</i> E AS NOTÍCIAS FALSAS | 48 |
| 3.4.1. O NÃO-ACONTECIMENTO JORNALÍSTICO E A NÃO-NOTÍCIA | 48 |
| 3.4.2. AS NOTÍCIAS SATÍRICAS/ <i>FAKE NEWS</i> | 50 |
| 4. ESTUDO DE CASO..... | 51 |
| 4.1. METODOLOGIA | 51 |
| 4.1.1. GRELHA DE INTELIGIBILIDADE DO DUPLO CORPO DO <i>MEDIUM</i> | 52 |
| 4.1.2. ANÁLISE DE CONTEÚDO | 54 |
| 4.2. OS OBJETOS..... | 55 |
| 4.2.1. A <i>PARÓDIA</i> | 55 |
| 4.2.1.1. RAFAEL BORDALO PINHEIRO (1846-1905) | 57 |
| 4.2.1.2. O TEMPO D' A <i>PARÓDIA</i> | 60 |
| 4.2.1.3. AS TÉCNICAS..... | 62 |
| 4.2.1.4. AS INSTITUIÇÕES..... | 63 |
| 4.2.2. O <i>INIMIGO PÚBLICO</i> | 63 |
| 4.2.2.1. LUÍS PEDRO NUNES..... | 66 |
| 4.2.2.2. O TEMPO D'O <i>INIMIGO PÚBLICO</i> | 66 |
| 4.2.2.3. AS TÉCNICAS..... | 68 |

| | |
|---|------------|
| 4.2.2.4. AS INSTITUIÇÕES..... | 70 |
| 4.3. GRELHA DE INTELIGIBILIDADE DO DUPLO CORPO DO <i>MEDIUM D' A PARÓDIA</i> E D' <i>O INIMIGO PÚBLICO</i>..... | 72 |
| 4.4. ANÁLISE DE CONTEÚDOS..... | 74 |
| 5. ANÁLISE DE RESULTADOS..... | 78 |
| CONCLUSÃO..... | 84 |
| BIBLIOGRAFIA PRIMÁRIA..... | 87 |
| BIBLIOGRAFIA SECUNDÁRIA..... | 89 |
| ANEXO I ENTREVISTA A FILIPE HOMEM FONSECA, HUMORISTA E EX-COLABORADOR D' <i>O INIMIGO PÚBLICO</i>..... | 101 |
| ANEXO II ENTREVISTA A LUÍS PEDRO NUNES, DIRETOR D' <i>O INIMIGO PÚBLICO</i>..... | 107 |
| ANEXO III ANÁLISE DE CONTEÚDOS D' <i>A PARÓDIA</i> (TEMÁTICA, ATUALIDADE, IMAGEM, PLANO GEOGRÁFICO)..... | 116 |
| ANEXO IV ANÁLISE DE CONTEÚDOS D' <i>A PARÓDIA</i> (PROTAGONISTAS)..... | 119 |
| ANEXO V ANÁLISE DE CONTEÚDOS D' <i>A PARÓDIA</i> (MO2: O MODO DE EXPRESSÃO)..... | 122 |
| ANEXO VI ANÁLISE DE CONTEÚDOS D' <i>A PARÓDIA</i> (OM3: AS MATRIZES DE FORMAÇÃO – PROCESSOS DO RISO, SÁTIRA E TÉCNICAS DE SÁTIRA)..... | 125 |
| ANEXO VII ANÁLISE DE CONTEÚDOS D' <i>A PARÓDIA</i> (OM3: AS MATRIZES DE FORMAÇÃO – FÓRMULAS DE CARICATURA)..... | 128 |
| ANEXO VIII ANÁLISE DE CONTEÚDOS D' <i>A PARÓDIA</i> (OM3: AS MATRIZES DE FORMAÇÃO – MODOS DE CARICATURAR)..... | 131 |
| ANEXO IX ANÁLISE DE CONTEÚDOS D' <i>A PARÓDIA</i> (OM3: AS MATRIZES DE FORMAÇÃO – <i>INFOTAINMENT</i> E <i>FAKE NEWS</i>)..... | 133 |
| ANEXO X ANÁLISE DE CONTEÚDOS D' <i>O INIMIGO PÚBLICO</i> (TEMÁTICA)..... | 135 |
| ANEXO XI ANÁLISE DE CONTEÚDOS D' <i>O INIMIGO PÚBLICO</i> (ATUALIDADE, IMAGEM)..... | 144 |
| ANEXO XII ANÁLISE DE CONTEÚDOS D' <i>O INIMIGO PÚBLICO</i> (PLANO GEOGRÁFICO)..... | 150 |
| ANEXO XIII ANÁLISE DE CONTEÚDOS D' <i>O INIMIGO PÚBLICO</i> (PROTAGONISTAS)..... | 156 |
| ANEXO XIV ANÁLISE DE CONTEÚDOS D' <i>O INIMIGO PÚBLICO</i> (MO2: O MODO DE EXPRESSÃO)..... | 160 |

| | |
|--|------------|
| ANEXO XV ANÁLISE DE CONTEÚDOS D' O INIMIGO PÚBLICO (OM3: AS MATRIZES DE FORMAÇÃO – PROCESSOS DO RISO) | 164 |
| ANEXO XVI ANÁLISE DE CONTEÚDOS D' O INIMIGO PÚBLICO (OM3: AS MATRIZES DE FORMAÇÃO – SÁTIRA E TÉCNICAS DE SÁTIRA)..... | 169 |
| ANEXO XVII ANÁLISE DE CONTEÚDOS D' O INIMIGO PÚBLICO (OM3: AS MATRIZES DE FORMAÇÃO – FÓRMULAS DE CARICATURAR) | 175 |
| ANEXO XVIII ANÁLISE DE CONTEÚDOS D' O INIMIGO PÚBLICO (OM3: AS MATRIZES DE FORMAÇÃO – MODO DE CARICATURAR) | 180 |
| ANEXO XIX ANÁLISE DE CONTEÚDOS D' O INIMIGO PÚBLICO (OM3: AS MATRIZES DE FORMAÇÃO – INFOTAINMENT E FAKE NEWS) | 184 |

ÍNDICE DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1: Portugal na Exposição de Paris | 16 |
| Figura 2: toon | 19 |
| Figura 3: violação de neutralidade..... | 21 |
| Figura 4: "I - A Política: a Grande Porca" | 22 |
| Figura 5: A política continua a ser a mesma porca onde alternadamente mamam os bacorinhos | 34 |
| Figura 6: Zé Povinho Motard | 35 |
| Figura 7: "Zé Povinho" prepara-se para se manifestar no Porto | 36 |
| Figura 8: Grelha de Inteligibilidade d' A Paródia e d' O Inimigo Público (medium - o viático de um símbolo) | 72 |
| Figura 9: Grelha de Inteligibilidade d' A Paródia e d' O Inimigo Público (medio(logia) = os elementos constitutivos de um modo de transporte) | 73 |
| Figura 10: Análise de Conteúdos (Temática, atualidade, imagem, plano geográfico)... | 74 |
| Figura 11: Análise de Conteúdos (Protagonistas) | 75 |
| Figura 12: Análise de Conteúdos (MO2: O Modo de Expressão)..... | 76 |
| Figura 13: ANÁLISE DE CONTEÚDOS (OM3: AS MATRIZES DE FORMAÇÃO - processos do riso, sátira e técnicas de sátira)..... | 76 |
| Figura 14: ANÁLISE DE CONTEÚDOS (OM3: AS MATRIZES DE FORMAÇÃO - fórmulas e modos de caricaturar) | 77 |
| Figura 15: ANÁLISE DE CONTEÚDOS (OM3: AS MATRIZES DE FORMAÇÃO - INFOTAINMENT E FAKE NEWS) | 77 |

INTRODUÇÃO

A mediologia faz o estudo das ideias em simultâneo com o estudo das técnicas. A proposta de Régis Debray vai no sentido de se constituir como um paradigma mediológico que evolui no sentido de ela se constituir como ciência (Domingues, 2010). Esta ciência é um movimento intelectual que estuda os fatos da transmissão simbólica que mais marcaram a humanidade, nomeadamente, os mecanismos de suporte e as formas de transmissão que se configuram em transformações do real (Maranhão, 2008).

A mediologia terá, assim, o seu campo de ação delimitado pela técnica e pela cultura. Ora, sendo o homem um ser de mediação técnica, envolve-se com o mundo da vida, concebendo ambientes artificiais e uma cultura que se baseia numa mediação técnica. O homem concebe a técnica e esta concebe-o a ele, sendo a história das suas concepções, também, uma história da sua própria revelação. A criação técnica não é um objeto, pois o homem encontra nela a sua identidade (Domingues, 2010).

A própria experiência do homem é técnica e, sendo o homem, fundamentalmente, mediação técnica, esta institui-se como cultura, o que corresponderá a uma instauração das mediações. McLuhan fez uma primeira abordagem à questão ao fazer o estudo das mediações que, privilegiadamente, comunicam a experiência, permitindo a sua mediologia compreender o devir das mediações (Domingues, 2010). A mediologia é, também, um estudo da cultura, que se tem afirmado como um campo autónomo de fronteiras, perfeitamente, demarcadas, tendo em conta uma experiência totalizadora. A categoria da totalidade tem sido, segundo Debray, “afeta à produção da cultura, um modo de harmonizar fragmentos e uma maneira de evitar a desintegração” (Domingues, 2010, p 18).

A mediologia, “sem excluir o que é designado por «comunicação», (...) interessa-se mais em particular pelo *homem que transmite*” (Debray, 2004, p 11). O autor tenta estabelecer, deste modo, os princípios desta ciência que vai analisar os fenómenos da transmissão, nomeadamente, das crenças, valores e doutrinas que produz a humanidade. Num primeiro momento, o objetivo é analisar a perpetuação dos sistemas simbólicos explícitos, tais como as religiões, as ideologias, doutrinas e produções artísticas (Debray, 1997). Assim, a inquietação

principal da mediologia de Debray incide sobre o conjunto dos meios que são postos em prática para que haja uma ação eficaz a partir de uma ideia (Domingues, 2010).

Para McLuhan, armazenar já é transmitir, pois o que está armazenado está mais acessível do que o que deve ser colhido (McLuhan, 1979). Para Debray, o importante é estudar como se transmite e, ao transmitir-se, como se constitui, desfazendo o nó do como para entrever o porquê (Debray, 1997). O estudo da mediologia, fazendo-se por baixo, abrange desde o ícone bizantino à fotografia, da república à monarquia parlamentar, do clero à maçonaria. As suas perguntas de partida são: de onde saís? Por onde passaste? Como te diriges, e a quem? “*Unde, qua, quomodo*” (Debray, 1997, p 173).

O seu objeto de estudo pode ser a bela forma estética, a grande instituição política, o nobre domínio de competências, o Estado, a nação, a obra de arte, a associação internacional, a disciplina científica, o género literário, a confissão religiosa e, também, o próprio jornalismo satírico. A mediologia vai, assim, estudar através de que compromissos se instituiu o jornalismo satírico e de que suportes, aparelhos e redes depende a sua sobrevivência. Ela vai suspender, por instantes, a sua mensagem, os seus fins, a sua beleza, os seus conteúdos de verdade, os seus valores de salvação para considerar apenas os seus trajetos, vetores e veículos, que lhe deram vida e sem os quais não teria chegado até nós (Debray, 1997).

McLuhan estudou um dos meios que nos interessa para a nossa investigação: as histórias aos quadrinhos, que chamamos de banda desenhada (BD), considerada a 9ª arte e em cuja história se destaca a caricatura ¹. Considera que esse estudo “visa a chamar a atenção para a permanência de certas características da imprensa e mesmo da xilogravura nas estórias em quadrinhos do século XX” (McLuhan, 1979, p 94). De certa forma, McLuhan antecipa as teorias da transmissão de Régis Debray que considerou sob o termo transmissão tudo o que se relaciona com a memória da dinâmica coletiva, definindo transmitir como “transportar uma informação no tempo entre esferas espaciotemporais diferentes” (Debray, 2004, p 12).

McLuhan explica o sucesso, na época em que desenvolveu as suas teorias, da revista MAD ², que “não é senão a recorrência das velhas imagens, impressas e gravadas em madeira, nos meios atuais” (McLuhan, 1979, p 189). Mais uma vez, o autor antecipa as teorias de Debray. McLuhan explica que “os anciãos da tribo, que jamais haviam percebido que o jornal diário era tão estranho quanto uma exposição de arte surrealista, dificilmente poderiam perceber que os livros de estórias em quadrinhos eram tão exóticos quanto iluminuras do

¹ A caricatura está, também, muito ligada à pintura, nomeadamente, a pintores como Goya, Brueghel, etc. O seu próprio inventor, Caracci, era pintor.

² A revista MAD é norte-americana, publica BD desde 1952, tendo tido o seu período áureo nos anos 1970.

século VIII (...) não tendo percebido nada sobre a forma, nada podiam perceber do conteúdo” (McLuhan, 1979, p 193). Para McLuhan, MAD é, acima de tudo, “uma forma de expressão e de experiência do tipo imprensa e xilogravura, cujo apelo imediato é um índice seguro das profundas mudanças que estão ocorrendo em nossa cultura” (ibidem, p 194).

Debray estabelece o seu quadro conceptual da transmissão segundo três dimensões: material, diacrónica e política. Assim, em termos materiais, a transmissão aplica-se tanto aos bens como às ideias (um objeto, efeitos de comércio, um capital imobiliário, o poder pontifício ou a ordem ou, ainda, o jornalismo satírico). Em termos diacrónicos, sendo a comunicação um transporte no espaço, a transmissão é, essencialmente, um transporte no tempo. Em termos políticos, se os homens comunicam; é mais raro que transmitam (Debray, 1997). Referindo os estudos de McLuhan, Debray afirma que “tudo é mensagem, se quisermos dos estímulos naturais aos estímulos sociais ou dos sinais aos signos, mas nem tudo é herança” (Debray, 1997, p 19).

Dois conceitos capitais para os estudos mediológicos são a *Matéria Organizada (M.O.)* e a *Organização Materializada (O.M.)*, constituindo estes o duplo corpo do *medium*, que é corporalidade e materialidade, desdobrando-se nos vetores técnicos (MO) e nos vetores institucionais (OM) (Maranhão, 2008; Debray, 2004). Assim, “o duplo corpo do *medium* responde às duas vertentes de um processo de transmissão: o logístico e o estratégico” (Debray, 2004, p 102). Os vetores técnicos são, então, o suporte físico (página, superfície magnética, ondas sonoras ou hertzianas, internet), o modo de expressão (texto, imagem, sons articulados, caricaturas, *cartoons*, fotografias, artigos satíricos, etc.), o dispositivo de circulação (em cadeia, em estrela, em rede, etc.) e, ainda, os vetores externos de transporte. Quanto aos vetores institucionais, estes são o código linguístico (aramaico, latim, inglês, português, etc.), o quadro de organização (cidade, escola, igreja, etc.), as matrizes de formação (a organização conceptual da mensagem) e, por fim, os vetores internos de elaboração (Debray, 2004). No quadro de organização do jornalismo satírico estarão, assim, os próprios jornais satíricos e os caricaturistas, podendo estar organizados em escolas, como o rafaelismo, o humorismo, etc., mas que vamos considerar como uma escola em si, com os seus valores e as suas práticas, sendo essa, também, uma das respostas que pretendemos encontrar: será que existem valores próprios que permitem definir o jornalismo satírico e instituí-lo como uma escola regida por esses princípios? É assim que a organização conceptual da mensagem do jornalismo satírico deverá envolver conceitos como a sátira, as técnicas de sátira, a utilização de *infotainment* e de *fake news*, etc.

Para Maranhão, o esquema proposto M.O./O.M. constitui o ponto nevrálgico do edifício mediológico (Maranhão, 2008). As questões que o projeto mediológico levanta são:

“por quais redes de transmissão e formas de organização se constitui esta ou aquela herança cultural. De que maneira foram instituídos os pensamentos fundadores? Quais meios físicos, materiais, espirituais e simbólicos tiveram que atravessar, quais tipos de compromissos tiveram de aceitar até sua fundamentação? De que maneira um novo objeto técnico leva um campo tradicional a modificar-se? De que maneira a mudança de suporte repercute sobre a definição de valores culturais?” (Maranhão, 2008, p 82).

Estes conceitos irão nortear a nossa investigação, tentando aferir quais foram os trajetos, vetores e veículos que permitiram que houvesse transmissão, isto é, qual foi a MO (o suporte físico) e a OM (o código linguístico, o quadro de organização) que permitiram que determinadas características, que vamos procurar descobrir, fossem transmitidas do princípio do século XX para o século XXI?

A liberdade de opinião, o direito à indignação, a crítica aos vícios que corrompem os indivíduos que, alguma vez, assumiram o poder político enfrentou, ao longo dos tempos, uma denúncia e oposição através de uma forma que integra a essência do ser humano e que se chamou de riso. Esta forma de expressão do riso aos olhos da opinião pública e sob a espada da democracia assumiu vários nomes neste planeta diverso ou divergente: jornalismo satírico, aquele que faz das notícias a sátira, ou da sátira as notícias; imprensa humorística, aquela que expressa a informação sob a forma mágica do humor; *dessin de presse* num país que viu erguerem-se as turbas violentas da revolução, sob os comandos de um alucinado Robespierre; *cartoon* no país e no continente onde os nossos sonhos europeus procuraram florescer; charge; humor gráfico; *news satire*... As páginas dos periódicos encheram-se desta forma de expressão desde os alvares do século XIX, como se a opinião pública fosse, também, o poder de rir dos poderosos, daqueles que nos deveriam governar ou desgovernar ou, apenas, divertir.

Houve nomes cujo soletrar enuncia gravemente a magnitude da mordacidade e da livre expressão do pensamento: *L'Assiette au Beurre. La Caricature, Le Charivari, The London Charivari, o António Maria, a Paródia, o Xuão, Os Ridículos, O Inimigo Público (IP), The Onion, O Gato Fedorento Esmiúça os Sufrágios, Contrainformação*...

Esta investigação é, primeiro que tudo, uma peregrinação aos lugares simbólicos do jornalismo satírico, destrinchando a sua essência, aqueles valores que impediram o seu ofuscamento nos longos séculos que o fizeram arribar ao nosso quotidiano. Indagamos os

valores que estão na sua génese como género jornalístico e que o distinguem dos demais, procurando analisar quais os fatores que permitiram a sua transmissão ao longo destes dois séculos. As teorias de Régis Debray sobre a mediologia e a transmissão revelaram-se indispensáveis para este propósito. As reflexões de Marshall McLuhan sobre os média, o agente de todo este processo, complementou as premissas da nossa investigação. Atendendo ao âmbito da nossa análise, os dois jornais que escolhemos foram *A Paródia* e o *IP*.

As perguntas de partida que nortearam este processo de investigação foram:

- quais as semelhanças e diferenças entre *A Paródia* e o *IP*?
- até que ponto houve uma transmissão, no sentido que lhe dá Debray, de *A Paródia* para o *IP*?
- será que as diferenças encontradas constituem uma rotura em termos de produção do jornalismo satírico?
- quais foram as instituições que permitiram que houvesse esta transmissão?
- quais foram as inovações técnicas que provocaram evoluções e roturas no jornalismo satírico?

A primeira dimensão que abordamos, anteriormente, é pois a da mediologia e da transmissão. Uma segunda dimensão examinada foi a do riso, do humor e da sátira porque o objetivo principal de todo o jornalismo satírico será o de fazer rir, ou pelo menos, sorrir, sendo pertinente estabelecer os conceitos do riso, do humor e da própria sátira, bem como as diferentes técnicas de sátira que podem ser utilizadas. Pretende-se, assim, aferir se estas são aplicadas nos dois jornais em análise.

Uma terceira dimensão é a da imagem e da caricatura porque o jornal *A Paródia* publicava, fundamentalmente, caricaturas, *cartoons* e algumas tiras cómicas de banda desenhada, onde a imagem ocupava um espaço fundamental, se bem que acompanhadas por textos e notícias satíricas. Por outro lado, ao considerarmos a possibilidade de terem sido algumas instituições e os próprios caricaturistas, jornais satíricos e cartoonistas, bem como os colecionadores particulares, que tiveram o papel da preservação dos valores do jornalismo satírico ao longo de um século, tornou-se impreterível referir a história da caricatura da imprensa em Portugal e de algumas instituições a ela ligadas.

A quarta dimensão da nossa investigação é a do jornalismo, dado que o próprio jornalismo satírico não tem merecido apontamentos para a sua definição como conceito no nosso país. Referimos alguns aspetos do jornalismo que entram na sua génese, procuramos analisar a importância de conceitos como o de acontecimento, agendamento, construção social da realidade, *infotainment* e de *fake news*. Referimos um vetor técnico que poderia ter

causado mudanças no dispositivo de circulação da mensagem na internet, o jornalismo do cidadão, pois o suplemento satírico do jornal *Público* permitiu ao comum dos cidadãos publicar, numa secção do seu sítio na internet denominado de *Caserna do Leitor*, «notícias» satíricas dos seus leitores, embora esta inovação não tenha tido continuidade devido a problemas financeiros do jornal hospedeiro *Público*.

A metodologia utilizada nesta investigação tenta combinar as grelhas de inteligibilidade do duplo corpo do *medium* que, segundo Debray, permitem verificar de que é feita uma operação de transmissão (Debray, 2004) e, ao sobrepô-las, detetar esses fatores, com uma análise de conteúdo de 10 exemplares de cada um dos jornais, em que são analisadas as capas e as últimas páginas, possibilitando uma visão mais detalhada de alguns dos vetores de transmissão. A análise de conteúdos pretende, assim, classificar as temáticas abordadas, os protagonistas visados e satirizados, a atualidade das notícias e das imagens satíricas, a presença ou a ausência de imagem e o plano geográfico. Pretende, também, analisar o vetor da matéria organizada 2 (o modo de expressão), pretendendo aferir da existência e da representatividade dos seguintes itens: processos do riso, sátira, técnicas de sátira utilizadas, caricaturas, *cartoons*. Por fim, no vetor da OM3 (as matrizes de formação): as fórmulas e modos de caricaturar; e a utilização ou não de *infotainment* e de *fake news*.

1. “A DANÇA DA BICA NO CEMITÉRIO DOS PRAZERES”³

A sátira e o jornalismo satírico são formas de humor e têm como principais objetivos provocar o riso ou, no mínimo, o sorriso, para além de serem uma forma de opinião. Nesse sentido, analisamos os conceitos de riso, de humor e de sátira, bem como referimos as suas principais técnicas, pois estas foram e são utilizadas nos objetos da nossa investigação: *A Paródia e O Inimigo Público*.

1.1. O RISO

Alguns autores, como Agustina Bessa Luís, veem-no como uma bênção divina deixada aos homens (Bessa-Luís, 2008), outros como apanágio dos loucos e de origem satânica (Baudelaire, 1980a). Para o caricaturista Leal da Câmara, contemporâneo de Rafael Bordalo Pinheiro, pode mesmo ser um estado intermediário entre o prazer e a dor (O. M. de Sousa, 1988). Para Hobbes, o riso são aqueles trejeitos provocados por uma paixão de entusiasmo súbito (Hobbes & Monteiro, 1995).

Bergson considera três processos para provocar o riso: a repetição, a inversão e a interferência de séries. A repetição consiste numa combinação de circunstâncias repetidas, exatamente, em várias ocasiões, em vivo contraste com o curso cambiante da vida. A inversão compõe-se pela repetição de uma cena cómica, fazendo a situação voltar para trás e invertendo os papéis. A interferência de séries consiste no fato de uma situação ser sempre cómica quando pertence, ao mesmo tempo, a duas séries de fatos, absolutamente, independentes, podendo ser interpretada, simultaneamente, em dois sentidos inteiramente diferentes (Bergson, 1993). Hobbes, por seu turno, considera que o riso pode ser provocado por um ato repentino de nós próprios que nos diverte, ou também pela visão de alguma coisa deformada em outra pessoa, devido à comparação com a qual subitamente nos aplaudimos a nós mesmos. No entanto, encara o riso como acontecendo aqueles que têm consciência de menor capacidade em si mesmos e são obrigados a reparar nas imperfeições dos outros para poderem continuar sendo a favor de si próprios, afirmando que o que é próprio dos grandes

³ (Pinheiro, 1900a). A dança da Bica estava associada ao Carnaval no tempo em que foi publicada *A Paródia*.

espíritos é ajudar os outros a evitar o escárnio e comparar-se apenas com os mais capazes (Hobbes & Monteiro, 1995).

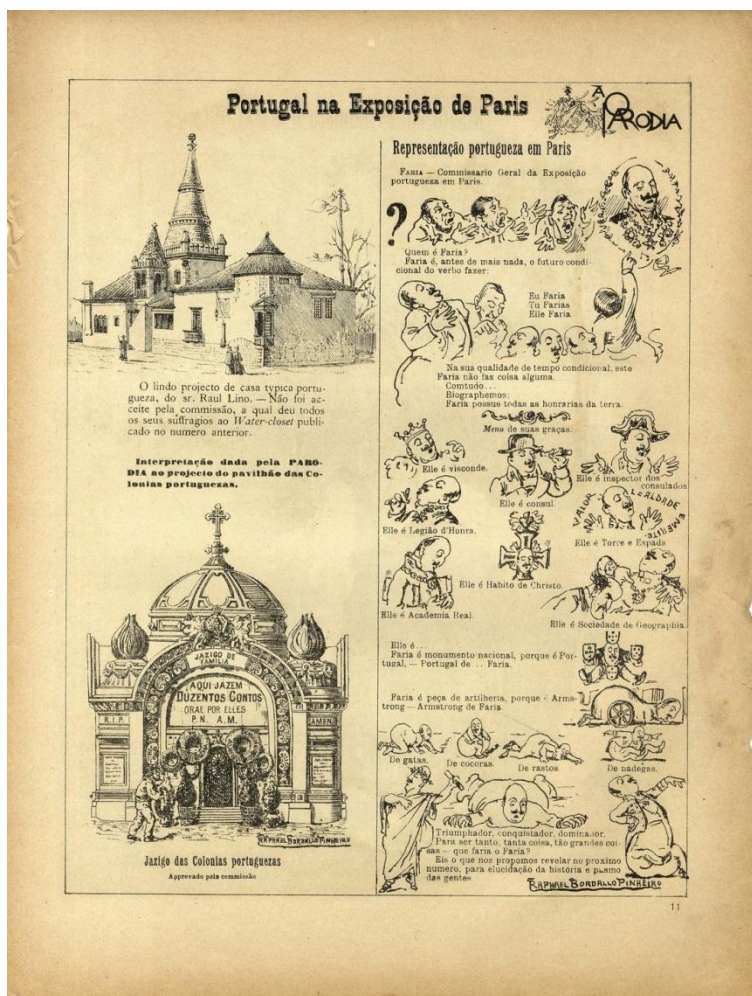


FIGURA 1: PORTUGAL NA EXPOSIÇÃO DE PARIS

(Pinheiro, 1900b)

Na figura 1, na tira da direita continua a história do visconde de Faria, feito em 1885, iniciada no nº 1 de *A Paródia*. O seu nome e a sua figura, semelhante a um ovo com pernas (França, 2007), são repetidos para provocar a comicidade. Por outro lado, há uma interferência de séries no sentido de que existe a notícia verdadeira da Exposição Internacional de Paris e do Comissário da Delegação Portuguesa, o visconde de Faria mas, por outro lado, aparecem diversas conjugações do verbo fazer que fazem parte da ordem gramatical.

Baudelaire classifica dois tipos de cómico, o absoluto, que é grotesco, primitivo e profundo e a sua antítese, que é o cómico significativo, ordinário, com uma linguagem mais clara, com um elemento duplo constituído pela arte e pela ideia moral (Baudelaire, 1980a).

Sousa prefere referir vários géneros de riso, nomeadamente, o riso nervoso, proveniente de um estado de histeria, o riso amargo, cheio de violência controlada, o riso triste, por vezes, apenas, um sorriso, o riso provocado, de origem reflexa, o riso ordinário, espelho de uma atividade cerebral ou o «riso de superioridade de espíritos», desprendido da simpatia ou antipatia humana, que é o humor. Para este autor, o riso é o resultado de um reflexo intelectual, uma opinião, um sinal de inteligência e da superioridade do humor (O. M. de Sousa, 1988). A ideia da superioridade é reforçada por Hodgart, ao considerar o riso como uma eminência em nós próprios em comparação com a enfermidade dos outros (Hodgart, 2009). Bakhtin, por seu turno, afirmou que o riso permite análise social, reflexão e criticismo (Burton, 2010).

1.2. O HUMOR

Sousa distingue o «rir-se de» do «rir-se com», considerando que o humor fará parte do «rir-se com» na exploração da inteligência e da sociabilidade. Na época clássica, o homem estava sujeito a quatro tipos de humor que determinavam o seu temperamento físico e mental (sangue, fleuma, bílis e melancolia). Estes fluidos do humor estavam relacionados com a cosmogonia e com os quatro elementos. No séc. XVI, o humor era considerado uma idiossincrasia, um temperamento, a natureza ou maneira de ser. Opuseram-se dois conceitos: na França, onde o humor é considerado como espírito e elemento do temperamento refinado e na Inglaterra, como excentricidade, burla ou piada, sendo o «sense of humour» uma forma de olhar o mundo com ironia gentil (Sousa, 1988; Hodgart, 2009). Nos séculos XVIII e XIX, houve uma uniformização de conceitos, impondo-se o termo inglês, passando o humor a ser definido como a comicidade inteligente (O. M. de Sousa, 1988).

Para Bergson, a comicidade vai do burlesco mais vulgar até às formas elevadas do humor e da ironia. O humor é o inverso da ironia, sendo ambos duas formas de sátira. A ironia é de natureza retórica e o humor de uma natureza mais científica, acentuando-se com a descida no interior do mal para melhor lhe extrair a comicidade (Bergson, 1993). Para Carlyle, o humor é um bálsamo para os males da vida e para Pawlosky é, também, um remédio homeopático (Sousa, 1988; Pawlowski, 1912).

1.2.1. Fórmulas de humor

Como vimos, anteriormente, é muito difícil estabelecer os conceitos de riso e de humor e, portanto, também se torna complicado classificar géneros ou categorias de humor. Sousa

considera a sátira, a ironia e a paródia como fórmulas de humor ou como variantes de criação cômica paralelas ao «Humour» (O. M. de Sousa, 2004). Ainda assim, pode-se classificar o grotesco como uma “deformação natural pelo «rebaixamento» à materialidade extravagante do real” (O. M. de Sousa, 1988, p 18). O ridículo será a representação de imagens ou atitudes praticadas em contraste dissonante com o que a as rodeia (O. M. de Sousa, 1988). A anedota, por seu turno, é uma diversão cômica que tem como base a existência de uma narrativa resolvida em comicidade, normalmente, ligada à literatura oral, embora utilizada, também, como anedota gráfica (O. M. de Sousa, 2004). A paródia “é a utilização de factos, situações, estilos, realidades concretas e usá-las como género, como estilo, como tema para, em comparação, fazer humor” (O. M. de Sousa, 2007f). A sua base está no teatro e é, por isso, uma imitação burlesca, pois partindo-se do original, “usa-se os elementos fundamentais numa recriação paralela, com utilização do duplo sentido” (O. M. de Sousa, 2007d).

1.3. A SÁTIRA

A sátira é uma representação jocosa e crítica (O. M. de Sousa, 2007d). Para Hodgart, é o processo de atacar pelo ridículo, em qualquer tipo de média, com o emprego, na escrita ou na fala, de sarcasmo, ironia, ridículo, etc., para denunciar e expor o vício, a tolice, os abusos ou males de qualquer género (Hodgart, 2009). Zink afirma que a sátira consiste numa mistura de géneros com um fim violento. O escritor satírico tem um alvo preciso e usa de um humor truculento para lograr a eficácia (Zink, 2001).

A sua origem etimológica deve vir das Saturas, que eram pequenas dramaturgias de cunho licencioso e sarcástico da cultura etrusca com uso dominante do canto e da dança e que mantinham as suas raízes nas “festas campestres desmascaradoras das falsas tragédias construídas pela sociedade humana” (O. M. de Sousa, 2007e). O género satírico, entretanto, desapareceu, só tendo reaparecido na decadência da Idade Média. Sousa explica que isso se deve ao facto de a sátira não gostar nem da anarquia, nem da ditadura opressiva, antes preferindo um ambiente de democracia para melhor fazer valer os seus argumentos críticos. A sátira procura nos governantes as suas vítimas e teve grande expressão através da crítica política de cunho humorístico na imprensa que se desenvolveu durante os finais do séc. XVIII e o princípio do séc. XIX (O. M. de Sousa, 2007e).

A verdadeira sátira requiere um alto nível de compromisso e de envolvimento com os dolorosos problemas do Mundo e, em simultâneo, um alto nível de abstracção do próprio mundo. Este criticismo em relação ao mundo é abstraído da sua formulação ordinária, como

na oratória política e no jornalismo, e é transformado numa elevada forma de «drama». É esta qualidade de abstração que nos faz reconhecer a verdadeira sátira, que utiliza técnicas como a sagacidade para transmutar os dolorosos problemas da vida real (Hodgart, 2009).

Dos muitos temas de sátira, o mais proeminente é o da política. Com efeito, a sátira não é, somente, a forma mais comum de literatura política mas, na medida em que tenta influenciar o comportamento público, é a parte mais política de toda a literatura (Hodgart, 2009). Nesse sentido, a sátira utiliza a inteligência da crítica com um fim moralista, atacando os vícios do mundo e dos políticos, os pontos fracos do indivíduo, no sentido de o alertar para a sua má conduta, dando-lhe a hipótese de se redimir. A sátira critica com o peso de uma ética que o satirizador defende, uma moral consolidada na sociedade em que o crítico se insere. Não querendo provocar a indignação, antes a tolerância, vai direita ao assunto, apontando todos os elementos críticos numa tentativa de consciencialização pelo riso (O. M. de Sousa, 2007e). Por outro lado, a sátira, sobretudo a que se aplica ao domínio do político, maneja um riso de desqualificação ou de rebaixamento, pretendendo-se provar que o adversário político não possui as qualidades bastantes para o exercício das responsabilidades públicas que aceitou exercer (Homem, 2011).



FIGURA 2: TOON

(Gonçalves, 2012)

Neste exemplo de António Jorge Gonçalves (Figura 2), Angela Merkel está com o pé preso numa urna, numa alusão às eleições vindouras na Alemanha, sob o olhar de Durão Barroso, presidente da Comissão Europeia, zangado e com uns binóculos para vê-la melhor. Ao colocar a chanceler alemã nesta situação, houve um rebaixamento da sua posição política, o que constitui uma crítica à sua atitude.

A essência da anedota e da sátira literária é a mordacidade (*wit*), que é distinta do humor e que, no sentido moderno, é o poder de dar prazer por ideias unidas ou contrastantes, a

qualidade do discurso ou escrita que pode surpreender e deliciar por ser inesperado . Outra técnica que a sátira utiliza é a da redução, que consiste na degradação ou desvalorização da vítima, reduzindo a sua estatura ou dignidade. A invetiva é uma das suas mais úteis armas e uma arte que requiere elegância de forma para compensar o conteúdo grosseiro e a alusão conhecida para compensar o insulto explícito. É utilizada pelos satiristas para causar um efeito de choque. O mecanismo *standard* é, no entanto, a ironia, que significa, literalmente, dissimulação e é o uso sistemático de um duplo sentido (Hodgart, 2009). O exemplo da Figura 2 contém mordacidade, no sentido de associar a situação negativa na União Europeia (UE) às eleições alemãs, criando uma situação inesperada que é a chanceler a entalar o pé numa urna de voto. Por outro lado, utiliza a redução ao desvalorizar a dignidade de Angela Merkel, colocada em tal situação. A elegância em que a situação é satirizada revela, também, o uso da invetiva e da ironia, pelo duplo sentido já antes referido.

A sátira gráfica difundiu-se, massivamente, a partir do século XIX. Um dos processos escolhidos é o de atacar a integridade ou a integralidade da morfologia corpórea. Assim, a deformação dos rostos, conjugada com a súbita e inesperada alteração das proporções corpóreas, induzem à zombaria e ao ridículo, inculcando ao riso satânico (Homem, 2011).

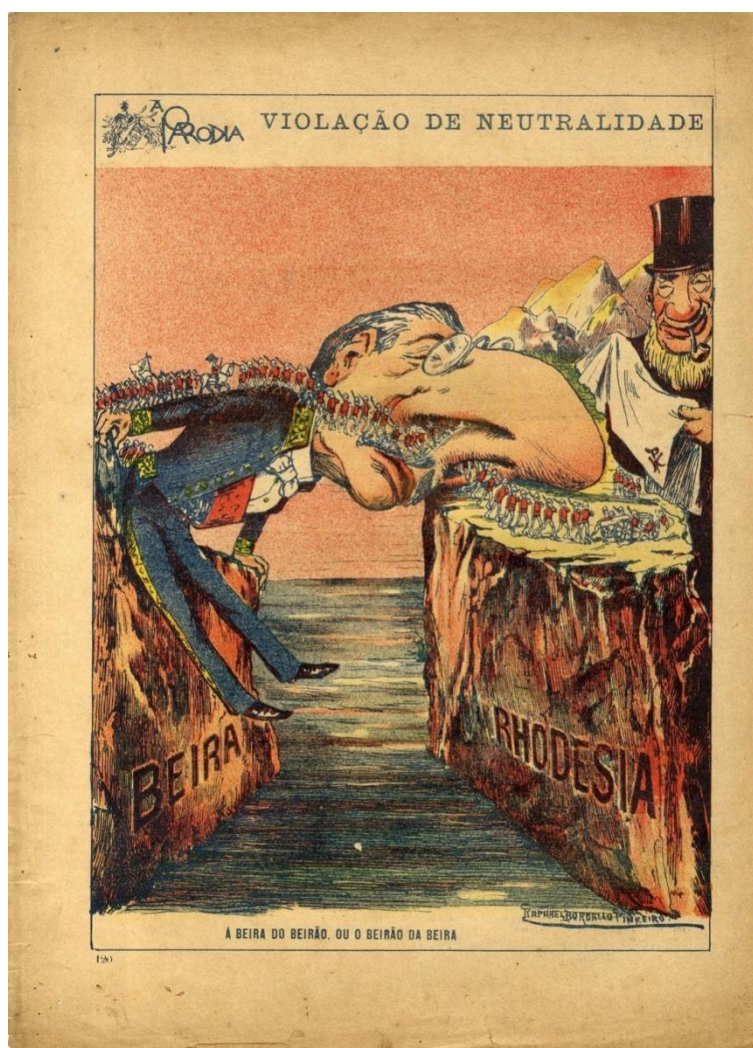


FIGURA 3: VIOLAÇÃO DE NEUTRALIDADE

(Pinheiro, 1900d)

Na Figura 3, o ministro dos Estrangeiros progressista do governo de José Luciano (1897-1900) tem o seu nariz claramente exagerado e alongado para permitir fazer a ponte por onde passam as tropas inglesas de Moçambique para a Rodésia para atacarem os bóeres, numa crítica a um tratado celebrado com os ingleses (França, 2007).

Um outro processo de sátira é o das aproximações ou identificações entre homens e bichos que podem ser entendidas como despromoções e inferiorizações objetivas. O satirista, apenas, deve salvaguardar o mínimo de elementos identificativos (Homem, 2011).



FIGURA 4: "I - A POLÍTICA: A GRANDE PORCA"

(Pinheiro, 1900a)

A série zoomórfica foi um conjunto de 9 caricaturas criadas por Rafael Bordalo Pinheiro e continuada por Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro e foi publicada nas capas de *A Paródia* nº 1, 2, 4, 18, 30, 32, 46, 53 e 67. Na figura 4, a política é identificada como um animal, no caso uma porca, sendo entendida como uma despromoção e inferiorização objetiva. As imagens de porcos na caricatura são numerosas nesta época, nomeadamente, em França, sendo este processo de animalização um dos processos depreciativos mais demonstrativos e recorrentes. O porco é uma referência à porcaria, à sujidade, pois precisa de mergulhar numa lama nauseabunda para manter a temperatura do seu corpo. O fato de um dos bacorinhos estar a lamber um dejetos da porca acrescenta uma noção de abjeção (Doizy, 2009). Assim, a imundície é associada à própria política, não havendo, propriamente, a animalização de um personagem, mas da política como um todo, estando, no entanto, representados diversos leitões com as siglas dos partidos da rotação (regenerador e progressista) e, ainda,

Fuschini, o contestatário, um bácoro com a sigla da sua Liga Liberal, o que está a comer o dejetos e outro republicano que morde a cauda de um dos progressistas (França, 2007).

São, ainda, utilizadas as vegetalizações, que são a conversão de seres humanos em legumes, o que sendo um processo mais benévolo, não deixa de ser uma despromoção na escala dos seres. O grau máximo da despersonalização é atingido com uma relação risível de equivalência com o mundo das coisas inertes, como os minerais (Homem, 2011).

Exemplos da sátira gráfica são o *cartoon* e a caricatura, que analisaremos com mais destaque no capítulo dedicado à imagem. Existindo combinados, desde o séc. XVIII, têm sido, provavelmente, a mais popular e influente forma de sátira. São a mais literária forma de arte visual, intimamente, relacionada com o jornalismo (Hodgart, 2009).

2. “CARICATURAR É ESTRAGAR O ESTUQUE DE CADA UM COM PROTESTO DO SENHORIO”⁴

Os jornais satíricos e os jornais, em geral, dedicam particular importância à imagem nos seus conteúdos, assumindo particular destaque em todas as suas edições. No caso dos primeiros, é regular a publicação de caricaturas, *cartoons*, tiras cómicas e fotomontagens. Assim, é fundamental estabelecer os conceitos da caricatura e as suas principais definições. Sendo a sua história já longa e nela tendo intervindo inúmeros artistas e jornalistas satíricos, bem como diversas instituições que promoveram a sua preservação como forma de arte e de intervenção, tornou-se impreterível considerar a sua história como justificação não só dos veículos da transmissão que pretendemos analisar mas, principalmente, da análise das instituições responsáveis pela própria transmissão dos seus valores e propósitos principais até aos nossos dias.

2.1. O HUMOR GRÁFICO/A SÁTIRA DE IMPRENSA

O desenho satírico é uma simples variação temática dentro das artes plásticas mas, pela sua importância na sociedade contemporânea, conquistou um novo espaço nas artes. Em Espanha, adotou-se o termo de Humor Gráfico mas, em Portugal, preferiu-se o termo Caricatura. Osvaldo Macedo de Sousa explica que o termo espanhol contém uma obrigatoriedade de comicidade que as artes de irreverência gráfica nem sempre têm. Assim, a sátira de imprensa abarca diferentes subformas de expressão, nomeadamente, o exagero, a incongruência, o contraste que, sendo parceiros da inteligência irreverente, nem sempre têm no riso o aspeto mais importante. Explica o autor que, por vezes, a dor é mais forte do que o prazer (O. M. de Sousa, 2007c).

A fotomontagem, segundo o mesmo autor, “é uma das facetas mais importantes do humorismo do séc. XX, e ao mesmo tempo uma das mais perigosas, já que a paródia e o grotesco caricatural criados podem ser encarados como realidades irrefutáveis” (O. M. de Sousa, 1988, p 67). Consiste numa montagem de vários troços de fotos numa só, de

⁴ Legenda de um desenho de Rafael Bordalo Pinheiro (Pinto, 1915, p 22).

maneira que surja como uma reprodução de uma verdade (O. M. de Sousa, 1988). É, assim, “a caricatura e o *cartoonismo* levados ao extremo do «simulacro»” (O. M. de Sousa, 1988, p 67).

2.2. A CARICATURA

A caricatura já era conhecida entre os egípcios, por volta de 1200 a.C., em papiros que circulavam criticando os costumes da época. A caricatura, puramente gráfica, foi desenvolvida por pintores como Leonardo Da Vinci, Albrecht Dürer, Pieter Brueghel, o Velho e Hieronymus Bosch. A caricatura, no sentido mais moderno surge, porém, no final do século XVI, através do pintor bolonhês Annibale Caracci (Sá, 2010). A palavra “deriva do verbo italiano *caricare*, que significa «carregar», indicando que o desenho caricatural sobrecarregava os traços particulares de uma pessoa” (Sá, 2010, p 28). Surge no prefácio do álbum que este pintor editou com o irmão, em 1646, «Diverse figure al numero di ottanta» em que afirma que:

“o retrato-caricatura baseia-se na natureza, nos seus caprichos, deforma os traços do rosto. Um nariz demasiado grande, uma boca larga pode produzir um efeito mais expressivo, ao ponto de se tornar cómico. O artista deve acusar, exagerar as deformações naturais sem abandonar a semelhança ao modelo” (Caracci in O. M. de Sousa, 2007a).

Para Bergson, “a caricatura, que tem qualquer coisa de diabólico, põe em evidência o demónio que venceu o anjo” (Bergson, 1993, p 31). Embora tenha por objetivo uma exageração, existem caricaturas mais verosímeis que retratos mas, para parecer cómico, é preciso que o exagero não pareça ser o objetivo (Bergson, 1993). Assim, hoje são mais conhecidos os personagens históricos contemporâneos de Rafael Bordalo Pinheiro pelas caricaturas que este deles fez do que por outras imagens (Leitão, 2005; Cotrim, 2005a)⁵. A caricatura, como arte da exageração, surge como antídoto à cegueira dos políticos e serve para corrigir a ótica dos fatos ou ideias. Foi concebida sob a noção do grotesco e tem como base da sua comicidade crítica a exageração (O. M. de Sousa, 2007a).

O termo foi adotado, como generalista, englobando “todo o desenho de intervenção irreverente de imprensa, seja ele de sátira política imediatista, seja de humor branco, seja de narrativa gráfica...” (O. M. de Sousa, 2007a). A caricatura é uma linha que retrata a natureza (humana, animal, vegetal, etc...) através da deformação física ou moral, sendo associada ao

⁵ Hintze Ribeiro, Presidente do Conselho de Ministros (1893-97; 1900-04;1906), inúmeras vezes caricaturado por Bordalo, tendo estado presente no seu funeral, afirmou mesmo que quando queria recordar a sua vida política folheava as páginas do caricaturista (Leitão, 2005).

retrato exagerado, em que a figura humana é o centro da sátira gráfica (O. M. de Sousa, 2007a). No seu início, a caricatura gráfica exigia ao artista a criação de um cartão (*cartoon*) que o artesão passava para a pedra litográfica. Em França, usa-se o termo *portrait-charge* (O. M. de Sousa, 2007a), que foi adotado no Brasil como *charge*.

Sousa considera a caricatura como uma crítica mais ofensiva do que defensiva, o que leva a que crie os seus inimigos. Assim, alguns consideram-na como uma ofensa à natureza exterior do Homem, mas outros veem-na como uma grave ofensa ao indivíduo. Assim, se os primeiros a veem como um veículo, os segundos veem-na como uma arma assassina, pelo fato do amor-próprio ser tocado pela deformação caricatural. Muitos políticos se sentiram, assim, ofendidos e não se reconheceram nas caricaturas como aconteceu com o general Ramalho Eanes e as caricaturas de Augusto Cid (Sérgio, 2012). O ataque da caricatura é feito ao maior medo do Homem, que é a perda do amor dos outros. Por isso, a caricatura é vista, pelos críticos, como um «cão de guarda» do público, do pensamento e da liberdade, que pode estar a ser ameaçada por um indivíduo. A caricatura política é, também, um documento das modas, dos costumes, da política e a própria história da caricatura é a história da consciência da sociedade (O. M. de Sousa, 1988).

A arte de fazer caricatura compreende várias fórmulas que se entrelaçam com as técnicas de sátira, já revistas por Hodgart e Homem. Assim, a ampliação utiliza uma cópia fiel do natural e acentua o que sai do normal. No desenho, pode ser o alongamento do que já é longo, o alargamento do que já é largo. A Figura 3 é um bom exemplo disso. Na literatura, será tornar mais enfático aquilo que já é característico, como por exemplo, um vício (O. M. de Sousa, 1988). A simplificação consiste na cópia fiel dos traços característicos, desprezando as deformações inúteis, sem perder de vista a realidade, deixa-se de trabalhar com todos os elementos que não são essenciais e característicos, esquecendo os elementos secundários do «objeto» caricaturado. A caricatura pode, também, utilizar a simplificação e a ampliação combinadas, sendo, nesse caso, o «retrato» feito só com os elementos essenciais e característicos, exagerando alguns dos últimos (O. M. de Sousa, 1988). Finalmente, a estilização, que se poderia englobar na simplificação, embora seja um extremismo desta, é “uma síntese, um trabalho de «laboratório» onde a depuração dos elementos requer um estudo iluminativo intenso, ultrapassando o esquema fisionómico, físico ou espiritual” (O. M. de Sousa, 1988, p 32). É uma versão abstrata na caricatura, com uma série de traços mínimos, dando a sugestão estética do caricaturado. A Figura 2, de António Jorge Gonçalves é um exemplo disso. Na literatura, a estilização é uma sugestão de características híper-realçadas (O. M. de Sousa, 1988).

Em relação ao modo de caricaturar, este pode ser diretamente do indivíduo, por metamorfose ou por alegoria. No primeiro, utiliza-se o retrato do indivíduo, ou objeto, tal como é, caricaturando-o por inteiro ou por partes, podendo-se conjugar ambas as opções, sendo um exemplo a macrocefalia, um aumento descomunal da cabeça, que assegura um campo maior de expressão da caricatura facial e permite um melhor reconhecimento do personagem. A Figura 3 é um bom exemplo disso. Na metamorfose, utilizam-se onomatopeias ou metamorfoses por comparação com o indivíduo ou objeto, utilizando o nome, parencas ou atividades como fonte de inspiração para transformar os representados em animais, vegetais, minerais ou, ainda, animais e objetos em seres humanos. Por fim, no modo de caricaturar por alegoria utilizam-se os nomes, ou atividades, para construir a caricatura através de símbolos ou alegorias (O. M. de Sousa, 1988) ⁶.

⁶ Sá informa-nos que o rei francês Luís XIV foi alvo da primeira campanha moderna, realizada em larga escala, através de *cartoons*. Por volta de 1740, foram editadas, em Inglaterra, 25 caricaturas a partir de desenhos originais de vários artistas. Rapidamente, a caricatura apareceu publicada na imprensa, nomeadamente, em *The London Magazine*, *Political Register* e *Town and Country Magazine* (Sá, 2010).

William Hogarth (1697-1764) estabeleceu a ligação com o *cartoon* e com as sequências narrativas em pintura e gravura. A sua fama permitiu o aparecimento de continuadores, como James Gillray (1757-1815), Thomas Rowlandson (1756-1827) e George Cruikshank (1792-1878), que aplicaram o *cartoon* ao campo político e referenciaram indivíduos realmente existentes. A 9 de maio de 1794, surgiu, em *The Pennsylvania Gazette*, a primeira versão em xilogravura do famosíssimo *cartoon* anónimo «Join, or Die», apelando à união das colónias norte-americanas contra o pesado governo britânico e atribuído ao multifacetado Benjamin Franklin (Sá, 2010).

Durante o século XIX, a caricatura teve uma grande expressão e produção, nomeadamente, através do pintor Francisco Goya, do quinzenário satírico escocês *Glasgow Looking Glass*, da revista republicana parisiense *La Caricature*, onde colaboraram C.-J. Traviès, Grandville, Paul Gavarni, Henri Monnier e Honoré Daumier. Este jornal ilustrado de sátira, surgido em 1830, é considerado o primeiro da sociedade ocidental (O. M. de Sousa, 2007a). Baudelaire dá grande destaque a estes caricaturistas (Baudelaire, 1980a; 1980b).

Seguiram-se o diário *Le Charivari*, o semanário *Musée Philippin* e *Le Journal Pour Rire*, imitado em Portugal com o título *Jornal Para Rir* (1856). *Le Journal Pour Rire* contaria com a colaboração de Gustave Doré, cujo primeiro álbum de BD foi publicado em 1847 (Sá, 2010).

Na Inglaterra, foram editados a *McLean's Monthly Sheet of Caricatures, or The Looking Glass*, com desenhos de William Heath, Robert Seymour e John Doyle. Em 1841, é criada a revista em xilogravura *Punch, or The London Charivari*, onde nasceria o termo *cartoon* na sua aceção moderna, a que se seguiu o magazine generalista ilustrado *The Illustrated London News* (Sá, 2010). Seguiram-se *L' Illustration*, em França e *Leipziger Illustrirte Zeitung*, na Alemanha. Surgiram, ainda, em Itália, *Il Fischietto* e nos EUA, *The Humorist*, *Yankee Doodle* e *Harper's Weekly*. Neste mesmo país, notabilizou-se Thomas Nast, tendo começado no *Frank Leslie's Illustrated Newspaper* e que foi quem criou as figuras modernas de Santa Claus, o Pai Natal e do Tio Sam. Na Inglaterra, foi criada a personagem de John Bull, sobretudo por John Tenniel. Esta personagem representava a imagem da pátria inglesa (Sá, 2010).

Vários jornais em língua alemã e inglesa surgiram nos EUA, tendo sido introduzida a cromolitografia em 1877. Esta técnica permitiu um grande desenvolvimento das publicações ilustradas, de que são exemplos o magazine *Judge*, *Life*, *Tid-Bits* e *Time* (1888). O jornal *The New York World*, de Joseph Pulitzer, foi o primeiro a publicar *cartoons*, em 1884 (Sá, 2010). No ano seguinte, “rebentou a guerra dos grandes jornais, cada qual rivalizando de inventiva para ganhar mais leitorado – publicando então profusão de *comics* nas *Sunday pages*” (Sá, 2010, p 31).

2.2.1. O cartoon

O *cartoon* significa uma composição fantástica, muitas vezes, um tipo de alegoria e tem, normalmente, um tema político. Quanto à caricatura, esta é o retrato distorcido de indivíduos. Existindo combinados desde o séc. XVIII, têm sido, provavelmente, a mais popular e influente forma de sátira. São, ainda, a mais literária forma de arte visual, intimamente, ligada ao jornalismo. Embora a arte do cartoonista seja efémera, como na sátira literária, ocasionalmente, ascende à grandiosidade, como aconteceu com Hogarth, Gillray, Goya ou Daumier (Hodgart, 2009).

A partir de meados do século XIX, o termo caricatura passou a designar os desenhos humorísticos ou satíricos, os *cartoons* ou histórias aos quadrinhos (Sá, 2010). O *cartoon* consiste numa cena satírica, política ou humorística, completa e autossuficiente, desenhada num só quadro, muitas vezes, acompanhada de uma legenda. Existem *gag cartoons* com o único objetivo de divertir. O *cartoon* torna-se próximo da BD na forma, porém, carece de continuidade narrativa (Sá, 2010).

Sousa encara o termo *cartoon* como um dos mais polémicos no mundo atual dos conceitos do humor gráfico. A origem do termo provém do mundo técnico, pois nas artes decorativas era usual a divisão entre criadores e artífices, sendo que o autor criava o cartão (*cartoon*) e o técnico transpunha-o para a obra final. Assim, no mundo do desenho de humor/caricatura, surgiu primeiro a xilogravura (em madeira), depois a litografia (em pedra calcária), em que existiam técnicos intermediários e, só mais tarde, surgiram as formas mecânicas, como a zincogravura, a fotogravura e o *offset* (O. M. de Sousa, 2007b). No semanário *A Paródia*, a técnica utilizada era a litografia e, em algumas páginas, a cromolitografia, com utilização de cores.

Para o cartoonista Cid, o *cartoon* será um comentário através de desenhos da realidade social do país (Sérgio, 2012). Para o cartoonista António Jorge Gonçalves, o termo preferido são desenhos, sendo a relevância o seu chicote: ele procura, no meio de assuntos complexos, um desenho que dê a ver qualquer coisa de essencial (Canelas, 2012). O seu *cartoon* da Figura 2 é um bom exemplo disso, analisando a relação da aproximação das eleições legislativas alemãs com a falta de resposta à crise europeia. Foi, assim, que se transformou num “cronista gráfico original e acutilante, sempre atento à política doméstica e internacional, aos seus protagonistas e, sobretudo, aos seus reflexos sociais” (Canelas, 2012, p 20). O *cartoon* político é como um escravo dos temas reconhecíveis da agenda nacional e internacional e só resulta se as pessoas tiverem à mão os referentes para o descodificar. Para

António Jorge Gonçalves, um bom cartoonista é aquele que toma partido, que dá opinião, que garante que esteve lá e viu (Canelas, 2012). Assim, no seu *cartoon* da Figura 2, o cartoonista denuncia uma situação, assumindo uma opinião crítica à opção da chanceler alemã.

Os cartoonistas são autênticos cronistas gráficos e procuram suscitar o riso e a reflexão, deixando o leitor «a olhar para o boneco». Para o cartoonista Bandeira, o *cartoon* é uma variante jornalística, sendo contextualizado pelo jornal ou revista. O *cartoon* é um desenho que procura “captar aspetos fundamentais dos acontecimentos de forma sintética e certa” (Freitas, 2009a, p 8). Para Rui Pimentel, também, cartoonista, a vertente jornalística do *cartoon* prende-se com o facto de este estar, normalmente, ligado a um acontecimento político ou social, podendo integrar-se no comentário político (Freitas, 2009a). É, assim, que em todas as figuras, anteriormente, referidas se expõe um comentário político, satírico, mas sobretudo crítico.

Augusto Cid “apresenta o *cartoon* editorial como «um espaço de opinião política»” (Freitas, 2009a, p 8). António Antunes esclarece que o plano de jornalismo do *cartoon* é o da crónica, do editorial, que são géneros opinativos ancorados na realidade, e não o da reportagem (Freitas, 2009a).

Para Luís Afonso, “a intenção de um *cartoon* não é apenas fazer rir, mas também fazer pensar” (Freitas, 2009a, p 11). Cristina Sampaio considera o *cartoon* como um comentário, um desenho de opinião (Freitas, 2009b). Para o cartoonista Baltazar Ortega, “o *cartoon* é uma forma de intervenção tão poderosa que ainda hoje mete medo e consegue inflamar poderes políticos e religiosos” (Freitas, 2009c, p 21). Foi o que aconteceu com as caricaturas do profeta Maomé que incendiaram o mundo religioso extremista islâmico (Le Monde, 2011).

Luís Humberto Marcos, diretor do Museu Nacional da Imprensa, considera que a caricatura e o *cartoon* constituem uma “síntese de crítica e de humor, tanto em relação à sociedade como a figuras públicas” (Freitas, 2009d, p 24). Assim, “o *cartoon*/caricatura é um género jornalístico iconográfico, marcado pela interpretação humorístico-satírica da atualidade através da deformação ou amplificação de elementos significantes da realidade social ou política” (Freitas, 2009d, p 24), constituindo-se como uma crónica satírico-gráfica (Freitas, 2009d). Assim, o livro de António Jorge Gonçalves “bem dita crise!” e, principalmente, os semanários de Rafael Bordalo Pinheiro constituem, também, essa crónica de cada um dos tempos históricos abordados pela abrangência dos temas satirizados.⁷

⁷ O termo *cartoon* foi utilizado, pela primeira vez, como refere Sá, anteriormente, no âmbito do humor, em 1843, no jornal britânico *Punch, or The London Charivari*, numa sátira de John Leech ao desperdício de dinheiro do governo inglês numa exposição de desenhos (*cartoons*) no parlamento inglês, num período de grande crise

2.2.2. Resenha histórica da caricatura política em Portugal

A história da caricatura em Portugal cruza-se com a própria história da BD. Segundo Medina, a verdadeira atividade da caricatura na nossa imprensa periódica ilustrada começa com o regime representativo liberal, no século XIX. Refere que as próprias medidas liberticidas dos Cabrais, as famosas «Leis da Rolha», contribuíram para o desenvolvimento da caricatura lusa, de que são exemplos os órgãos *A Matraca*, *O Patriota*, *O Torniquete*, *Demócrito*, *O Duende*, etc. (Medina, 2008).

Sousa considera que, em Portugal, “a Caricatura surge como consequência da luta entre o liberalismo e o absolutismo, e a vitória do primeiro” (Humorgrafe, 1997, p 7). Começaram a ser importadas folhas volantes de cunho satírico, levando alguns dos gravadores portugueses a tentarem criar sátiras gráficas aos acontecimentos e às figuras da nossa política. No entanto, o receio de represálias levou-os a utilizarem pseudónimos para assinarem as suas obras, como Cecília, Maria, Afonso (Humorgrafe, 1997). O primeiro jornal satírico terá sido o *Supplemento Burlesco* do jornal *O Patriota*, em 1847. Sousa considera ser este o momento em que nasce a caricatura gráfica portuguesa, mas também a História da Caricatura na Imprensa Portuguesa (O. M. de Sousa, 1998). Este suplemento publicou-se até 1853, teve como redator Bernardim Martins da Silva, um jornalista excêntrico, e como caricaturista um tal «Lopes Pinta-Monos» (França, 2007). Foi um jornal de grande êxito, que se constituiu como oposição setembrista ao governo cartista (França, 2007; O. M. de Sousa, 1998).

Dos seus primeiros artistas assinaláveis, Medina destaca, também, Cecília, o «Pinta-Monos» e alguém que assinava Maria. Refere, ainda, os nomes de Manuel Macedo (1846-1915), Manuel Maria Bordalo Pinheiro, pai de Rafael e Columbano Bordalo Pinheiro ⁸ e Nogueira da Silva ⁹ (1830-1896) (Medina, 2008).

económica, e que o jornal designou *Cartoon N.º 1*. O problema, para Sousa, é que o termo *cartoon* se aplica tanto na caricatura como na narrativa gráfica e no cinema de animação (os *toons*) (O. M. de Sousa, 2007b).

Com a dominância dos EUA, depois da II Guerra Mundial, o termo *cartoon* acabou por substituir a caricatura, a qual se tornou um género deste. Outro género é o dos *gags*, que são “momentos de humor inócuo, que podem ser em comédia ou desenho, sendo neste caso *Gags de cartoon*” (O. M. de Sousa, 2007b). A sátira política foi substituída pelo “*Cartoon* Editorial, ou seja, aquele que é feito sob pressão do momento, uma crítica datável” (O. M. de Sousa, 2007b). O *cartoon* editorial corre, então, o risco de ser incompreendido, se for publicado antes e de se encontrar desatualizado ou se for publicado muito depois dos fatos terem acontecido. O autor refere, também, que muitos estudiosos consideram que a alteração terminológica da caricatura satírica ou sátira política para o *cartoon* editorial coincide com uma alteração no conceito da política e da crítica humorística, tendo os políticos deixado de ser figuras individuais dentro de uma governação, para serem representativos da governação, do partido porque foram eleitos, das suas diretrizes conjunturais. Assim, na caricatura satírica, antes havia o indivíduo/Caráter/poder, enquanto o *cartoon* editorial comenta o Homem/coletivo/poder (O. M. de Sousa, 2007b).

⁸ Manuel Maria Bordalo Pinheiro, “sem ser um caricaturista ou um humorista, é um dinamizador (pela sua atividade de gravador e de crítico, pela constituição de uma sociedade Promotora de artes...) da gravura que

Com a *Geração de 70*, surgiria “o primeiro grande vulto, não só pela sua extensa presença nas lides da Imprensa satírica, como pelo seu génio criador” (Medina, 2008, p 30): Rafael Bordalo Pinheiro. Este artista foi o criador do *Zé Povinho*, animador de três semanários, *António Maria*, *Pontos nos ii* e *A Paródia* e realizou uma série de litografias coloridas, o *Álbum das Glórias* (Medina, 2008).

O sucesso de Rafael Bordalo Pinheiro levou a que tivesse muitos seguidores: Sebastião Sanhudo¹⁰, Columbano, o irmão do artista, e o filho de Rafael, Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro (1867-1920)¹¹, João de Almeida e Silva (*Charivari*, Porto), Alfredo de Moraes (1872), Jorge Cid (1877-1935), Silva e Sousa (*O Zé*), João Amaral (*A Careta*, *O Século Cómico*), Cristiano de Carvalho (1871), Tomás Leal da Câmara (1876-1948), que viveu e colaborou em França no prestigiado *L'Assiette au Beurre*¹², Celso Hermínio (1871-1904)¹³, Hugo Sarmiento (1885) e Arnaldo Ressano (1880) (Medina, 2008).

Foi nesta época que “os próprios jornais «sérios» noticiosos começavam a publicar suplementos ilustrados ocasionais, onde surgiam os caricaturistas a publicarem seus trabalhos nas páginas do corpo principal... como é o caso do *Comércio do Porto*, do *Diário de Notícias*, e em breve *O Século*” (O. M. de Sousa, 1998, p 375). Na viragem do século, o rafaelismo já tinha criado uma escola, gerando um salto positivo na qualidade geral, notando-se, ainda, uma maior influência do grafismo Arte Nova que se desenvolvia na Europa, que muito terá ficado a dever às viagens de Rafael Bordalo e Manuel Gustavo ao estrangeiro e a chegada de revistas estrangeiras a Portugal. Antecipa-se, também, a revolução do pré-

impulsionará a caricatura, do realismo como revolução estética da ilustração humorística” (O. M. de Sousa, 1998, p 54).

⁹ Nogueira da Silva é destacado por França e foi ilustrador da *Revista Popular*, em técnica de madeira-a-topo, e do *Jornal para Rir* (França, 2007). Foi fundador do *Asmodeu* e colaborou, ainda, no *Archivo Pitoresco*, n' *O Carnaval*, *Cabרון*, *O Escarpelo*, *O Demócrito*, o *Baudoir*, sendo considerado “o primeiro mestre da caricatura portuguesa” (O. M. de Sousa, 2002a, p 106).

¹⁰ Sebastião Sanhudo lançou o jornal o *Pae Paulino*, no Porto, em 1877, seguindo-se *O Sorvete* e colaborações em vários outros jornais como *A Corja* (O. M. de Sousa, 2002a). Foi muito apreciado no Porto e, mesmo, por Rafael Bordalo Pinheiro, que colaborou no seu jornal (França, 2007).

¹¹ Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro, embora tendo sido um dos melhores cartoonistas da nossa história, sofreu toda a vida o peso do seu pai, com o qual colaborou em todos os seus jornais (O. M. de Sousa, 2002a).

¹² Leal da Câmara foi um artista pré-expressionista, tendo colaborado em inúmeros jornais, dos quais se destacam o *Suplemento Humorístico do Século*, *O Diabo*, *A Corja*, onde a sua intervenção foi mais fulminante, levando à sua fuga para o exílio em Madrid e Paris, onde triunfou, nomeadamente, no jornal *L'Assiette au Beurre* (O. M. de Sousa, 2002a; França, 2007). No seu regresso a Portugal, com a proclamação da República, foi Presidente da *Sociedade dos Humoristas*, lançou o *Miau*, no Porto, e criou o *Grupo dos Fantasistas* (O. M. de Sousa, 2002a).

¹³ Celso Hermínio iniciou a sua carreira, ainda, na juventude e, apreciado pela família Bordalo, tornou-se colaborador do *António Maria* (1894), lançando o seu próprio jornal *O Micróbio*, no mesmo ano, onde o seu traço se vai afirmando e libertando da influência rafaelista (O. M. de Sousa, 1998). Fundou, ainda, *O Berro* e *A Carantonha*, tendo colaborado n' *A Chacota* e vivido no Brasil. Era algo anarquista ou libertário e não perdoava os atropelos da Ordem, em páginas agressivas (França, 2007). Tendo morrido, ainda, jovem, em 1904, foi “um dos mestres do desenho satírico nacional (...) o revolucionário que introduziu o pré-expressionismo nas nossas artes” (O. M. de Sousa, 2002a, p 81).

expressionismo e do modernismo. Por outro lado, houve uma evolução técnica da gravura, desde a gravura em madeira, passando pela litografia até à zincogravura, que surge no final do séc. XIX (O. M. de Sousa, 1998).

Seguiram-se José da Silva Monteiro (1881-1970), colaborador nos *Ridículos*, Alonso (1871-1948), Jorge Colaço, Francisco Valença, colaborador do *Chinelo* (1900) e do *Sempre Fixe* (1926), entre outros (Medina, 2008).

Medina conta que “já em fase da primeira e atarantada República” (Medina, 2008, p 32), se acrescentam os nomes de Rocha Vieira (1888-1947), Alfredo Cândido (1879-1960), Emmérico Nunes (1888-1968)¹⁴, Hipólito Collomb (1892-1947?), Abel Salazar (1886-1946) e José de Almada Negreiros (1893-1970), colaborador do talassa *Papagaio Real*¹⁵ (Medina, 2008).

Nesta época de rotura, Sousa destaca o papel do Grupo de Coimbra, que levou por diante uma rotura com o academismo, que em caricatura é designado como rafaelismo, virando-se para o quotidiano, procurando o sorriso na vida, abandonando o achincalhamento dos indivíduos e preferindo o ataque aos sistemas. Este grupo era constituído por Luíz Filipe, Christiano Cruz, Cerveira Pinto e Correia Dias e animou revistas como *O Gorro*, *A Rajada*, *A Águia* e *A Sátira*. O líder espiritual da nova geração, que incluiu Almada Negreiros, Stuart Carvalhais, Hipólito Collomb e Jorge Barradas foi, precisamente, Christiano Cruz (O. M. de Sousa, 1999a).

Seguiram-se Cottinelli Telmo (1897-1948), que foi também ilustrador de livros e autor de BD, Amarelhe (1894-1946), Carlos Botelho (1899-1982), cronista do *Sempre Fixe*, entre outros (Medina, 2008). Medina destaca, como um dos supremos talentos da caricatura portuguesa (Medina, 2008), José Herculano Stuart de Carvalhais (1887-1961)¹⁶, “uma das mais fortes expressões do nosso génio cartoonístico” (Medina, 2008, p 34).

Em 1916, foi inaugurado o Museu Bordalo Pinheiro, em Lisboa, graças à grande admiração que o poeta Ernesto de Santa Cruz Magalhães nutria pelo artista e à importante

¹⁴ Emmérico Nunes teve uma magnífica carreira na Alemanha (*Flegende Blatter* e *Meggendorfer Blatter*), regressando a Lisboa, em 1918, onde prosseguiu a sua carreira de humorista (O. M. de Sousa, 2002a).

¹⁵ Almada Negreiros, irreverente modernista, fez a sua carreira como caricaturista n' *A Sátira*, *A Capital*, o *Papagaio Real*, *ABC a Rir*, *Domingo Ilustrado*, *Notícias Ilustrado*, *Diário de Lisboa* e *Sempre Fixe*, tendo participado nas exposições dos Humoristas, Modernistas e se manifestado com os Futuristas (O. M. de Sousa, 2002a).

¹⁶ Stuart Carvalhais ficou na história da banda desenhada graças a *As Aventuras e Quim e Manecas*, mas foi considerado um génio satírico que se adaptava como que num jogo irónico (O. M. de Sousa, 1999a). Assim, “Stuart marcará a República com a sua agressividade satírica, como marcará o Estado Novo com a sua bonomia feita populismo” (O. M. de Sousa, 1999a, p 90). Colaborou no *Suplemento Humorístico de O Século*, na *Ilustração Portuguesa*, *Voz da Juventude*, *A Garra*, *O Zé*, *A Lanterna*, *O Pardal*, triunfa em Paris e, no seu regresso, colabora no *Papagaio Real*, *Os Sports*, *Diário de Lisboa*, *Diário de Notícias*, *Vida Mundial*, *Sempre Fixe*, *Ridículos*, destacando-se como uma voz do humor popular (O. M. de Sousa, 2002a).

coleção bordaliana que reuniu. Em 1920, por iniciativa do bibliógrafo Álvaro Neves constituía-se o Grupo de Amigos-Defensores do Museu Raphael Bordallo Pinheiro, presidido por Sebastião Magalhães Lima que, conjuntamente com Ernesto Magalhães, iria promover a investigação e ações de divulgação. Em 1924, o Museu é doado ao Município de Lisboa, a quem ainda hoje pertence (Leite, 2005).

No Estado Novo, “a intenção política nos trabalhos de humor publicados em jornais e revistas esmoreceu” (Zink, 2001, p 31). Assim, durante a ditadura salazarista e com a censura estabelecida pelo *Lápis Azul*, os artistas sobreviveram com dificuldade (Medina, 2008). No entanto, apesar da Censura, “o humor teve que aprender a calar, a disfarçar a sua irreverência, o que não foi fácil nem pacífico, porque sempre que possível saía um grito do fundo do estômago” (O. M. de Sousa, 1999b, p 7). Houve jornais que se mantiveram, como *Os Ridículos* e o *Sempre Fixe*, e, de certa maneira, toda a imprensa noticiosa destacava um espaço gráfico ligado ao humor nas suas páginas. No entanto, este espaço foi sendo ocupado, desde a década de vinte, pela crescente presença de trabalhos de artistas estrangeiros, desde espanhóis, franceses, ingleses, a americanos, que colocavam os seus trabalhos por uma bagatela, pois os empresários de imprensa, apenas, tinham de pagar os direitos de reprodução (O. M. de Sousa, 1999b).

Um dos primeiros historiadores do humor nacional foi Luíz de Oliveira Guimarães, que fez o levantamento de diversas biografias de humoristas, organizou eventos, exposições e conferências nas décadas de 30/40/50 (O. M. de Sousa, 1999b).

Apesar da ditadura, da criação do campo de concentração do Tarrafal, da Guerra Civil em Espanha, o Grupo dos Humoristas Portugueses reaparece, nesta época, após as exposições de 1912, 1913, 1920 e 1924, sendo aprovados os seus novos estatutos, bem como diversas intenções de atividades, das quais se realizariam conferências, em 1938, e uma grande exposição, no mesmo ano, um *Serão Humorístico*, no ano seguinte e uma 2ª exposição, em 1940. Era, no entanto, um grupo aburguesado e constituído, basicamente, por simpatizantes do humor e não por humoristas. Veio a ser extinto em 1943 (O. M. de Sousa, 1999b).

O centenário de Rafael Bordalo Pinheiro, em 1946, foi comemorado com conferências e uma exposição organizadas pelo Grupo de Humoristas Rafael Bordalo e pelo Grupo dos Amigos-Defensores do Museu Raphael Bordallo Pinheiro (O. M. de Sousa, 1999b).

Outro caricaturista que iniciou a sua carreira nesta época foi José Vilhena (1927), colaborando no *Primeiro de janeiro*, *Os Ridículos*, *Diário de Lisboa* e *O Mundo Ri*, este em 1955¹⁷ (O. M. de Sousa, 1999b; 2002a; Zink, 2001).



FIGURA 5: A POLÍTICA CONTINUA A SER A MESMA PORCA ONDE ALTERNADAMENTE MAMAM OS BACORINHOS

(Vilhena, 1980b)

A Figura 5 é a capa de uma publicação de José Vilhena que durou dois números: *Paródia – comédia portuguesa*, em homenagem a Bordalo Pinheiro, e nela aparece, de novo, a política representada por uma porca com os bacorinhos a mamar e a morderem-se as caudas, embora agora tenham as siglas dos partidos de 1980: PPD, CDS, PS, PPM, PC, UDP e MDP/CDE. O desenho é mais limpo do que o de Bordalo, pois não há sinais de excrementos,

¹⁷ Publicou mais de meia centena de livros humorísticos, tendo tido várias visitas e apreensões pela PIDE. No pós-25 de abril, foi, também, editor de uma dezena de títulos de periódicos como *Gaiola Aberta*, *Fala Barato*, *Cavado*, *Vida Lisboa*, *Moralista* (O. M. de Sousa, 2002a) e dois números de *Paródia: comédia portuguesa* em homenagem a Rafael Bordalo Pinheiro.

no entanto, não deixa de ser uma animalização e uma despromoção, associando a política à imundície do porco, como referimos para a caricatura de Rafael Bordalo Pinheiro. Não deixa de ser curiosa esta capa semelhante oitenta anos depois, deixando antever a transmissão de uma ideia e de alguns valores através de uma esfera temporal diferente, conforme as observações de Régis Debray.

A obra de Vilhena tem um cunho erótico, brejeiro, escatológico e “é uma artista mal-amado em certos meios intelectuais e cartoonísticos, mas é o artista mais popular do séc. XX” (O. M. de Sousa, 2002a, p 96). O seu é um humor de algibeira, pelo formato e pelo conteúdo – “textos de humor, sátiras de costumes com pontual sabor político” (Zink, 2001, p 30).

Entretanto, em 1959, na rádio, faziam sucesso os *Parodiantes de Lisboa* que haveriam de editar, em 1961, a revista *A Parada da Paródia*, que durou um ano. Em 1960, João Abel Manta inicia a sua carreira no humor gráfico (O. M. de Sousa, 1999b).

Importa referir que, nesta época, faleceram os dois últimos rafaelistas, Francisco Valença (1882-1963), que foi o caricaturista principal do *Sempre Fixe* e Manuel Monterroso (1875-1968), que colaborou n' *Os Pontos*, *A Paródia*, *ABC*, *Sempre Fixe*, etc. (O. M. de Sousa, 1999b; 2002a). No entanto, o personagem Zé Povinho, criado por Rafael Bordalo Pinheiro, em 1875, manteve a sua presença, ao longo de toda a história da caricatura de imprensa, até aos nossos dias, sendo adaptado pelos mais diversos artistas, nomeadamente, Alonso, Amarelhe, António, Celso Hermínio, Francisco Valença, Hipólito Collomb, João Abel Manta, Jorge Cid, Leal da Câmara, Luís Filipe, Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro, Manuel Monterroso, Sebastião Sanhudo, José Vilhena (Lisboa, Ferrão, & Moita, 1976) ou, ainda, Stuart Carvahais (Medina, 2008) e, mais recentemente, Nuno Saraiva, Alex Gozblau, Augusto Cid, etc.



FIGURA 6: ZÉ POVINHO MOTARD

(Saraiva, 2009)



FIGURA 7: "ZÉ POVINHO" PREPARA-SE PARA SE MANIFESTAR NO PORTO

(Fernandes et al., 2013)

Na Figura 6, Nuno Saraiva adapta o herói de Rafael Bordalo Pinheiro aos tempos atuais, neste caso como *motard*, mas sempre identificável. Nas manifestações antitroika, o Zé Povinho também não passou despercebido, o que vem realçar a tese de João Medina ao considera-lo como ícone nacional (Medina, 2008), opinião partilhada por outros autores como José-Augusto França (França, 1975; França, 2005), João Paulo Cotrim (Cotrim, 2005a), etc. Este fato, por si só, prova que houve transmissão de valores entre o século XIX e o século XXI, de acordo com as teorias de Régis Debray, o que se terá ficado a dever à celebridade em que o próprio autor se tornou e também ao fato de ter utilizado novas técnicas para o representar em 3 dimensões, nomeadamente, através da sua fábrica de cerâmica que, ainda, hoje, o fabrica.

Houve, também, o regresso do humor aos Salões da Sociedade Nacional de Belas Artes, com as exposições *A Arte do Cómico*, sobre a evolução da gravura, com obras de Brueghel, Hogarth, Goya, Grandville, Daumier, Cecília, Nogueira da Silva, Manuel Macedo, Rafael, Manuel Gustavo, Celso Hermínio, Leal da Câmara, etc. e *O Brasil na Caricatura Portuguesa*. Desenvolveu-se, também, o humorismo nas antigas colónias de Angola e Moçambique com os heróis Zé Matope e Zé da Fiska e o humor militar, entre aqueles que combateram nas antigas províncias ultramarinas (O. M. de Sousa, 1999b).

Com o fim da ditadura, “voltaram, por alguns anos, os tempos fastos do *cartoon*” (Medina, 2008, p 35) com João Abel Manta (nasc. 1928), que o autor exalta como um grande

artista ¹⁸, Augusto Cid (1941) ¹⁹, Ruy Pimentel (1951), António (1953), de seu verdadeiro nome António Antunes, “um dos talentos mais originais e assíduos do panorama cartoonístico pós-25 de abril, tanto nas páginas do semanário *Expresso* como em variados álbuns” (Medina, 2008, p 35) ²⁰, etc.

Mais recentemente, Medina refere os nomes de Luís Afonso (1965) (*Bartoon* no jornal *Público* e em álbum), José Bandeira (1962) e António Jorge Gonçalves (1964) (*O Inimigo Público*), “um dos mais talentosos e inovadores artistas no seu domínio” (Medina, 2008, p 35).

Sam (1924-1993) começou a publicar, em 1971, no *Notícias da Amadora*, onde criou o *Guarda Ricardo*, passando, depois, pelo *Jornal Novo*, *Diário de Notícias* e *Público*. Vasco (1935) iniciou-se no *Picapau* e na *Parada da Paródia*, antes de emigrar para França, por razões políticas, onde colaborou no *Le Monde*, *Le Figaro*, *Observateur*, etc., regressando a Portugal logo a seguir à revolução de abril, colaborando, então, no *Sempre Fixe*, *República*, *Diário de Notícias*, *Diário Popular*, *Público* (O. M. de Sousa, 2002a).

O período pós-revolucionário foi, assim, um período de grande proliferação de humoristas/caricaturistas e, mesmo, um dilúvio de publicações humorísticas (O. M. de Sousa, 2002b). Houve, ainda, lugar a edições históricas de Leal da Câmara, Zé Povinho, João Abel Manta, etc. A partir de 1977, “a imprensa humorística vai-se esfumando, permanecendo apenas o irredutível Vilhena” (O. M. de Sousa, 2002b, p 53). Voltam as exposições, em 1979. O programa de TV *Pão com Manteiga* torna-se um sucesso e leva à criação de uma revista humorística. Em 1987, Osvaldo de Sousa organiza o *I Salão de Caricatura de Vila Real*, a que se seguiria o *Salão Nacional de Caricatura* até 2006 e, em Lisboa, é organizado o *1º Salão do Cartoon Português*, a que se seguiriam muitos outros salões, festivais e exposições, com destaque para o *Festival Internacional de BD da Amadora* e vários prémios internacionais atribuídos a caricaturistas portugueses. Em 1993, surge *O Fiel Inimigo*, dirigido por Júlio Pinto, que duraria 48 números, mudando para *O Inimigo* a partir do nº 34 e contando

¹⁸ João Abel Manta iniciou a sua carreira, antes do 25 de abril, com um esquematismo realista, provocando “o renascimento de uma arte, de um género artístico como irreverência estética de vanguarda” (O. M. de Sousa, 1999b, p 452). Teve uma posição de rotura, introduzindo o conceito de *cartoon* em Portugal (O. M. de Sousa, 1999b). Publicou em inúmeros jornais, como *O Século Ilustrado*, *Diário de Lisboa*, *Sempre Fixe*, *Diário de Notícias*, *O Jornal*, *Jornal de Artes e Letras*, etc. (O. M. de Sousa, 2002a).

¹⁹ Augusto Cid foi dos artistas mais ativos no pós-25 de abril e colaborou na *Parada da Paródia*, *Mosca*, *Diário de Lisboa*, *República*, *Vida Mundial*, *O Dia*, *Expresso*, *O Diabo*, *Independente*, etc. Foi diversas vezes galardoado e era o mais incómodo dos nossos cartoonistas políticos (O. M. de Sousa, 2002a). Retirou-se da atividade do humor gráfico em 2012 (Sérgio, 2012).

²⁰ António iniciou-se no *República*, em março de 74, passando para o *Expresso* e colaborou na *Vida Mundial*, *Diário de Notícias*, *A Capital*, *Pão com Manteiga*, *Diário Popular*, *Mundial*, editou inúmeros álbuns e obteve diversos prémios, alguns internacionais (O. M. de Sousa, 2002a).

com as colaborações de Nuno Saraiva (1969) e André Carrilho (1974). Em 1996, é inaugurada a Bedeteca de Lisboa, com grande dinâmica e várias exposições. A série *Filosofia de Ponta*, de Júlio Pinto e Nuno Saraiva, torna-se uma referência do humor contemporâneo nas páginas do *Independente* (O. M. de Sousa, 2002b). Em 2003, surge *O Inimigo Público*, suplemento semanal do *Público* editado pelas Produções Fictícias, onde colaboram Nuno Saraiva, João Fazenda (1979) e António Jorge Gonçalves. O *Bronkit* foi um suplemento do jornal *Trevim*, da Lousã, publicado entre 2001 e 2004 e entre 2009 e 2010 e produzido pela FECO Portugal – Associação de Cartoonistas e que teve como principal impulsionador Zé Oliveira.

Medina, em jeito de conclusão, afirma que estes autores nem sempre têm “a força crítica demolidora dos grandes fundadores e continuadores do género” (Medina, 2008, p 36), nomeadamente, de Rafael Bordalo Pinheiro, Stuart de Carvalhais, Leal da Câmara, João Abel Manta ou, mesmo, de Almada Negreiros (Medina, 2008).

3. “SE NÃO ACONTECEU, PODIA TER ACONTECIDO”²¹

O jornalismo satírico tem sido estudado com alguma pertinência na França, nos EUA e em outros países, no entanto, a sua investigação em Portugal, embora com algumas obras de vulto é, ainda, incipiente. Importa, pois, contextualizar este género de jornalismo de opinião como um jornalismo de tipo humorístico e que tem, assistido, recentemente, a um desenvolvimento na televisão através de programas como *The Daily Show*, *Colbert Report* e *O Gato Fedorento Esmiúça os Sufrágios*. Estes programas têm sido conotados com uma mistura de entretenimento e informação a que se chama de *infotainment*, conceito que importa analisar, bem como o de *fake news*, que tem sido também utilizado para caracterizar este tipo de programas e que se pode aplicar, igualmente, a *O Inimigo Público* pela natureza das suas notícias. Por outro lado, a migração deste jornalismo para a internet e o desenvolvimento da interatividade permitiu o desenvolvimento da participação dos leitores na produção de notícias, algo que foi explorado, se bem que com poucos meios, pel' *O Inimigo Público* na página da *Caserna do Leitor*, pelo que é fundamental analisar, também, estes novos desenvolvimentos, até porque são fatores de rotura com o jornal *A Paródia*, onde a participação, apenas, existia com os outros jornais satíricos que, muitas vezes, respondiam às caricaturas e notícias publicadas n' *A Paródia*.

3.1. O JORNALISMO

O jornalismo é a vida tal como numa enciclopédia, com todas as suas secções: a sociedade, a economia, ciência, ambiente, educação, cultura, arte, regional, nacional, internacional, etc. (Traquina, 2002). Terá surgido por necessidade das pessoas saberem o que se passa para além da sua experiência direta. “Everyone needs news. In everyday life, news tells us what we do not experience directly and thus renders otherwise remote happenings observable and meaningful” (Molotch & Lester, 1974, p 101). Nesse sentido, precisamos de notícias para vivermos e “o jornalismo é, simplesmente, o sistema concebido pelas sociedades

²¹ Este é o lema de *O Inimigo Público* (L. P. (Diretor) Nunes, 2004).

para fornecer estas notícias” (Kovach & Rosenstiel, 2004, p 6).

É, também, a resposta à pergunta “o que aconteceu/está acontecendo no mundo” (Traquina, 2002, p 10). São histórias da vida, das estrelas, etc. e uma atividade criativa essencial para a democracia (Traquina, 2002). Aliás, “o jornalismo contribui com algo único para uma cultura – informação independente, fiável, rigorosa e abrangente, necessária para a liberdade dos cidadãos” (Kovach & Rosenstiel, 2004, p 8). A principal finalidade do jornalismo é, mesmo, a de fornecer aos cidadãos a informação de que precisam para serem livres e se autogovernarem (Kovach & Rosenstiel, 2004). Nesse sentido, é oportuno referir que o jornalismo satírico está a cumprir este papel, ao proporcionar opiniões jornalísticas sob a forma de sátira que permitem aos leitores a liberdade de pensar por si próprios e de desconstruírem a realidade, como afirma Luís Pedro Nunes ²².

Kovach & Rosenstiel constataram alguns princípios do jornalismo: a obrigação para com a verdade, a lealdade aos cidadãos, assentar numa disciplina de verificação, manter a independência em relação às pessoas que são noticiadas, servir como controlo independente do poder, servir de fórum para a crítica e o compromisso públicos, lutar para tornar interessante e relevante o que é significativo, garantir notícias abrangentes e proporcionadas e, por fim, deixar que aqueles que o exercem sejam livres de seguir a sua própria consciência (Kovach & Rosenstiel, 2004).

O jornalismo satírico não contém todos estes elementos, no entanto, podemos presenciar nele a lealdade aos cidadãos, pois ao abordar temas importantes para a opinião pública estará a ser leal para os cidadãos, dando-lhe informação para que possam deliberar sobre os temas que satiriza; a independência em relação às pessoas que são noticiadas é, também, primordial para o *IP*, nas palavras do seu diretor ²², e Rafael Bordalo Pinheiro foi independente em relação a qualquer partido político, embora tivesse alguma simpatia pelos republicanos (França, 1976); outros elementos do jornalismo que se podem considerar presentes no jornalismo satírico são o controlo independente do poder e servir de fórum para a crítica e o compromisso públicos, dado que ao abordar questões políticas pertinentes e graças às tiragens numerosas de qualquer um dos jornais, estes estarão a promover o debate e a democracia. Finalmente, destacamos que o jornalismo satírico dá liberdade aos seus criadores para seguir a sua própria consciência, embora este elemento esteja mais presente n' *O Inimigo Público*, graças ao desenvolvimento da própria democracia e ao fato de *A Paródia* ter sido

²² Luís Pedro Nunes, entrevista pessoal. 25-03-2013.

contemporânea de algumas leis de imprensa mais castradoras, nomeadamente, as famosas «leis das rolhas» (Barbosa & Matos, 2005).

Fontcuberta refere, como outras características fundamentais do discurso jornalístico, a atualidade, a novidade, a veracidade, a periodicidade e o interesse público. A atualidade diz respeito ao objeto da notícia ser o que se acaba de produzir, saber ou produzir. A novidade refere-se ao fato noticiável se afastar da rotina quotidiana, ser excepcional e se transmitir o mais rapidamente possível. A veracidade diz respeito ao fato das notícias terem de ser verdadeiras, correspondendo o mais fielmente possível à realidade. A periodicidade remete para que os fatos noticiáveis sejam apresentados ao público com um intervalo fixo de tempo. Quanto ao interesse público, este remete para uma característica fundamental dos fatos jornalísticos que é o de serem pontos de referência ou poderem corresponder às expectativas e necessidades de informação de um público de massas (Fontcuberta, 2002). Groth acrescenta o caráter noticioso, a índole universal do noticiário (no sentido de ser um noticiário *generalista* capaz de interessar a uma *universalidade* de destinatários) e o facto de os jornais *publicitarem* (no sentido de *tornarem pública*) a informação (Groth in J. P. Sousa & Lima, 2012, p 29). Stephens refere, ainda, a existência de um título para a publicação que se mantém ao longo do tempo e lhe confere identidade (Stephens in J. P. Sousa & Lima, 2012).

O jornalismo satírico tem, também, algumas destas características: a periodicidade, no caso semanal; um caráter noticioso, embora sob a forma do humor e da sátira; as caricaturas e as notícias satíricas remetem para informação verdadeira que está na sua génese e o fato de *publicitarem* a informação, com a atenuante, novamente, de se tratar de informação trabalhada de forma humorística. Os jornais analisados têm também os seus títulos identificativos que se mantiveram ao longo do tempo: no caso de *A Paródia* houve uma mudança de nome na sua II série, passando a *Paródia – Comédia Portuguesa* e depois da morte de Rafael Bordalo Pinheiro para *Paródia – Fundador Rafael Bordalo Pinheiro* (França, 2007). Importa, ainda, acrescentar que *A Paródia* teve uma tiragem média de 20 a 25 mil exemplares, o que era bastante significativo no tempo em que foi publicada e que *O Inimigo Público* tem uma tiragem média de 17 mil exemplares (Matos, 2013).

Um conceito do jornalismo de muita relevância na atualidade e no próprio jornalismo satírico é o de agendamento. Para Luís Pedro Nunes, *O Inimigo Público* trabalha com notícias já mediatizadas, de forma a impedir que os seus jornalistas tenham agendas pessoais. Distingue *O Inimigo Público* d' *A Paródia*, porque esta teria uma agenda política com um objetivo, enquanto o primeiro não tem nenhuma agenda, a não ser ter graça e desmontar um pouco a realidade. Nos últimos anos, foram as próprias pessoas que começaram a exigir que o

humor tivesse uma agenda, como por exemplo, quando queriam «bater» no ministro Miguel Relvas²². Ora, *A Paródia* tinha um posicionamento muito crítico em relação à monarquia constitucional e, de alguma forma, simpático para com os republicanos, talvez porque o seu colaborador literário João Chagas tenha sido republicano (França, 2007), tendo mesmo sido deportado a seguir à revolta de 31 de janeiro de 1891 (Monteiro, 2013)²³.

O conceito de agendamento foi proposto, inicialmente, por McCombs e Shaw, em 1972, ao analisarem um estudo sobre a capacidade de agendamento dos média na campanha presidencial norte-americana de 1968. O que estes autores inferiram foi que os média tinham influência no que os eleitores pensavam e sobre o que falavam, assumindo uma função de agendamento (McCombs & Shaw, 2000). A expressão de definir a agenda veio a tornar-se comum nas discussões sobre política e opinião pública. Tornou-se aceite que os *mass media* têm um papel significativo e, às vezes, controverso, definindo a agenda nacional dos mais diversos países ao nível político, cultural e social (McCombs, 2009).

Como referimos, anteriormente, Luís Pedro Nunes e *O Inimigo Público* pretendem, também, desmontar a realidade. Uma das teorias que explica o jornalismo, por outro lado, interpreta-o como uma construção social da realidade, procedendo a um enquadramento para dar sentido a acontecimentos relevantes, construindo uma narrativa que se desvela no próprio termo «estória» que é utilizado na linguagem profissional (Traquina, 2004). Este paradigma das notícias como construção não implica que elas sejam ficção, apenas se constituem como uma abordagem narrativa em que não se nega o seu teor informativo (Traquina, 2002). As notícias são, assim, uma construção social, sendo o resultado da interseção entre um processo de produção centrado na sala de redação e o ambiente de trabalho envolvente que define os limites desse processo, sendo o resultado de um conjunto de rotinas profissionais e de práticas organizacionais e discursivas que se institucionalizam (J. C. Correia, 2011). O que Luís Pedro Nunes nos quer alertar é que *O Inimigo Público* nos pretende oferecer uma leitura da realidade através do humor que revela os seus aspetos, por vezes, mais insidiosos, revelando os vícios dos políticos como é, aliás, o propósito da sátira política (Hodgart, 2009). No entanto, se o jornalismo é uma construção social da realidade, o jornalismo satírico é, também, uma forma de construção social com propósitos humorísticos e uma interpretação muito própria da realidade sob a forma de sátira.

²³ Medina nota que Rafael Bordalo Pinheiro, para os seus contemporâneos, e muito deles republicanos (Magalhães Lima), era um resistente contra a realeza, um republicano. No entanto, o caricaturista nunca foi filiado no Partido Republicano, se bem que o tenha ajudado (Medina, 2008).

Para Cardoso, os jornalistas são «construtores» de realidades, enquanto os escritores são «transformadores» da realidade. O jornalista vai buscar as suas referências fora do texto que produz, ao contrário do escritor que cria o contexto das suas referências no seu próprio texto (F. L. Cardoso, 2012). Em relação a *O Inimigo Público*, o jornalista satírico cria o seu texto a partir de outro texto jornalístico ²². O jornalismo utiliza uma linguagem substantiva que garante a distância entre quem escreve e quem está envolvido na notícia, evitando os advérbios e os adjetivos de forma a preservar a objetividade. Assim, a referencialidade do jornalismo opõe-se a um discurso mais empenhado, procurando a adesão do leitor através da simpatia lexical. A principal diferença entre o jornalismo e a literatura, no entender desta autora, será sempre a obrigatoriedade de o primeiro permanecer agarrado à realidade, aos fatos, mesmo com uma forma criativa para o transmitir, enquanto a literatura parte de um acontecimento verídico que sofre um processo de individualização. Há, no entanto, géneros jornalísticos, como a crónica, que são uma união entre as duas, por acrescentar as impressões pessoais do jornalista sobre determinado acontecimento (F. L. Cardoso, 2012). É isso que acontece no *cartoon* que, como vimos, anteriormente, é, também, uma crónica ou jornalismo de opinião. O jornalismo satírico situa-se, pois, na fronteira entre estes dois conceitos, dado que pode ser considerado literatura porque, partindo de um acontecimento verídico – as notícias já mediatizadas ²² – sofre um processo de individualização que é a própria construção e perspetiva humorística e satírica. Por outro lado, permanece agarrado à realidade e aos fatos, no sentido que se baseia nas notícias «reais», sendo a forma criativa que utiliza para os apresentar as próprias técnicas da sátira que são comuns a toda a manifestação literária (Hodgart, 2009).

Para Batista-Bastos, o jornalismo conta uma história enquanto a literatura a desmonta. Assim, o jornalismo satírico, ao também, desmontar a realidade aproxima-se mais da literatura. No entanto, toda a literatura utiliza a realidade como plataforma de criação que os escritores transformam, dando a sua interpretação do mundo. O escritor precisa da realidade devido à sua consciência social e ao fato de constituir como testemunho do tempo. Por isso os jornais de Rafael Bordalo Pinheiro são uma forma de ver a realidade da sua época, assim como a leitura de números antigos d' *O Inimigo Público* permite, também, uma leitura da realidade que era sua contemporânea.

3.2. O JORNALISMO SATÍRICO

Uma imagem satírica resulta do encontro entre a representação pictórica e o riso. Foi a descoberta da técnica litográfica por Alois Senefelder, por volta de 1796, que converteu a imagem, em geral, e, especialmente, a imagem satírica num instrumento através do qual se obtinha alguma influência sobre as massas. A revolução burguesa, em França, anunciou o fim da sociedade feudal e os primórdios do liberalismo, cujo eco social e político foi enorme. “Se o Poder opera sempre através da sacralização, a oposição aos poderes instalados socorre-se sempre, em maior ou menor grau, da diabolização” (Homem, 2011, p 66). Para Sousa, a sátira política surgiu na imprensa portuguesa, “utilizando um humor panfletário e agressivo, mais como insulto que como graça” (Humorgrafe, 1996, p 9) com a regularidade na publicação do *Suplemento Burlesco* de *O Patriota*, que foi publicado entre 1847 e 1853. A caricatura, ao ostentar uma lógica maniqueia, faz coincidir o mal com a fealdade, com a vulgaridade, conferindo-lhe notas próximas do monstruoso operando a desqualificação do «outro», tornado inimigo (Homem, 2011). Sousa destaca as características que permitem definir a data do nascimento do jornalismo satírico em Portugal e que são, precisamente, a regularidade na sua publicação, o fato de serem trabalhos noticiosos ligados aos acontecimentos do dia a dia e serem de autoria reconhecida (O. M. de Sousa, 1998). Estas características são, pois, semelhantes às anteriormente apresentadas por Groth e Fontcuberta e são transversais ao próprio jornalismo.

Burton levanta a questão, a propósito de John Stewart e de *The Daily Show*²⁴, se este pode ser considerado como um satirista ou jornalista. A questão colocou-se quando John Stewart apresentou notícias de investigação em primeira mão no seu programa. Burton assinala, também, a grande audiência destes programas e a importância que obtiveram ao encorajar a democracia deliberativa e a discordância que, nos EUA, está intimamente relacionada com a liberdade de expressão expressa na Primeira Emenda da Constituição. A tese desta autora expressa a importância do jornalismo satírico como estímulo para a democracia deliberativa e como uma resposta à apatia provocada pela mediocracia, que é o poder das grandes corporações de média no próprio agendamento das notícias. Com o crescimento do entretenimento nas notícias, a mediocracia surge referenciada, também, como uma forma de *infotainment*. A importância do prazer, do entretenimento e do divertimento na democracia deliberativa tem levado a que o jornalismo satírico tenha sido negligenciado. A

²⁴ Programa de informação, entretenimento e sátira dos EUA que viria a influenciar o programa de TV *O Inimigo Público* na sua 1ª série na SIC ²².

autora escolhe a sátira como o tipo de humor que estimula esta democracia deliberativa, pelo seu papel de indignação, de denúncia da hipocrisia política, dando poder aos cidadãos, oferecendo um criticismo valioso para chamar a atenção sobre os vícios e hipocrisias da sociedade (Burton, 2010). Bourdieu questiona-se: “no jornalismo, onde estão as sanções positivas ou negativas? O único embrião de crítica são os programas satíricos, como os *Guignols*” (Bourdieu, 1997, p 77). No fundo, “satire is not known for directly changing the mind of the target, but instead influencing public opinion by encouraging discussion of the revealed hypocrisy” (Burton, 2010, p 26). Exemplos da influência do jornalismo satírico na opinião e na discussão públicas são o *cartoon* de António com o papa com um preservativo ou as caricaturas de Maomé que geraram intensa discussão na opinião pública sobre a liberdade de imprensa, a religião e os seus extremismos, etc. (Le Monde, 2011).

Coulomb-Gully destaca o desenvolvimento considerável dos desenhos humorísticos nas últimas décadas, com grande destaque nos principais periódicos “souvent perçus comme des éditoriaux à eux seuls, des billets d'humeur, des parodies radiophoniques ou télévisées d'émissions politiques ou d'information, qui révèle une porosité des frontières entre sérieux et dérisoire et témoigne d'une esthétique du détachement un temps dominante” (Coulomb-Gully, 2001, p 41). Analisando o programa televisivo francês *Les Guignols de l'info*, semelhante ao português *Contrainformação*, a autora antevê um futuro difícil para o jornalismo satírico num terceiro milénio que “sonne un petit peu probablement le glas de la dérision et du cynisme triomphant...” (Coulomb-Gully, 2001, p 41).

Rocha destaca o papel da objetividade no jornalismo, um conceito tão antigo quanto a própria antiguidade do jornalismo e que realça a primazia sobre os fatos. Na década de 60 do séc. XX, começou a ponderar-se a subjetividade assumida do jornalista. A quebra da objetividade foi, no plano simbólico, uma materialização da luta pela liberdade. “O estilo satírico (...) não se enquadra nos moldes da objetividade com que algumas vertentes de pensamento concebem o fazer jornalístico” (L. M. S. Rocha, 2009, p 8). O uso da linguagem humorística pressupõe a manifestação de uma opinião que exige recursos subjetivos por parte do jornalista. A haver objetividade, é uma objetividade parcial, àquela enxergada pela ótica do autor e não uma objetividade universalista. É assim que enquadra os jornais satíricos num conceito de um jornalismo opinativo em oposição a um jornalismo informativo (L. M. S. Rocha, 2009).

O jornalismo satírico não está, assim, propriamente, contextualizado e definido pelos autores que mais o estudaram (Humorgrafe, 1997; O. M. de Sousa, 1998; Medina, 2008; França, 2007). Para Sousa, o termo caricatura, no âmbito francófono, engloba “todo o

desenho de imprensa de cunho humorístico-satírico, termo esse que os anglo-saxões substituíram por *Cartoon*” (Sousa, 1998, p 9). Medina refere, no séc. XIX, os “pioneiros do nosso jornalismo satírico ilustrado, de tão promissor porvir nesse século e no seguinte, com o longo eclipse da ditadura do séc. XX, entre 1926 e 1974” (Medina, 2008, p 29) mas, também, não esclarece o conceito. Para França, o termo utilizado é de jornais humorísticos ilustrados (França, 2007).

Considerando os conceitos apresentados, podemos afirmar que o jornalismo satírico será, então, um género jornalístico de opinião de tipo humorístico que utiliza a sátira como forma de crítica, nomeadamente, política, atacando pelo ridículo os «atores» deste palco da comunicação contemporânea.

3.3. O *INFOTAINMENT*

O conceito ou fenómeno do *infotainment* (Cabrera, 2010; Brants, 2005) é, geralmente, associado à televisão, à mistura de informação e entretenimento e é representado, em português, por expressões como infotenimento (Nascimento, 2010) e infoentretenimento (L. A. de Aguiar, 2008).

O termo infotenimento ou *infotainment* é um neologismo constituído a partir da junção de informação e entretenimento (ou *entertainment*), designando a atual tendência da imprensa a veicular informações atraentes a qualquer preço (L. A. de Aguiar, 2008). “É uma combinação entre a reportagem factual e as convenções normalmente associadas ao entretenimento ficcional” (J. Hartley in Cabrera, 2010, p 212) ou “mistura elementos de informação política em programas de entretenimento, ou características de entretenimento em programas tradicionalmente informativos” (Brants, 2005, p 50). É o caso d’ *O Inimigo Público TV* que, apresentando um formato de jornal televisivo, mistura o entretenimento sob a forma de humor, ficcionando as notícias apresentadas.

A partir dos anos 1990, “as notícias estavam a transformar-se em entretenimento e o entretenimento assumia um carácter de notícia” (Kovach & Rosenstiel, 2004, p 7). Este fenómeno devia-se aos desenvolvimentos tecnológicos, nomeadamente, da internet, com a multimedialidade, a hipertextualidade e a instantaneidade (Bastos, 2010). Estes desenvolvimentos tornaram o público mais exigente, o que levou a uma nova transformação dos média, tendo a televisão, então, recorrido a recursos sonoros, gráficos, narrativas mais agradáveis, textos mais ligeiros, discurso casual e a elevação ao estatuto de celebridade dos próprios apresentadores (Nascimento, 2010). Cádima vê, mesmo, estas inovações como uma

televisão *light* ou um analgésico pós-laboral, através da “fidelização em si mesma dos públicos a um *prime time* de informação burocratizada, de mimetismos de agenda, e de *infotainment*, com telejornais que chegam a ter 2 horas de duração, ensanduichados por novelas e concursos” (Cádima, 2005, p 212). Canavilhas considera este fenómeno como a televisão-espetáculo, procurando “no sensacionalismo e na rapidez, os ingredientes que fazem subir as audiências, nem que isso seja conseguido à custa de imprecisões” (Canavilhas, 2001, p 8).

Brants, que analisou os efeitos do *infotainment* na televisão e na campanha eleitoral na Holanda, afirma que a questão é saber se o *infotainment* “é o resultado e, ao mesmo tempo, prova da crise da comunicação política em democracia” (Brants, 2005, p 40). O *infotainment*, segundo este autor, é associado à tabloidização da imprensa e à qualidade do sistema democrático. Segundo Brants, Blumler e Gurevitch, a crise da comunicação pública e a invasão comercial terá levado à origem do *infotainment* (Brants, 2005). No entanto, o *infotainment* associado ao jornalismo satírico pode ser, ao contrário, uma prova de vitalidade da democracia deliberativa, como vimos, anteriormente (Burton, 2010). Assim, ao apresentar as notícias como sátiras políticas, tanto *O Inimigo Público TV* como o próprio *O Inimigo Público* estão a promover a democracia deliberativa.

Baym considera que programas como *The Daily Show* oferecem uma versão de notícias que entretêm: “it is possible to be entertaining in the sense of both amusement and serious thought, and that each one may have the ability to enhance the other” (Baym, 2004, p 274). O *IP TV* tem um formato semelhante a *The Daily Show*²² (I. F. Santos, 2006) e entretém no duplo sentido de diversão, pelas situações caricatas retratadas e informa, pois é possível ler as notícias através das suas notícias satíricas²². Esta combinação acaba por se reforçar mutuamente, pois quanto mais interessante e pertinente for a sátira, maior será o interesse em desconstruir a notícia por trás dela. Por outro lado, como só nos rimos daquilo que conhecemos²², é o conhecimento das notícias «reais» que vai permitir usufruir em pleno o humor das notícias satíricas.

Gomes evidencia as críticas ao *infotainment*, destacando dois pontos de vista: o primeiro, dos estudiosos das relações entre comunicação e política, que se debruçam sobre os efeitos do *infotainment* no funcionamento da esfera pública; o segundo dos estudiosos do jornalismo, que se inquietam “sobre as consequências das grandes mudanças económicas, tecnológicas e regulatórias do campo midiático sobre a elaboração, difusão e consumo das notícias” (Gomes, 2009, p 2). Os efeitos do *infotainment* na esfera pública não estão, ainda, muito estudados, embora Baym refira estudos do Pew Research Center que apontam que 21 % dos jovens com

idades entre os 18 e os 29 anos sabem das notícias através dos programas de entretenimento como o *Saturday Night Live*. Um dos programas citados pelos inquiridos como fonte de informação política é, precisamente, *The Daily Show*. Segundo os produtores - Comedy Central -, em 2004 o programa foi visionado por 1,2 milhões de telespectadores e, de acordo com National Annenberg Election Survey (NAES) (2004), 40% da audiência tem entre 18 e 29 anos, mas 27 % mais de 44 (Baym, 2004). Quanto a *O Inimigo Público*, os dados existentes são do *facebook* e dão conta que a faixa etária mais popular nos gostos da página do *IP* é a dos 25-34 anos, o que apresenta pontos de contacto com os dados dos EUA (Humorista, 2012).

Para Nascimento, “uma grande gama de programas que misturam ou usam de humor e informação estão «dentro» do *infotimento*” (Nascimento, 2010, p 71). É o caso dos programas de humor, que usam notícias para fazer humor; “programas jornalísticos que usam sátiras para gerar informação; programas que dividem espaço para humor e jornalismo; e muitas outras variantes desta hibridização” (Nascimento, 2010, p 71). Por isso, o autor prefere o termo de entretenalismo para este tipo de programas como *O Gato Fedorento Esmiúça os Sufrágios* e que se poderia aplicar, também, a *O Inimigo Público TV*.

3.4. AS *FAKE NEWS* E AS NOTÍCIAS FALSAS

3.4.1. O não-acontecimento jornalístico e a não-notícia

O acontecimento jornalístico é “tudo aquilo que irrompe na superfície lisa da história de entre uma multiplicidade aleatória de fatos virtuais” (Rodrigues, 1993, p 27). É tanto mais imprevisível quanto menos provável for a sua realização, como o homem que morde o cão, irrompendo sem nexos aparentes nem causas conhecidas, sendo notável e digno de ser registado na memória. Estes registos da notabilidade dos fatos podem ser o excesso, a falha e a inversão. O excesso é uma irrupção do funcionamento anormal da norma que pode afetar tanto os corpos individuais como os coletivos e institucionais. A falha procede por defeito, deve-se a uma insuficiência no funcionamento normal e regular dos corpos. A inversão aplica-se ao homem que mordeu o cão, é uma inversão no funcionamento, um acontecimento-boomerang, compreendendo todas as figuras da paródia que o destino nos reserva. Tem, assim, algumas semelhanças com a inversão como fórmula de humor. Para além dos acontecimentos notáveis, Rodrigues destaca o meta-acontecimento, que é quando o próprio discurso jornalístico emerge como acontecimento notável, tornando-se dispositivo de visibilidade universal, Isto acontece porque o próprio discurso jornalístico é um dispositivo de

notabilidade, por exemplo quando um avião é desviado, ou quando ocorre uma revolta em frente das câmaras, estará a produzir-se um meta-acontecimento (Rodrigues, 1993). De certa forma, ao convidar o Professor Saldanha Sanches ou o comentador desportivo Rui Santos para o *IP TV*, os humoristas estavam, também, a procurar a produção de um meta-acontecimento que já tinha acontecido quando Eduardo Prado Coelho fez um discurso de agradecimento pelo prémio «Capelinha de Cultura» com que foi agraciado na gala do *IP* em 2004 (I. F. Santos, 2006). O não-acontecimento jornalístico é a “construção, produção e difusão de notícias a partir de factos não ocorridos ou que envolvem explicitamente uma não-informação no sentido jornalístico” (Fontcuberta, 2002, p 22). A não-notícia, por seu turno, é “o resultado de um momento em que a mídia não é só um suporte para os eventos que acontecem no mundo: ela os cria por si própria” (F. M. da Silva, 2008, p 99). A não-notícia baseia-se num pseudo-evento, que é um evento planeado e incitado. O pseudo-evento é, também, associado às celebridades, que são criadas pelos média com recurso, precisamente, a pseudo-eventos, em que são relatados os seus hábitos, relações, gostos pessoais, etc. Estes pseudo-eventos tendem mesmo a ofuscar os acontecimentos espontâneos e os acontecimentos reais acabam por ser moldados por eles (Boorstin, 1987). É um produto que os próprios média criam para se alimentar, para falarem de si mesmos e produzir outras não-notícias (F. M. da Silva, 2008). As notícias satíricas podem, assim, ser baseadas em não-acontecimentos jornalísticos mas não podem ser consideradas não-notícias porque não se pretende criar acontecimentos para publicar nos média. Têm, por outro lado, algumas das características dos pseudo-eventos por serem planeados, se bem que com objetivos meramente humorísticos e satíricos.

A notícia inventada é uma mentira, no entanto, “a notícia baseada no não-acontecimento inventado tem a particularidade de incluir no texto elementos suficientes para, através da leitura, se descobrir que não existe qualquer facto por detrás da notícia” (Fontcuberta, 2002, p 24). A notícia falsa tem duas origens: falta ou insuficiência de informação e informação incorreta (Fontcuberta, 2002). A informação incorreta é sinónimo de desinformação que, segundo o jornalista francês Jean Ferré ²⁵, é a “técnica que permite fornecer a terceiros informações gerais erróneas que os conduzem a cometer atos coletivos ou a difundirem juízos desejados pelos desinformadores” (Volkoff, 2000, p 23; Fontcuberta, 2002, p 26). A notícia satírica estará, assim, mais próxima da notícia inventada ao permitir ao seu leitor descobrir que não existe qualquer facto por trás da notícia. No entanto, esta explicação não responde ao

²⁵ Vladimir Volkoff tem outra versão da autoria da noção, ao atribuí-la ao mesmo jornalista, a ele próprio e ao professor Pierre Debray-Ritzen (Volkoff, 2000, p 23).

fato de as notícias satíricas, sendo inventadas, terem por base uma notícia verdadeira ou um verdadeiro acontecimento jornalístico.

Finalmente, a notícia especulativa baseia-se na mera especulação, que pode ou não incidir “sobre assuntos previsíveis (apostas sobre um acontecimento desportivo, previsões eleitorais)” (Fontcuberta, 2002, p 27). Pode, até, criar “novos temas como notícia, sem qualquer tipo de antecedentes nem factos objetivos que os sustentem” (Fontcuberta, 2002, p 27).

3.4.2. As notícias satíricas/*fake news*

As *fake news*, em português, correspondem às notícias satíricas. No entanto, o conceito de *fake news* é problemático num sentido profundo (Baym, 2004). Segundo este autor, “any notion of «fake» depends upon an equal conception of «real»” (Baym, 2004, p 4). As notícias falsas ou satíricas que, para propósitos do nosso estudo, vamos apenas referir como «satíricas»²⁶, necessitam “assumptions about some kind of authentic or legitimate set of news practices, ideals that one rarely hears articulated or necessarily sees as evident today” (Baym, 2004, p 4).

Os humoristas dos programas *The Colbert Report* e *The Daily Show* têm total liberdade para criarem *fake news*, dado que o seu sucesso em termos de audiências faz com que haja, até, disputa entre as empresas que os patrocinam para neles publicitarem os seus produtos (Burton, 2010). As notícias satíricas são, também, associadas ao segmento “Weekend Update” do programa *Saturday Night Live* e a todas as paródias de jornais televisivos com grande destaque para o seu sucesso na internet com *The Onion*. É natural que o *IP* também se descreva como jornal satírico.

²⁶ O conceito de *fake news*, em inglês, remete para uma tradução de notícias satíricas, de que é um exemplo *The Daily Show*. Em português, a noção de notícia falsa pode ter outra aceção.

4. ESTUDO DE CASO

4.1. METODOLOGIA

Método: a metodologia escolhida combina a elaboração de duas grelhas de inteligibilidade do duplo corpo do *medium* e uma análise de conteúdos para cada um dos objetos de estudo. Na primeira grelha, analisa-se o *medium* = o viático de um símbolo e os seus vetores técnicos e institucionais; na segunda, analisa-se a Medio(logia) = os elementos constitutivos de um modo de transporte e os seus meios de circulação (aparentes e distintos) e vetores institucionais. A análise de conteúdos classifica os seguintes itens: temática, protagonistas, atualidade, imagem, plano geográfico, processos do riso, sátira, técnicas de sátira, *infotainment* e *fake news*²⁷.

População: compreende 155 exemplares da I Série de *A Paródia* e 500 exemplares d' *O Inimigo Público* (até 14-06-2013).

Amostra: A nossa amostra consiste em 10 capas e últimas páginas (no caso do *IP*, aquela que contenha o *cartoon*) de 10 exemplares de cada um dos periódicos. Em relação a *A Paródia* escolhemos o nº 1 e 155 (o último da I série), o nº 20 (eclipse total do sol de 1900), o nº 44 (regresso dos Bordalos da Exposição Universal de Paris de 1900) e 152 (número apreendido), bem como 5 de forma aleatória: 30, 51, 80, 100, 123. Em relação ao *IP*, escolhemos o nº 1, 500 (que consideramos o último), 262 (5 anos), 66 (edição tabloide) e 365 (aniversário da implantação da República). Aleatoriamente, foram escolhidos o nº 61, 232, 348, 391 e 484²⁸.

Instrumento: o instrumento de análise são as quatro grelhas de inteligibilidade e as tabelas de análise de conteúdos.

Hipóteses:

H1: As instituições responsáveis pela transmissão do jornalismo satírico do ano de 1900 para 2013 (o quadro interno da organização) são os próprios jornais satíricos e os caricaturistas/cartoonistas e humoristas.

²⁷ A análise completa será apresentada em anexo, tendo nós optado por inserir no corpo do texto, apenas, os resultados agrupados.

²⁸ Os números aleatórios foram escolhidos com ajuda da função *aleatoriente* o primeiro e o último número de cada um dos periódicos.

H2:~ As instituições responsáveis pela transmissão do jornalismo satírico do ano de 1900 para 2013 (o quadro interno da organização) não são os jornais satíricos e os caricaturistas/cartoonistas e humoristas.

H3: As inovações técnicas do suporte físico (sítio na internet, programa de televisão, *facebook*, *twitter*), do modo de expressão e do dispositivo de circulação (internet, TV cabo, fibra ótica) provocaram uma rotura na mensagem do jornalismo satírico.

H 4: As inovações técnicas do suporte físico (sítio na internet, programa de televisão, *facebook*, *twitter*), do modo de expressão e do dispositivo de circulação (internet, TV cabo, fibra ótica) não provocaram uma rotura na mensagem do jornalismo satírico.

H 5: As matrizes de formação do jornalismo satírico (técnicas de sátira, fórmulas e modos de caricaturar) mantiveram-se inalteráveis ao longo de 100 anos.

H 6: As matrizes de formação do jornalismo satírico (técnicas de sátira, fórmulas e modos de caricaturar) alteraram-se ao longo de 100 anos.

4.1.1. Grelha de inteligibilidade do duplo corpo do *medium*

O nosso estudo de caso engloba a aplicação das grelhas de inteligibilidade do duplo corpo do *medium* proposta por Debray (Debray, 2004) para os dois jornais que constituem o nosso objeto de estudo e que são *A Paródia* e *O Inimigo Público*. A aplicação destas grelhas permite “abrir o ventre do *medium* para apresentar dele uma espécie de corte anatómico” (Debray, 2004, p 101) e podermos saber de que é feita uma operação de transmissão²⁹. Os *mediums* têm uma dupla natureza: o suporte técnico, por exemplo, a caricatura e um corpo letivo, como a Sociedade dos Humoristas, etc. Assim, poderemos analisar as duas vertentes do processo de transmissão: a logística e a estratégica. O *medium* será, então, tudo o que concorre para acompanhar o símbolo (Debray, 2004).

Esta abordagem permite combinar a perspetiva diacrónica, procurando saber através de que redes de transmissão e formas de organização se constituiu a herança cultural do jornalismo satírico e, por outro lado, a perspetiva sincrónica, procurando aferir os efeitos que tiveram os novos objetos técnicos (a internet, a fotografia digital e a sua manipulação) no jornalismo satírico. A dimensão sincrónica poderá ser realçada pela comparação entre as grelhas de inteligibilidade aplicadas aos dois jornais, já que estes se separam no tempo por cerca de um século. Por outro lado, com esta metodologia estaremos a fazer uma indexação

²⁹ Convém esclarecer que o termo *medium* é aqui utilizado no sentido que lhe dá Debray e que é um lugar e uma função num dispositivo veicular, não se confundindo com os média e é atribuído a um objeto por exercer essa função (Debray, 2004). No nosso objeto de estudo será, por exemplo, o Museu Rafael Bordalo Pinheiro, as bibliotecas, a Hemeroteca ou os próprios jornais satíricos.

mediológica do fenómeno do jornalismo satírico com a mudança do ênfase do mais conhecido para o menos conhecido, isto é, dos conteúdos de sentido literal para as marcas de administração da crença nos mesmos conteúdos, procurando determinar as instituições que levaram à génese do jornalismo satírico.

O jornalismo satírico estará, então, inserido numa certa forma de organização coletiva: os próprios caricaturistas e jornalistas satíricos, tendo chegado a constituir-se na Sociedade dos Humoristas Portugueses, por exemplo. Por seu turno, estas organizações estão inseridas num complexo mnemotécnico (modo de captação, arquivo e circulação dos indícios) próprio duma mediasfera historicamente determinada. No caso de *A Paródia*, é a grafosfera, que engloba o período aberto pela tipografia e pela cultura dos livros. Tiveram especial importância as técnicas da litografia, inventada no final do séc. XVIII e da cromolitografia, que teve grande desenvolvimento no séc. XIX. No caso d' *O Inimigo Público*, estaremos, ainda, na videosfera, onde o meio da imagem e do som é dominante e é a época do espírito aberto pelo eletrónico. Para McLuhan era a era elétrica. Debray refere, ainda, que estaremos a entrar numa nova mediasfera, a que chama de numeroesfera, a idade do unimédia, ou de hiperesfera, procedente da informática. Assim, *O Inimigo Público* tem uma edição em papel, ainda da grafosfera, mas outra na internet, que é já da numeroesfera ou hiperesfera e teve uma versão na televisão, da videosfera. Segundo o seu diretor, estava preparada uma versão para *Ipad* que, essa, sim, seria inteiramente da hiperesfera. Esta visão das mediasferas demonstra que elas não seguem uma sequência lógica, antes se entrelaçam e se sobrepõem como folhas (Debray, 1997). Por outro lado, existe um período de latência para as roturas técnicas como aquela a que estamos a assistir, atualmente, com a passagem para numerosfera ou hiperesfera. O meio e o *medium* são, assim, para Debray, mais do que simples instrumentos de difusão dos dados, constituindo-se como verdadeiros agentes de transformação dos dados. O objetivo da investigação mediológica será, pois, de pôr entre parêntesis a mensagem dada pelo jornalismo satírico e considerar, apenas, os trajetos, vetores e veículos que lhe deram forma e sem os quais não teria chegado até nós.

As grelhas de inteligibilidade serão duas para cada um dos jornais. Na primeira, serão identificados os vetores técnicos (suporte físico, modo de expressão e dispositivo de circulação) que correspondem à MO e os vetores institucionais (o código linguístico, o quadro da organização e as matrizes de formação), correspondendo à OM. Na segunda, os meios de circulação (o suporte como via de transporte, o veículo como meio de transporte e a rede como modo de transporte), que correspondendo à MO e os vetores institucionais (o meio

cultural portador, o corpo coletivo condutor e o código concetual indutor), correspondendo à OM.

No entanto, para aferir se, realmente, houve transmissão e, de alguma forma, para justificar e complementar a nossa análise mediológica, procederemos a uma análise de conteúdos para esclarecer alguns aspetos, precisamente, dessa mensagem e que completam as grelhas de inteligibilidade de Debray.

4.1.2. Análise de Conteúdo

A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações que, sendo um leque de apetrechos, é marcada por uma grande disparidade de formas e é adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações (Bardin, 1979). Como esta técnica de análise de conteúdo adequada ao domínio e ao objetivo pretendidos tem de ser reinventada a cada momento, o que nos propomos é elaborar as seguintes tabelas:

✓ uma primeira tabela onde se pretende classificar as temáticas abordadas (mundo, política, desporto, economia, sociedade, cultura, local, média, ciência³⁰), a atualidade das notícias e imagens satíricas e a presença ou a ausência de imagem;

✓ uma segunda em que se regista o plano geográfico (qual a localização geográfica das notícias analisadas);

✓ uma terceira para os protagonistas visados e satirizados;

✓ uma quarta para aprofundar o vetor técnico do modo de expressão (MO2), onde serão registadas a existência ou não de *cartoon* e caricatura e fotomontagem

✓ uma quinta tabela para verificar as matrizes de formação e que são os diferentes processos do riso (repetição, inversão e interferência de séries); a existência ou não de sátira e as técnicas de sátira utilizadas (mordacidade, redução, invetiva e ironia);

✓ uma sexta onde se registaram as fórmulas de caricatura utilizadas (ampliação, simplificação, ampliação e simplificação e estilização) e o modo de caricatura (diretamente, por metamorfose ou por alegoria);

✓ finalmente, uma sétima tabela, onde se registaram a existência de *infotainment* e de *fake news*.

³⁰ Com base nas secções do *Público*.

4.2. OS OBJETOS

4.2.1. A Paródia

A *Paródia* foi um jornal satírico de periodicidade semanal, publicado às quartas-feiras, composto por 8 páginas das quais, normalmente, quatro eram a cores e que eram a capa, as páginas centrais e a última página ³¹. Teve uma tiragem de 22 000 exemplares no início (Pinheiro, 1900c), chegando a atingir os 25 000 exemplares (Matos, 2013). O seu editor era Cândido Chaves, o administrador era Gonzaga Gomes e as caricaturas eram de Rafael Bordalo Pinheiro e Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro, conforme a sua ficha técnica (Pinheiro, 1900a) ³². No entanto, publicou, também, caricaturas de Celso Hermínio, Jorge Cid, Manuel Monterroso, Vale e Sousa, Alonso, J. Sousa, J. P. Santos e Raul Abreu. Teve participações pontuais de Jorge Colaço, Arnaldo Serrano, Francisco Teixeira, Costa e Pedro Cid (Lopes, 2005; O. M. de Sousa, 1998).

Para além dos colaboradores gráficos, *A Paródia* teve como principal colaborador literário João Chagas (1863-1925), a partir de agosto de 1902 (França, 2007) com crónicas assinadas com o mesmo pseudónimo que utilizou no *Álbum das Glórias: João Rimanso* ³³. Marcelino Mesquita (1856-1919) foi o diretor literário nos dois primeiros números de 1903, Thyrso assinou inúmeras crónicas de junho de 1901 a julho de 1902, Rivol foi o colaborador em 1900, assim como Tito Litho, do Porto, que seria o poeta Henrique António Guedes de Oliveira, José Inácio de Araújo, para além de pseudónimos ocasionais e textos anónimos (França, 2007).

A Paródia foi levada à cena por Batista Dinis, em 1900 e editou vários bilhetes-postais em 1902. Na rubrica «Expediente» promovia, ainda, a venda de capas para encadernar os vários volumes publicados. Publicou anúncios vários nas suas edições, com destaque para a Companhia Real dos Caminhos de Ferro. Tinha um formato in-quarto, com 8 páginas, dando destaque às páginas da capa, geralmente assinadas por Rafael Bordalo Pinheiro, mas também por Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro; às páginas centrais, a cores e também da autoria de Rafael e à última página, a cores e ainda de Rafael. Lopes dá-nos conta de que no primeiro

³¹ O jornal terá surgido depois de uma proposta de João Chagas a Rafael Bordalo Pinheiro, quando este já estaria reformado do jornalismo satírico, pois tinha terminado o *António Maria* e dedicava-se, quase a tempo inteiro, à sua fábrica de cerâmica nas Caldas da Rainha (O. M. de Sousa, 2008).

³² Rafael Bordalo Pinheiro terá fundado o jornal para o filho (Cotrim, 2005b).

³³ João Chagas foi o mais talentoso jornalista Republicano (Ramos, 2012a). Foi sobrinho do escritor e político liberal Pinheiro Chagas, tendo sido jornalista, escritor, diplomata e político. Esteve preso e foi exilado em Angola depois da revolta de 31 de janeiro de 1891. Trabalhou no *Primeiro de janeiro*. Depois da revolução de 5 de outubro de 1910, foi diplomata e o primeiro presidente (atual primeiro-ministro) do I Governo Constitucional da República (1911) (Monteiro, 2013; «João Chagas», 2013).

ano da sua publicação só houve dois números com capas de outros autores (Jorge Cid e Préjelan) e foi quando Rafael e o filho se deslocaram a Paris para a Exposição Universal. No segundo ano, há duas capas anónimas e uma reprodução da edição ilustrada da Serrana de Alfredo Keil, duas de Celso Hermínio e duas de Jorge Cid. Em 1902, há 4 anónimas, uma de Sem, 22 de Celso Hermínio e uma de Jorge Cid. Há, ainda, dois cartazes. Nota-se que Manuel Gustavo assumiu a predominância a partir do início da publicação (31 capas contra 16 de Rafael em 1900; 36 contra 9 em 1901 e 19 contra 5 em 1903), mas os outros desenhadores vieram a ganhar importância ao longo dos três anos da 1ª série, nomeadamente, em 1902 (Lopes, 2005).

O logotipo de *A Paródia*, assinado por Manuel Gustavo, surgia no cabeçalho de cada número, nele constando o nome do jornal e, ao lado, um elmo com a cabeça do Zé Povinho. Preso ao elmo, surge um estandarte de fundo azul com uma contrabanda amarela com três rostos sorridentes e com a divisa «Céu azul. Riso amarelo». Foi publicada em 3 séries, sendo a primeira aquela que vamos analisar na nossa investigação e que teve 155 números, entre 17 de janeiro de 1900 e 31 de dezembro de 1902. Com a apreensão do nº152 e com o processo que se seguiu no tribunal ³⁴, *A Paródia* esteve interrompida durante duas semanas, voltando com a 2ª série e com o título *Paródia-Comédia Portuguesa*, tendo-se fundido com o periódico *A Comédia Portuguesa* (1888-89; 1902), criada por Marcelino Mesquita e Julião Machado. Teve 107 números, entre 14 de janeiro de 1903 e 10 de fevereiro de 1905. A 3ª série iniciou-se após a morte de Rafael Bordalo Pinheiro, nessa altura o jornal passou a chamar-se *Paródia – Fundador Rafael Bordalo Pinheiro* e contou com 85 números, entre 23 de fevereiro de 1905 e 1 de junho de 1907. Esta série não foi tão regular, esteve interrompida, logo após a morte de Rafael, por algumas semanas mas, principalmente, em 1906, durante seis meses, com algum afastamento de João Rimanso que, no entanto, regressaria (França, 2007). Em outubro de 1906, passou a publicar-se aos sábados. Em 1907, teve algumas interrupções, vindo a ser suspensa em junho (Lopes, 2005). Mais tarde, foi editado, novamente, com o título *A Paródia* e o subtítulo *folha independente feita para toda a gente*, cujo editor foi João Lemos de Nápoles, publicava-se às terças e sextas-feiras, tendo saído 4 números entre 10 e 19 de janeiro. Os redatores assinavam como Adão, Eva, Abel, Caim e Milezero e o próprio Adão e

³⁴ A apreensão, pelo juiz Veiga, do nº 152 de *A Paródia*, de 10-12-1902 ficou a dever-se a um *cartoon* de Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro, em que o rei D. Carlos era retratado, de costas, a descalçar as botas, auxiliado por um mordomo (Barbosa & Matos, 2005), que poderia ser Hintze Ribeiro (O. M. de Sousa, 1998). O número seguinte d' *A Paródia* dava invulgar relevância ao caso, com caricaturas de Manuel Gustavo, Celso Hermínio e Rafael Bordalo Pinheiro. Segundo Matos, "o caso terminou sem implicações para o jornal" (Barbosa & Matos, 2005, p 19), tendo mesmo sido indemnizado na importância de 8\$000 reis (Barbosa & Matos, 2005; J. P. D. L. Guimarães, 2012).

Rafael Gr. assinavam o logotipo, onde se viam os personagens de Bordalo Pinheiro, o Zé Povinho e a Maria da Paciência, mas também o próprio Bordalo (Nápoles, 1923) ³⁵. Finalmente, José Vilhena editou *Paródia: comédia portuguesa : revista de humor e caricatura*, de periodicidade quinzenal, mas de que apenas foram editados dois números entre 1 de setembro de 1980 e 1 de outubro de 1980 (Vilhena, 1980a).

O jornal dava grande importância à componente visual e à caricatura que surgia, também, a ilustrar os pequenos textos ou anedotas (Lopes, 2005). Os temas abrangidos eram, na sua maioria, políticos, embora com referências ao teatro e à ópera, por exemplo.

4.2.1.1. Rafael Bordalo Pinheiro (1846-1905)

Rafael Bordalo Pinheiro nasceu em Lisboa, em 21-03-1846, na Rua da Fé, aos Capuchos, perto do Passeio Público, que é hoje a Avenida da Liberdade (Medina, 2008). Era originário de um “meio burguês de funcionários públicos duplicados de artistas plásticos” (Medina, 2008, p 43). A sua família foi, mesmo, considerada uma “verdadeira dynastia de artistas” (Dantas, 1907, p 4) ³⁶. Seu pai era Manuel Maria Bordalo Pinheiro (1815-1880) e foi pintor, gravador e burocrata, tendo sido funcionário da Câmara dos Pares (Medina, 2008). Foi amigo íntimo de Alexandre Herculano e de António Feliciano de Castilho (Dantas, 1907). Rafael foi irmão de Columbano (1857-1929), que se viria a tornar num pintor de renome, além de cartoonista nas publicações de Rafael (Medina, 2008).

A família passava longos serões à volta do patriarca Manuel Maria, onde “todos os filhos se reuniam desenhando em volta d’uma mesa até à hora do chá” (Dantas, 1907, p 12). Rafael era o mais indisciplinado, captando as atenções do pai. Enquanto os irmãos orientavam os seus estudos e o seu futuro, Rafael pintava a aguarela, ainda sem saber o que fazer na vida, até que descobriu a sua vocação para o teatro, seguindo-se a paixão pela literatura (Dantas, 1907).

Rafael Bordalo Pinheiro foi “amanuense da Secretaria dos Pares aos 17 anos, mas preferiu a boémia teatral e a frequência dos meios artísticos” (Medina, 2008, p 43). Assim, estreou-se com uma exposição de aguarelas, em 1868, na Sociedade Promotora de Belas-Artes (Medina, 2008). Abandonou os estudos iniciados na Academia de Belas-Artes (1861), e

³⁵ Esta publicação envolveu, mesmo, alguma polémica com a família Bordalo. Adão era o pseudónimo de Calvet de Magalhães, que colaborou com *O Século*. A folha humorística teve, ainda, a colaboração de Simões Coelho, que foi jornalista, ensaísta, escritor, crítico, bibliotecário, professor de declamação e ator de teatro. A publicação surgiu na ressaca das eleições administrativas de novembro de 1922 (R. Correia, 2013).

³⁶ Júlio Dantas (1876-1962) foi poeta, dramaturgo, jornalista, médico, político e diplomata («Júlio Dantas», 2013). Foi, também, um personagem muito polémico, dando origem ao *Manifesto Anti-Dantas* de Almada-Negreiros (Alves, 2013; Valdemar, 2013). No entanto, foi, ainda, o Rufo do *Álbum das Glórias* (1885), portanto conheceu, pessoalmente, Rafael Bordalo Pinheiro, sendo as suas informações biográficas dadas em primeira mão, se bem que com um tom panegírico, pelo qual seria, aliás, muito criticado. No entanto, salvaguardamos todos os lapsos e erros do seu artigo que foram assinalados por Julieta Ferrão (Ferrão, 1924).

no Curso Superior de Letras (1865), reorientando a sua carreira para a “caricatura de costumes e a sátira política, como jornalista satírico” (Medina, 2008, p 43). Medina explica que “o jornalismo seria doravante a sua senda essencial, até aos derradeiros anos de vida, ainda que uma curta e promissora prática de ceramista nas Caldas da Rainha o tivesse também entusiasmado” (ibidem, p 44).

Tendo casado, em 1866, depois de uma paixão com a oposição da família da noiva, passou a lua de mel na Golegã, onde se dedicou à pintura em aguarela de tipos regionais, que terá sido a sua iniciação ao estudo do natural (Dantas, 1907).

A sua carreira de desenhador humorístico ter-se-á iniciado com o cabeçalho e, talvez, caricaturas do *Japonês* (1869), seguindo-se o álbum *Calcanhar de Aquiles* (1870) (Neves, 1920), em que foram caricaturados Teixeira de Vasconcelos, romancista, crítico e cronista lisboeta, o poeta Eduardo Vidal, Alexandre Herculano, Pinheiro Chagas, um trio constituído pelo seu amigo Júlio César Machado, escritor e folhetinista, Manuel Roussado, diplomata e Ramalho Ortigão e, por último, o poeta Bulhão Pato³⁷. *O Dente da Baronesa*, folha volante precursora da banda desenhada, terá sido publicada uns meses antes do *Calcanhar de Aquiles* (França, 2007), embora Álvaro Neves a coloque a seguir no seu inventário. As suas colaborações em diversos almanaques começaram, também, em 1870 (Neves, 1920). Seguiu-se *A Berlinda* (1870-71), onde publicou “uma admirável reportagem, em «quadrinhos» das *Conferências democráticas do Casino Lisbonense*” (Medina, 2008, p 44), um mapa da Europa, críticas ao Marechal Saldanha e uma interessante colagem de caricaturas sobre o caminho de ferro do Leste (Pinheiro, 1870). No mesmo ano, lança *O Binóculo*, semanário que foi o primeiro jornal a ser vendido nos teatros (França, 2007).

Seguiu-se a publicação daquela que é considerada a primeira BD publicada em Portugal, *Apontamentos da pitoresca Viagem do Imperador do Rasilb pela Europa* (1872), colaborações no *Illustrated London News* e n' *A Lanterna Mágica* (1875), onde cria o Zé Povinho³⁸. Paralelamente, ilustra o *Almanaque de Caricaturas* (1873 e 1874) e capas de romances em voga (Paul de Koch, Tomás de Mello, Bulhão Pato, Camilo, Pérez Escrich) e o

³⁷ Muitos dos caricaturados escreveram bilhetes de autorização para a publicação das suas caricaturas (França, 2007), embora algumas nunca tenham sido publicadas, como é o caso de Castilho que pediu ao pai Bordalo para que a sua caricatura não fosse publicada (Dantas, 1907). Esta hipótese foi confirmada por Pinto (Pinto, 1915), No entanto, Julieta Ferrão discorda e publica uma carta de Castilho a autorizar a publicação da sua caricatura (Ferrão, 1924).

³⁸ O personagem do Zé Povinho, como nos conta Julieta Ferrão, terá sido inspirado num abrantino célebre, José Peres, que era uma figura curiosíssima, viajando para Lisboa para tratar dos seus negócios. Aí, no Terreiro do Paço, o terá conhecido Rafael Bordalo Pinheiro com as suas decorativas suíças e a característica indumentária, onde se destacava “a jaleca de astrakan abotoada com moedas de 10\$000 réis de ouro e enfeitada com grilhões do mesmo metal” (Lisboa, Ferrão, & Moita, 1976, p 18).

livro *Os Teatros de Lisboa* de Júlio César Machado (1874) (Medina, 2008). *A Lanterna Mágica*, dirigida por Guerra Junqueiro e Guilherme de Azevedo (GilVaz) fechou as portas no nº 33 e, tal como antes a *Berlinda* e *O Binóculo* (Dantas, 1907), precocemente, o que terá levado Rafael a emigrar para o Brasil, em agosto de 1875, fixando-se no Rio de Janeiro, onde colabora n' *O Mosquito* (1876-77), *Psitt!* (1877-78) e n' *O Besouro* (1878) (Medina, 2008). Foi iniciado na Maçonaria, entretanto, tendo adotado o nome de «Goya» (França, 2007).

O historiador brasileiro Herman Lima compara-o a Hogarth e diz que ele foi “um dos mestres do género em nossa terra (...), um dos grandes caricaturistas universais do passado” (Lima, 1963, p 881). Foi no Brasil que, contactando com litógrafos brasileiros e alemães, desenvolveu e aprofundou os seus conhecimentos desta técnica, obtendo uma melhoria na qualidade das suas litografias (L. Rocha, 2010). Neste país, teve grande sucesso, embora o seu regresso a Portugal esteja, ainda, envolto em polémica. Os fatos são que o seu jornal foi assaltado no Rio de Janeiro e por duas vezes atentaram contra a sua vida, o que terá motivado o seu regresso à pátria em 1879³⁹.

Nesse mesmo ano, lança o “primeiro grande semanário satírico, *António Maria*” (Medina, 2008, p 45), numa referência a António Maria Fontes Pereira de Melo⁴⁰, que terá duas séries (1879-1885 e 1891-1898)⁴¹, os *Pontos nos ii* (1885-1891)⁴², onde começa a colaborar o seu filho Manuel Gustavo e, por fim, *A Paródia* (1900-1902) (Medina, 2008), continuada pela *Paródia – Comédia Portuguesa* (1903- 1907) (Deus, 1997).

Em 5 de junho de 1903, Rafael Bordalo Pinheiro foi homenageado num banquete servido no Teatro D. Maria, numa iniciativa da Associação dos Jornalistas como retribuição de um busto de Vítor Hugo que o artista produziu para a Sociedade de Geografia (L. A. M. e Costa, 1903). Neste banquete, compareceram acima de duzentas convivas, entre os quais os políticos que satirizara (França, 2007). João Chagas, no número imediato da *Paródia-Comédia Portuguesa* afirmaria que “com Raphael Bordallo Pinheiro, dá-se, porém, este facto singular: é que este homem atinge a hora da consagração, ainda na hora do combate. Ainda está em guerra com o seu tempo e o seu tempo já se reconciliou com ele” (Rimanso, 1903). Explica

³⁹ Sobre esta polémica ver (Medina, 2008, Ferrão, 1924), mas também (O. M. de Sousa, 2008) que relaciona estes atentados com a independência e a sátira política de Rafael, embora tenha ficado famosa a disputa com o caricaturista Angelo Agostini (Lima, 1963; Oliveira, 2006).

⁴⁰ Este político (1819-1887) dominou a política portuguesa entre 1851 e 1887, período chamado, até, de fontismo ou regeneração, com grandes melhoramentos materiais, nomeadamente, estradas e caminho de ferro (Ramos, Sousa, & Monteiro, 2010). Foi um alvo preferencial da crítica bordaliana, mesmo estando na oposição. No entanto, quando morreu, Rafael homenageia-o no seu próprio jornal (Moita, 1988).

⁴¹ Os colaboradores literários foram Guilherme de Azevedo, Ramalho Ortigão e Alfredo de Morais Pinto (França, 2007; O. M. de Sousa, 2008).

⁴² O colaborador literário foi Fialho de Almeida.

que o seu tempo se reconhece vencido, não podendo haver mais bela e fulgurante vitória (Rimanso, 1903).

Editou, também, uma série de litografias, o *Álbum das Glórias*, “acompanhadas de textos de Guilherme de Azevedo, Ramalho Ortigão, D. João da Câmara e outros” (Medina, 2008, p 45).

Paralelamente, Rafael Bordalo Pinheiro dedica-se à cerâmica artística caldense desde 1882, indo no ano seguinte viver para as Caldas da Rainha, onde funda uma fábrica de faianças com o seu irmão Feliciano Henrique, coronel de artilharia e com Felisberto José da Costa (Medina, 2008). A empresa Fábrica Nacional de Faianças começa a laborar em 1884, “lançando-se Rafael de corpo e alma nessa arte da faiança, velha tradição local” (Medina, 2008, p 46), nomeadamente, em pratos e louça de mesa, candeeiros, bilhas, bules, bustos, jarras e “figuras diversas, desde o Zé Povinho, agora dotado do seu famoso gesto obscuro – o manguito -, às amas opulentas do Bombarral, passando pelo padre rubicundo, os bonecos móveis (...), os polícias trogloditas, os escarradores e penicos antibritânicos (...) com a forma de John Bull” (Medina, 2008, p 46). A própria rainha D. Maria Pia visitou o edifício fabril nas Caldas, em agosto de 1886. Com dificuldades financeiras crescentes, viria a falir em 1905. Seria adquirida por Manuel Godinho Leal, proprietário alentejano, mas sem sucesso (Medina, 2008).

Rafael Bordalo Pinheiro faleceu em Lisboa, a 23-01-1905. No seu enterro, o tribuno republicano António José de Almeida leria o seu elogio fúnebre, chamando-lhe “«um grande lutador», que teria sido, «na cidade da troça, o soldado heroico da gargalhada», «um guerreiro e um patriota», além de um «grande educador»” (Medina, 2008, p 47).

4.2.1.2. O tempo d' A Paródia

No séc. XIX, deu-se o triunfo da industrialização e a ascensão da burguesia, dos governos liberais e de novos títulos nobiliárquicos (R. H. da Silva, 2005). As grandes potências mundiais eram, no final do séc. XIX; o Reino Unido e a França, tendo-se começado a desenhar as potências da Alemanha, dos Estados Unidos, Rússia e Japão. O imperialismo europeu estendia-se, ainda, à Ásia e à África, tendo surgido uma grande disputa pelos territórios africanos, como na Conferência de Berlim em 1884-85 (Â. Guimarães, 1997).

Na Europa, predominavam as monarquias liberais, onde existiam eleições, mas em que, apenas, podiam votar os homens que pagavam mais impostos, estando excluídas as mulheres e todos os que tinham menos posses (R. H. da Silva, 2005). Foi um período de grande emigração, nomeadamente, para os Estados Unidos da América e, no caso de Portugal, para o

Brasil. Com o desenvolvimento do capitalismo industrial e da sua brutalidade, surgiram confrontos sociais e políticos estimulados por Marx, Engels e Proudhon, levando à conquista de alguns direitos por parte dos trabalhadores industriais, como na jornada de trabalho, direito à greve, assistência na doença, habitação, educação, etc.

Em Portugal teve imensa repercussão o Ultimatum de 1890, pelo Reino Unido em relação às colónias portuguesas em África e a insurreição militar republicana no Porto, em 31 de janeiro de 1891 que viriam dar origem à proclamação da República em 1910 (R. H. da Silva, 2005).

Depois da Regeneração, protagonizada por Fontes Pereira de Melo e os seus melhoramentos materiais, começou um período chamado de «vida nova», parando as obras públicas e aumentando os impostos de forma de reequilibrar as finanças portuguesas. Entre 1893 e 1906, foi também o período do rotativismo na chefia do governo, entre o Partido Regenerador e o Partido Progressista, tendo José Luciano de Castro sido presidente do conselho de ministros de 1897 a 1900 e Hintze Ribeiro de 1900 a 1904 (Ramos, Sousa, & Monteiro, 2010). O rei demitia e nomeava os governos e foi D. Carlos que reinou entre 1889 e 1908, desempenhando um papel fundamental em todas as fases da vida política, desde as eleições à própria direção dos governos (Ramos, 2012a). A dívida externa era motivo de procura de acordos com os credores externos. Em 1901, dá-se uma cisão no Partido Regenerador, encabeçada por João Franco que tentaria formar um novo partido em 1903 (Ramos et al., 2010). O Partido Republicano teve representação na Câmara dos Deputados desde 1878 até 1905, tendo sido restringido pela nova legislação do governo de Hintze-Franco. Tinha, também, um poderoso conjunto de meios de propaganda, que incluíam os jornais *O Século*, *Os Debates*, *A Pátria*, para além de realizar comícios e conferências públicas (Medina, 1998).

A crise do sistema constitucional (Medina, 1998) ou o fracasso do reformismo liberal ficaram, também, a dever-se às questões relacionadas com o império colonial português, nomeadamente, à cobiça das colónias africanas por parte das grandes potências europeias. Sintomático seria o ultimato inglês de 1990, por parte dos velhos aliados ingleses, aliança que D. Carlos tanto defendia (Ramos et al., 2010). As colónias portuguesas tinham ficado definidas, em 1890, e englobavam as ilhas de Cabo Verde, a Guiné, as ilhas de São Tomé e Príncipe, a Fortaleza de S. João Batista de Ajudá (no atual Benim), Angola, Moçambique, Goa, Macau e Timor-Leste. A soberania sobre estes vastos territórios era ilusória, pois grande parte deles continuava inexplorada no final do século XIX. Portugal envolveu-se, então, em várias campanhas militares nas colónias, sendo a mais famosa a que envolveu Mouzinho de

Albuquerque na submissão de Gungunhana, um rei de Moçambique. No entanto, no princípio do século XX, só existiam 10000 europeus em Angola, 5000 em Moçambique e outros 5000 no restante império. Por isso, os trabalhadores indígenas eram explorados e não tinham os mesmos direitos que os portugueses (Ramos et al., 2010) ⁴³. Acontecimento destacado n' *A Paródia* foi a Segunda Guerra Anglo-Boer (1899-1902) (Ramos et al., 2010) que originou a passagem das tropas britânicas por Moçambique.

4.2.1.3. As técnicas

Os caminhos de ferro tiveram grande desenvolvimento na segunda metade do século XIX; permitindo um enorme incremento no transporte de carga e passageiros (F. M. da Costa, 1983), nomeadamente, dos jornais, como *A Paródia*. Em 1889, foi inaugurada a Torre Eiffel, símbolo da Exposição Universal de Paris e da arquitetura do ferro. A eletricidade começou a substituir o vapor como força motriz, iluminando as cidades e o interior das casas. Rafael Bordalo Pinheiro usou o telefone, de que Graham Bell adquirira a patente em 1876. Os correios tornaram-se mais eficazes (R. H. da Silva, 2005), o que proporcionou uma rede de assinantes d' *A Paródia*.

Os jornais tiveram, também, um grande desenvolvimento e expansão neste período, com uma elevação do nível de cultura das populações e com uma opinião pública mais politizada (Barbosa & Matos, 2005). O desenvolvimento das técnicas de impressão foi fundamental, nomeadamente, dos processos da tipografia, litografia, cromolitografia e zincogravura. A estada no Brasil foi muito importante para Bordalo, permitindo-lhe uma melhoria significativa na qualidade das suas litografias (L. Rocha, 2010). Rafael trabalhava com o lápis e o esfuminho (Lima, 1945), diretamente na pedra litográfica ou no papel, com craião e tinta de óleo (Leite, 2005). Era entre a meia-noite e as cinco horas da madrugada que o caricaturista trabalhava “de um só jato na pedra litográfica ou no papel autógrafo” (Ortigão, 1992, p 129), de pé, à luz do gás, sempre à última hora, desenhando de cima para baixo, começando pela cabeça, ou de baixo para cima (Ortigão, 1992). Foi nesta altura que se desenvolveu, ainda, o telégrafo sem fios por Marconi («Guglielmo Marconi», 2013), que permitiu um grande desenvolvimento no jornalismo.

⁴³ No entanto, “a produção e difusão de imagens sobre a «África portuguesa» - a sua ocupação imagética, poderemos dizer – mascaravam as fragilidades de um controlo territorial ainda débil e desigual entre as diferentes possessões” (Martins, 2012, p 89). Estas imagens eram divulgadas em diferentes periódicos nacionais (*O Occidente, Vida Colonial*), mas também deram origem a imagens satíricas n' *A Paródia*, n' *O António Maria*, *Pontos nos iii, A Carantonha, Branco e Negro, O Berro*, etc. (Martins, 2012).

4.2.1.4. As instituições

A Sociedade Nacional de Belas Artes (SNBA) foi fundada em 1901 e nasceu dos dissidentes de uma Sociedade Promotora de Belas Artes e que constituiu o chamado «Grupo do Leão» (Queiroz, 1951), de que faziam parte Columbano e Rafael Bordalo Pinheiro, Silva Porto, José Malhoa, João Vaz e António Ramalho, entre outros. A sua estética era o naturalismo, em homenagem ao sentimentalismo, onde predominam as paisagens, a vida agrícola, as atividades piscatórias, captando as variações da luz e das cores nos vários momentos do dia e na sucessão das estações. A SNBA promoveu inúmeras exposições ao longo da sua história até aos nossos dias.

Os jornais satíricos que existiam neste período eram numerosos: *Os Ridículos* (1895-1984), dirigido por Caracoles; *O Chinelo* (1900), onde colaborou Francisco Valença; *O Mundo* (1900-1936) com ilustrações de Alberto Sousa, Leal da Câmara, Luís Filipe e Francisco Valença; *A Algararra* (1899-1906), com as colaborações de Simões Júnior, Diamantino Leite, Penteadó e M. Pinto; *Os Pontos* (1895-1904), onde pontuou Nogueira; *O Jesuíta* (1901); *O Pagode* (1902-1905), com as colaborações de Leal da Câmara, Celso Hermínio, Simões Júnior, Cristiano de Carvalho e Manuel Monterroso; *Revista Nova* (1901-1902) com Arnaldo Ressano e Leal da Câmara; *O Arauto* (1901) com Alonso; *A Comédia Portuguesa* (1888-1889; 1902), que depois se fundiria com *A Paródia*, com Julião Machado, Celso Hermínio, Francisco Teixeira e Francisco Valença; *O Petardo* (1902-1910); *O Sorvete* (1878-1900), o jornal do Porto, de Sebastião Sanhudo... Para além de todos estes títulos, a partir de 1896, “os próprios jornais «sérios» noticiosos começavam a publicar suplementos ilustrados ocasionais” (O. M. de Sousa, 1998, p 375) com a colaboração dos caricaturistas, como o próprio Rafael Bordalo Pinheiro (*O Comércio do Porto*, *Diário de Notícias*, *O Século*).

4.2.2. *O Inimigo Público*

O Inimigo Público é um suplemento semanal do jornal *Público*, publicado às sextas-feiras⁴⁴, composto, inicialmente, por 12 páginas a cores. A partir de 26 de dezembro de 2008, passou a ter 8 páginas. Atualmente, tem, apenas, 4 páginas, desde que adotou o formato mini em janeiro de 2013. Iniciou a sua publicação em 26 de setembro de 2003 (L. P. (Diretor) Nunes, 2004), tendo sido antecedido por um número zero em 22 de julho de 2003, com o título *O Procurador* (I. F. Santos, 2006). É um projeto conjunto do *Público*/Produções Fictícias/Farol de Ideias através do Estado de Sítio e tem como publishers Nuno Artur Silva e

⁴⁴ Entre os números 155 e 179 publicou-se aos sábados.

Daniel Deusdado. Possui uma tiragem média de 17 000 exemplares (Matos, 2013), sendo o suplemento de maior tiragem em Portugal ²². Ganhou vários prémios, nomeadamente, o de melhor suplemento da imprensa portuguesa, em 2003 e 2004, atribuído pela revista *Meios & Publicidade*. As capas são idealizadas por Luís Pedro Nunes, segundo uma manchete de Mário Botequilha ⁴⁵ e o trabalho gráfico, no início, era de Jorge Silva e agora é de Hugo Pinto, da empresa Ray Gun. Os *cartoons* eram de Nuno Saraiva e de João Fazenda, no início, sendo, atualmente, de António Jorge Gonçalves. Teve, ainda, colaborações de Nuno Markl e de Filipe Homem Fonseca.

Ao longo da sua existência, o *IP* teve várias edições especiais, com os números de aniversário, aniversário do jornal *Público* (nº 233 – 18 anos e 336 – 20 anos), uma edição tabloide (nº 66), especial seleção (nº 349), anos 70 (nº 418) e várias edições em que mudou de título: *O Inimigo da DREN* (nº 195), *O Inimigo da Ação Socialista* (nº 281), *El Inimigo Publico* (nº 313) e *O Inimigo da Bola* (nº 408).

A redação é composta, atualmente, por Alexandre Parreira, António Marques ⁴⁶, David Marçal, Fábio Benídio, João Henrique, Mário Botequilha ⁴⁶, Luís Pedro Nunes, Patrícia Castanheira ⁴⁶, Susana Romana e Vítor Elias ⁴⁶. Fizeram parte da redação, também, Ana B. Bravo, João Macdonald (Valter Santiago), Jorge Fiel, Luís Camilo Alves, Luís Costa, Luís Filipe Borges, Maria João Cruz, Maria Silva, Miguel Stein, Nuno Costa Santos (Manuel Morelino) e Tiago Rodrigues. Contou como colaboradores com José de Pina, Miguel Góis, Nuno Duarte, Nuno A. Jerónimo, Rui Cardoso Martins, Tiago Dores, Zé Diogo Quintela e como colunistas Ricardo Araújo Pereira, João Nunes (John Snow), Carlos Quevedo, Anónimo XXI, Gastão F. Rodrigues, Marcos Pombal e Rui Zink (L. P. (Diretor) Nunes, 2004). Atualmente, o *IP* está a fazer o suplemento com 1/6 dos colaboradores do que fazia há quatro anos ²².

O logotipo de *O Inimigo Público* surgiu depois de uma pesquisa na internet de Luís Pedro Nunes e de Jorge Silva sobre orelhas, depois olhos, acabando por encontrar o globo ocular perfeito numa revista velha. O olho foi manipulado, digitalmente, pelo gráfico e tornou-se a imagem de marca do *IP* (I. F. Santos, 2006). Na capa, costuma ser acompanhado pelo *slogan* “Se não aconteceu, podia ter acontecido” e na ficha técnica surge a identificação do *IP* como

⁴⁵ É associado das Produções Fictícias, redator de *O Inimigo Público*, escreveu textos humorísticos no *Expresso*, *A Bola* e *Diário Económico*, tendo integrado as equipas de argumentistas de *Manobras de Diversão*, *Os Contemporâneos* e *Herman 2010*. É coautor das séries de televisão *Os Dias do Regicídio*, *Bocage* e *Viver é Fácil*. No teatro, escreveu *Contos do Ócio*, *O Picas*, *Delírios del Arte*, *O Estado da Nação* e foi coautor de *Nós depois telefonamos* (Produções Fictícias, sem data). Segundo Luís Pedro Nunes, é ele quem costuma escrever a manchete do *IP* ²².

⁴⁶ Desde o 1º ano de publicação.

jornal satírico, de caráter ficcional. *O Inimigo Público* conta já com 500 números numa única série⁴⁷. Esteve interrompido entre 21 de dezembro de 2012 e 11 de janeiro de 2013.

O *IP* organizou uma gala de prémios em 8 de outubro de 2004, no Tivoli, em Lisboa, tendo juntado uma grande quantidade de pessoas e tido transmissão direta na SIC, bem como novas retransmissões na SIC Comédia (I. F. Santos, 2006). Em 13 de fevereiro de 2007, *O Inimigo Público* realizou em conjunto com *O Eixo do Mal*, a gala de prémios *Inimigo Público 2006 — O Pior Português de Sempre*, transmitida pela SIC (Real, 2007). Foram lançados 3 livros com os *best of* dos seus três primeiros anos de existência, dos quais foram vendidos 105 000 exemplares. Luís Pedro Nunes acredita que tinha sido uma boa altura para fazer *merchandising* e dar o salto, mas não houve dinamismo da parte da *Editorial Público*²².

O jornal dá grande importância à componente visual, nomeadamente, às fotografias manipuladas e ao *cartoon*, mas também aos artigos curtos que foram uma invenção do próprio jornal, pois o que existia quando o *IP* surgiu era o modelo do *Onion* com notícias grandes²². A capa é, geralmente, uma manchete de Mário Botequilha, da qual Luís Pedro Nunes idealiza uma imagem que é realizada por Hugo Santos com manipulação em *Photoshop* de uma fotografia digital²². No entanto, muitas vezes, é um *cartoon* de António Jorge Gonçalves.

Os temas abrangidos são a Política, a Sociedade, o Mundo, a Economia, o Desporto e a Cultura (I. F. Santos, 2006), sempre com outros nomes como «Estamos//bem», «Cá//vamos» e «Uma dorzinha//uma pontada», tal como são denominados no nº 500.

O Inimigo Público, ao longo dos seus quase nove anos de existência, diversificou a sua oferta, alargando o seu âmbito à televisão, numa primeira fase numa emissão na SIC, tendo estreado a 11 de fevereiro de 2005 (Esteves, 2005). Foram emitidos 13 episódios, dirigidos por Maria João Cruz, de um programa com a duração de 45 a 50 minutos e a apresentação de Rui Unas, Ana Rita Clara e Joana Cruz. Era semanal, (Esteves, 2005), sendo emitido às sextas-feiras em horário *late night*. Tinha um espaço de comentário com José de Pina e reportagens internacionais de Filipe Homem Fonseca e João Quadros. A sua última emissão foi em maio de 2005, pondo termo a um programa experimental que muito devia ao *Daily Show*²² (I. F. Santos, 2006).

Muitos vídeos continuam disponíveis no *youtube*, por exemplo um com 5316 visualizações (*Inimigo Público TV - Congresso PSD- Candidato surpresa*, 2007), outro com 2334 (*Inimigo Público TV - Convenção Bloco de Esquerda*, 2009), 2984 (*Inimigo Público TV - Agitador 1975*, 2008) ou 4813 (*TVI no Inimigo Público*, 2007).

⁴⁷ O nº 500 foi publicado a 14 de junho de 2013.

O Inimigo Público regressou à televisão em 07-06-2010, no Canal Q, onde se manteve até 07-12-2012. Os vídeos, disponíveis no sítio da internet do canal tiveram já 2997 visualizações («O Inimigo Publico 001 - SAPO Vídeos», sem data), 3369 («O Inimigo Publico 004 - SAPO Vídeos», sem data), 5691 («Novo look, credibilidade do costume. - SAPO Vídeos», sem data), tendo tido um mínimo de 103 visualizações («Prémios IP 2011 - 1ª parte - SAPO Vídeos», sem data). De realçar que no Canal Q no Sapo Vídeos, *O Inimigo Público* é classificado como *infotainment*.

O jornal dispõe de um sítio na internet desde 2009 (*O Inimigo Público*, 2012), em que se disponibilizam as capas das edições impressas, bem como conteúdos específicos do sítio, capas e *cartoons* de edições anteriores, vídeos de outros produtores relacionados com a temática, hiperligações a sítios satíricos, atualização do *twitter* e ligação ao *facebook*, bem como uma página com colaborações dos leitores. *O Inimigo Público* tem, também, uma página no *facebook*, que conta com 117.117 «gostos» e 8.459 «falam sobre isto». A cidade onde é mais popular é Lisboa, a faixa etária é a dos 25-34 anos e a semana mais popular foi a de 17 de fevereiro de 2013 («*Inimigo Público*», sem data). Na sua página do *twitter*, o jornal tem 4.015 *tweets*, segue 36.884 utilizadores e tem 38.665 seguidores («*Inimigo Público (inimigo)* no Twitter», sem data).

4.2.2.1. Luís Pedro Nunes

Luís Pedro Nunes é natural de Ferreira do Alentejo e estudou Comunicação Social na Universidade Nova de Lisboa. Foi jornalista do *Público* (1989-1997) e chefe de redação do *Independente*, tendo ganho vários prémios de jornalismo. Trabalhou na Jerónimo Martins, obteve um *Master Business Administration* e foi assessor do conselho de administração da EDP até julho de 2003. O seu primeiro trabalho humorístico foi uma parceria com José de Pina para o jornal *Record*, a que se seguiu uma colaboração com Filipe Homem Fonseca para a TSF com a rubrica *Tôquemfala?* (2003) (I. F. Santos, 2006). Atualmente, escreve para a *Revista Expresso*, é interveniente no programa *Eixo do Mal* na SIC Notícias (2005-) e diretor d' *O Inimigo Público* (2003-), tendo assinado um blogue no sítio do *Expresso*, *O Homem do Lixo* entre 27-02-2012 e 18-01-2013. Dispõe de uma página no *facebook* com 1845 seguidores.

4.2.2.2. O tempo d' *O Inimigo Público*

No séc. XXI, deu-se o triunfo da globalização, proporcionando o mais rápido aumento de riqueza mundial de sempre (Ramos, 2012b). Das grandes potências mundiais, que foram, durante o século XX, os Estados Unidos da América (EUA) e a União das Repúblicas

Socialistas Soviéticas (URSS), mantiveram-se, apenas, os EUA. A China tornou-se uma potência emergente, bem como os restantes BRIC (Brasil, Rússia e Índia) com taxas de crescimento do PIB de 7% ao ano contra os 2% do Ocidente (Ramos, 2012b). As disputas passaram a ser feitas em termos económicos e comerciais, embora tenha havido algumas guerras localizadas: Darfur (2003-), Iraque (2003-2010), bem como inúmeras revoluções, nomeadamente, as revoluções coloridas na Geórgia (2003), Ucrânia (2004), Quirguízia (2005), tendo depois passado para o Médio Oriente na chamada *primavera Árabe*: Líbano (2005), Tunísia (2010-11), Egito (2011), Iémen (2011-12), Líbia (2011), Síria (2011-) e provocado várias guerras civis («21st century», 2013). O sistema político dominante é a democracia representativa, com eleições de sufrágio universal, embora menos de metade da população mundial viva em países livres, pois, nomeadamente, a China continua a ser uma ditadura de partido único, enquanto países com a Rússia e a Venezuela são ditaduras plesbicitarias (Ramos, 2012b).

Em 2007, deu-se a crise financeira mundial, causada, em grande parte, pela bolha imobiliária norte-americana («Financial crisis of 2007–08», 2013) e despoletada com a falência do quarto maior banco de investimento dos EUA, o Lehman Brothers, em 2008 (Ramos, 2012b). Gerou-se a crise da dívida soberana europeia que, ainda, se prolonga, atingindo países como a Grécia (2010), Irlanda (2008) e Portugal (2010). Estes três países tiveram que recorrer a ajuda internacional, através de uma «troika» de instituições - Fundo Monetário Internacional (FMI), União Europeia (UE) e Banco Central Europeu (BCE), sendo obrigados a implementar medidas de austeridade («European sovereign-debt crisis», 2013).

O terrorismo internacional, depois dos ataques de 11 de setembro de 2001 nos EUA, voltou a atacar em Madrid (2004) e Londres (2005) (Tavares, 2012). Houve várias catástrofes naturais, entre as quais o *tsunami* na Indonésia (2004), um furacão que devastou Nova Orleães (2005), além doutro *tsunami* que provocou o desastre na central nuclear de Fukushima (2011) e da epidemia de gripe A (2009) (R. Cardoso, 2013).

Portugal apoiou os EUA na Guerra do Iraque após uma controversa cimeira na Base das Lajes, nos Açores (2003). O primeiro-ministro Durão Barroso foi eleito Presidente da Comissão Europeia (2004-) e foi sucedido no governo português, sem eleições, por Santana Lopes, também do PSD. Dez países entraram para a UE em 2004 e 2 em 2007.

Em Portugal, houve rotatividade no poder político entre a coligação Partido Social Democrata (PPD-PSD)/Partido Popular (CDS-PP) e o Partido Socialista (PS). Os primeiros governaram entre abril de 2002 e março de 2005 e entre junho de 2011 e a atualidade. O PS governou sozinho entre março de 2005 e junho de 2011. Em 2006, foi eleito o primeiro

presidente da República do PSD: Cavaco Silva. Houve inúmeros casos polémicos na justiça portuguesa, que marcaram as páginas d' *O Inimigo Público*, entre os quais o caso Isaltino Morais e o caso Fátima Felgueiras (2003), «Apito Dourado» (2004), Portucale (2005), «Operação Furacão» (2004), o caso dos submarinos (2004), o caso da Universidade Independente (2007), o caso BPN (2008), Freeport (2009) e «Face Oculta» (2009) (B. de S. Santos, 2009). A nível desportivo, teve particular destaque nas páginas do *IP*, o campeonato europeu de futebol Euro 2004, disputado em Portugal, tendo a seleção nacional sido vice-campeã (Guedes, 2009).

4.2.2.3. As técnicas

A passagem da videosfera para a numerosfera ou hipersfera provoca inúmeras roturas técnicas, como aquelas que temos presenciado nos últimos anos: os transportes ficaram cada vez mais rápidos, permitindo a deslocação das pessoas e a distribuição das mercadorias a uma velocidade nunca antes vista. Logo de manhã cedo, o *Público* de sexta-feira fica disponível com o seu suplemento *IP* em todo o país e até no estrangeiro.

Foi, no entanto, a tecnologia elétrica que teve o maior desenvolvimento, como já tinha sido realçado por McLuhan (McLuhan, 1979). O desenvolvimento da internet e da *web 2.0* permitiu o advento de uma cultura eletrónica, suportada pela evolução dos computadores, *tablets* e *smartphones*. O surgimento das redes sociais permitiu a partilha de fotos, notícias e comentários de forma maciça (Ramos, 2012b). A *web 2.0* foi um conceito criado em 2004 que considera a internet como uma plataforma de suporte para a produção de conteúdos, dando aos utilizadores a possibilidade de participarem, gerando e organizando as informações. Exemplos desta nova era são a Wikipédia e as redes sociais (Marques, 2009), como o *facebook* que foi criada em 2004. Em 2008, internacionalizou-se e chegou a Portugal, conquistando o mundo com mil milhões de contas ativas em 2012 (L. P. Nunes, 2012). O *facebook* permitiu ao *IP* demonstrar a sua vitalidade quando o *Público* deixou de investir no sítio do *IP*²². O *YouTube* foi criado em 2005, permitindo a visualização de milhões de vídeos por mais de mil milhões de utilizadores todos os meses («Estatísticas – YouTube», sem data), Os vídeos do *IP TV* continuam disponíveis para visualização e têm mesmo registado alguma evolução a esse nível. Foi o desenvolvimento do *streaming* que permitiu a visualização de vídeos na internet quase em tempo real (Marques, 2009).

O *IPhone* foi criado em 2007, sendo considerado um *smartphone* com funções de *IPod*, câmara digital e internet com conexão *wi-fi*. Os *smartphones* tiveram grande desenvolvimento na primeira década do século XX e tornaram-se quase computadores de bolso (Marques,

2009), permitindo ver televisão, os vídeos do *IP*, ler as edições digitais do *IP*, publicar no *facebook* do *IP* e mesmo fotografar os atentados de Londres, em 2005, contribuindo para a emergência do jornalismo do cidadão (G. Cardoso, 2009).

A tecnologia de *wi-fi*, tendo sido inventada em 1985, teve grande desenvolvimento no início do século XXI, nomeadamente, com a criação nas cidades de pontos de acesso, desde 2005 («Wi-Fi», 2013). Consiste numa ligação à internet sem fios, permitindo aceder à rede em qualquer lugar (Marques, 2009). Hoje é possível ler a edição digital do *IP* ou aceder às edições digitais d' *A Paródia* disponibilizadas pela Hemeroteca Digital num *smartphone* ou num portátil em qualquer ponto do planeta.

As câmaras digitais tiveram, nesta primeira década do século XXI, uma popularização maciça devido à progressiva redução no seu tamanho e no seu preço. Por outro lado, graças ao computador, aos *smartphones* e à internet despoletaram a revolução da imagem (Marques, 2009).

O computador, por seu turno, tornou-se o mais controverso mecanismo de produção e manipulação de imagens, passando a imagem a ser sintética, artificial e, para além de registar ou criar, simular o real. Com a fotografia digital, o instante revela-se automaticamente, instantaneamente. Em tempo real e com *softwares* simples, é possível reconstruir toda a imagem, transformá-la e recriar o «real» por ela registrado (K. F. Aguiar, 2006). A manipulação de imagens não é, propriamente, uma novidade, já que os laboratórios fotográficos sempre possibilitaram diversas alterações e reconstruções das imagens fotográficas. Hoje em dia, porém, existem *softwares* simples e fáceis de utilizar que “permitem fazer recortes, colagens, alterar tamanhos e formas de objetos, modificar cores, remover imperfeições, trabalhar com efeitos de luz e sombras, texturas...” (K. F. Aguiar, 2006, p 6). Tem possibilidades inesgotáveis, pois tanto a fotografia digital como a analógica, que pode ser, também ela, digitalizada, tornam-se obras em permanente processo de construção, sendo possível a remoção de imperfeições, da luz, o uso de texturas. A manipulação da imagem fotográfica cria, assim, a sensação de hiper-realidade, ou seja, uma realidade perfeita, sem defeitos ou elementos dissonantes ou indesejáveis. É, pois, um tipo de imagem característico da época em que vivemos, do mundo «globalizado» hiper-real (K. F. Aguiar, 2006). Nesse sentido, “ela traz em si tanto o embrião da arte quanto da mentira, da simulação e do registro, da realidade e da hiper-realidade” (K. F. Aguiar, 2006, p 8). As fotomontagens do *IP*, embora não procurem a perfeição, são, também, simulações de uma realidade que nunca existiu: aquela que é satirizada.

Os livros e as edições eletrónicas dos jornais tiveram uma grande divulgação com a invenção do *Kindle*, o leitor de *e-books* da Amazon (2007) e com o *IPad* (2010), que permitiu a popularização dos *tablets pc*, que são uns pequenos computadores com ecrã táctil e ligações em *wi-fi* e *Bluetooth*. Os *tablets* possibilitam, assim, o acesso à internet e a edições eletrónicas de *e-books*, jornais, etc., bem como à captura e edição de fotografias e vídeos. O *IP* tinha pronta uma edição em *IPad* que seria algo que não existe no mundo inteiro²², constituindo-se como uma revolução técnica do lado da Matéria Organizada que determinaria uma evolução institucional e mental do lado Organização Materializada (Debray, 2004).

O próprio desenho das caricaturas e dos *cartoons*, hoje, faz-se, por vezes, primeiro no papel e depois no computador (Canelas, 2012), através de *software* de tratamento de imagem, ou mesmo, diretamente, no computador (Brennan, 1985). Existem, ainda, novas vertentes do *cartoon*, como o *spam cartoon* («Spam Cartoon», sem data).

4.2.2.4. As instituições

Atualmente, inúmeras instituições preservam o legado do jornalismo satírico. É o caso da Hemeroteca, que preserva todas as edições dos jornais satíricos e que através do seu serviço digital disponibiliza um acervo considerável de jornais satíricos já extintos. O serviço de Bedeteca da Biblioteca Municipal dos Olivais guarda um importante espólio e bibliografia sobre a caricatura e a BD. A Biblioteca Nacional tem inúmeras edições digitais disponíveis de jornais satíricos e obras sobre caricaturistas e caricatura. Por todo país, existe uma rede de bibliotecas com muitos livros de BD e de caricatura.

O Museu Bordalo Pinheiro preserva o espólio de Rafael e Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro, organizando exposições como *A Viagem com as Caricaturas* que António realizou para a estação Aeroporto do metropolitano de Lisboa e *Através do Traço*, de Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro. O Museu Nacional da Imprensa dispõe, desde 2006, de Galeria Internacional do *Cartoon*, que é a única galeria de humor aberta em Portugal, em regime de permanência («Museu Nacional Da Imprensa», sem data).

Ao nível dos eventos, têm particular importância o Festival Internacional de Banda Desenhada da Amadora, o Festival Internacional de Banda Desenhada de Beja, o Salão Internacional de Banda Desenhada de Moura, o *World Press Cartoon*⁴⁸, em Sintra, etc.⁴⁹. Existem muitas editoras de BD em atividade (as Edições Asa, Devir, Gradiva Publicações,

⁴⁸ O *World Press Cartoon* tem dado lugar a edições em álbum pela Texto Editores, vendidas com o Expresso, de cada uma das suas edições.

⁴⁹ O Prémio Stuart de Desenho de Imprensa existe desde 2004 e é promovido por *El Corte Inglés*, existindo diversos outros prémios, como os do World Press Cartoon onde António Jorge Gonçalves d' *O Inimigo Público* ganhou o 2º prémio de *cartoon* editorial em 2008 e diversas menções honrosas.

Book Tree, Dom Quixote, Verbo, Bizâncio, Edições Afrontamento, Âncora Editora, Edições Polvo, Editorial Notícias, Assírio & Alvim, Meribérica / Liber, Europress, Bertrand Editora, Planeta Júnior, Editorial Teorema, PI, Livros Horizonte, a Abysmo, etc.).⁵⁰

⁵⁰ Os jornais têm, também, editoras que publicam BD, como o *Público*. O único jornal satírico publicado em papel, atualmente, existente, é *O Inimigo Público*, mas o humor e a sátira ocuparam as redes sociais e a internet, em geral, onde, nas palavras de Luís Pedro Nunes “cada um é humorista” (L. P. Nunes, 2013).

4.3. GRELHA DE INTELIGIBILIDADE DO DUPLO CORPO DO *MEDIUM* D' A *PARÓDIA* E D' O *INIMIGO PÚBLICO*

| Mediasfera | | Grafosfera (A Paródia) | Numerosfera (O Inimigo Público) |
|--|------------------------------------|--|--|
| Medium= o viático de um símbolo | | | |
| Vetores técnicos | | | |
| MO1 | O suporte físico | Papel, pedra litográfica | Papel, televisão, sítio na internet, página no <i>facebook</i> , microblogue no <i>twitter</i> |
| MO2 | O modo de expressão | Linguagem escrita, caricatura, <i>cartoon</i> | Linguagem escrita, fotomontagem, <i>cartoon</i> |
| MO3 | O dispositivo de circulação | Rede de distribuição do jornal/impressão (em cadeia) | Rede de distribuição do jornal, cabo, via satélite, internet (estrelas interconectadas) |
| Vetores institucionais | | | |
| OM1 | O código linguístico | Português, modos de caricaturar | Português, fotomontagem, edição vídeo |
| OM2 | O quadro da organização | Os jornais satíricos, os caricaturistas | Os jornais satíricos, os humoristas, redes sociais, televisão, museus, Produções Fictícias |
| OM3 | As matrizes de formação | As técnicas de sátira, fórmulas de caricatura | As técnicas de sátira, fórmulas e modos de caricaturar, <i>fake news</i> , <i>infotainment</i> |

FIGURA 8: GRELHA DE INTELIGIBILIDADE D' A PARÓDIA E D' O INIMIGO PÚBLICO (MEDIUM - O VIÁTICO DE UM SÍMBOLO)

| Mediasfera | | Grafosfera (<i>A Paródia</i>) | Numerosfera (<i>O Inimigo Público</i>) |
|---|--|--|--|
| Medio(logia) = os elementos constitutivos de um modo de transporte | | | |
| Meios de circulação (aparentes e distintos) | | | |
| MO1 | O suporte como via de transporte | Papel | Papel, LED, LCD, Plasma, ecrã tátil |
| MO2 | O veículo como meio de transporte | Edição impressa | Edição impressa, edição internet, <i>facebook, twitter</i> |
| MO3 | A rede como modo de transporte | Rede de distribuição do jornal/impressão (em cadeia) | Rede de distribuição do jornal/impressão (em cadeia) e rede da internet (estrelas interconectadas) |
| Agentes de circulação (internos ou ambientes) | | | |
| OM1 | O meio cultural portador | Cultura ocidental | Cultura ocidental |
| OM2 | O corpo coletivo condutor | <i>A Paródia</i> e os outros jornais satíricos | Museus, <i>O Inimigo Público</i> , <i>Diário de Notícias</i> , <i>Público</i> , <i>Expresso</i> , <i>Produções Fictícias</i> , sítios humorísticos, <i>facebook, twitter</i> |
| OM3 | O código concetual indutor | Técnicas de sátira e de caricatura | Técnicas de sátira e de humor, <i>infotainment, fake news</i> |

FIGURA 9: GRELHA DE INTELIGIBILIDADE D' A PARÓDIA E D' O INIMIGO PÚBLICO (MEDIO(LOGIA) = OS ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DE UM MODO DE TRANSPORTE)

4.4. ANÁLISE DE CONTEÚDOS

| Temática | | | | | | | | | | Atualidade | | Imagem | |
|--------------------------|-------|----------|----------|----------|-----------|---------|-------|-------|---------|------------|-----|--------|-----|
| | Mundo | Política | Desporto | Economia | Sociedade | Cultura | Local | Média | Ciência | Sim | Não | Sim | Não |
| <i>A Paródia</i> | | | | | | | | | | | | | |
| Total | 2 | 5 | 0 | 5 | 5 | 1 | 0 | 2 | 0 | 12 | 8 | 20 | 0 |
| % | 10% | 25% | 0% | 25% | 25% | 5% | 0% | 10% | 0% | 60% | 40% | 100% | 0% |
| <i>O Inimigo Público</i> | | | | | | | | | | | | | |
| Total | 10 | 20 | 6 | 9 | 13 | 7 | 0 | 3 | 2 | 45 | 8 | 25 | 35 |
| % | 14% | 29% | 9% | 13% | 19% | 10% | 0% | 4% | 3% | 64% | 11% | 36% | 50% |

| Plano geográfico | | | | | | | | | | |
|------------------|--------|--------------------------|------------------|-------|-------|--------|--------|-----|-------------|------|
| | | <i>A Paródia</i> | | | | | | | | |
| Portugal | Lisboa | Porto | Estação de Mafra | Mundo | Paris | França | Itália | | | |
| 16 | 2 | 1 | 1 | 13 | 2 | 1 | 2 | | | |
| 55% | 13% | 6% | 6% | 45% | 15% | 8% | 15% | | | |
| | | <i>O Inimigo Público</i> | | | | | | | | |
| | | | | | | | | EUA | Nova Iorque | Irão |
| 54 | 12 | 1 | | 21 | | | | 3 | 1 | 2 |
| 72% | 22% | 2% | | 28% | | | | 14% | 5% | 10% |

FIGURA 10: ANÁLISE DE CONTEÚDOS (TEMÁTICA, ATUALIDADE, IMAGEM, PLANO GEOGRÁFICO)

| | A Paródia | | O Inimigo Público | O Inimigo Público | |
|--|--|-------------------------|--------------------------|---|-------------------------|
| | Protagonistas | Total de sátiras | | Protagonistas | Total de sátiras |
| | Rafael Bordalo Pinheiro | 3 | | José Sócrates | 6 |
| | Manuel Gustavo B. Pinheiro | 3 | | Aníbal Cavaco Silva | 5 |
| | <i>A Paródia</i> | 1 | | Santana Lopes | 4 |
| | Hintze Ribeiro/Governo Hintze | 3 | | FMI/Troika | 4 |
| | Credores externos | 1 | | IP/António Marques (IP)/José Manuel Fernandes | 4 |
| | Alemanha/Alemanha (credores) | 2 | | ASAE | 3 |
| | França/França (credores) | 2 | | Cristiano Ronaldo | 2 |
| | Inglaterra/Inglaterra (credores)/John Bull | 4 | | Durão Barroso | 2 |
| | Tio Sam | 2 | | Eduardo Prado Coelho | 2 |
| | Zé Povinho/Portugal | 4 | | Fernando Nobre | 2 |
| | | | | Guterres | 2 |
| | | | | Mahmoud Ahmadinejad | 2 |

FIGURA 11: ANÁLISE DE CONTEÚDOS (PROTAGONISTAS)

| MO2: O Modo de Expressão | | | | | | |
|---------------------------------|----------------|------------|-------------------|------------|---------------------|-------------|
| <i>A Paródia</i> | | | | | | |
| | <i>Cartoon</i> | | <i>Caricatura</i> | | <i>Fotomontagem</i> | |
| | Sim | Não | Sim | Não | Sim | Não |
| Total | 19 | 1 | 18 | 2 | 0 | 20 |
| | 95% | 5% | 90% | 10% | 0% | 100% |
| <i>O Inimigo Público</i> | | | | | | |
| | 14 | 57 | 18 | 53 | 10 | 61 |
| | 20% | 80% | 25% | 75% | 14% | 86% |

FIGURA 12: ANÁLISE DE CONTEÚDOS (MO2: O MODO DE EXPRESSÃO)

| OM3: As Matrizes de Formação | | | | | | | | |
|-------------------------------------|-----------------|--------------------------------|---------------|------------|---------------------------|----------------|-----------------|---------------|
| <i>A Paródia</i> | | | | | | | | |
| Processos do riso | | | Sátira | | Técnicas de sátira | | | |
| Repetição | Inversão | Interferência de séries | Sim | Não | Mordacidade | Redução | Invetiva | Ironia |
| 5 | 2 | 19 | 19 | 1 | 16 | 9 | 9 | 18 |
| 25% | 10% | 95% | 95% | 5% | 80% | 45% | 45% | 90% |
| <i>O Inimigo Público</i> | | | | | | | | |
| 4 | 4 | 71 | 71 | 0 | 59 | 22 | 10 | 70 |
| 6% | 6% | 100% | 100% | 0% | 83% | 31% | 14% | 99% |

FIGURA 13: ANÁLISE DE CONTEÚDOS (OM3: AS MATRIZES DE FORMAÇÃO - PROCESSOS DO RISO, SÁTIRA E TÉCNICAS DE SÁTIRA)

| OM3: As Matrizes de Formação | | | | | | | |
|-------------------------------------|-------------------------------|----------------------|----------------------------------|--------------------|----------------------------|--------------------|-----------------|
| <i>A Paródia</i> | | | | | | | |
| | Fórmulas de caricatura | | | | Modo de caricaturar | | |
| | Ampliação | Simplificação | Ampliação e Simplificação | Estilização | Diretamente | Metamorfose | Alegoria |
| Total | 14 | 0 | 1 | 0 | 13 | 5 | 7 |
| % | 70% | 0% | 5% | 0% | 65% | 25% | 10% |
| <i>O Inimigo Público</i> | | | | | | | |
| Total | 15 | 0 | 0 | 8 | 23 | 0 | 0 |
| % | 21% | 0% | 0% | 11% | 32% | 0% | 0% |

FIGURA 14: ANÁLISE DE CONTEÚDOS (OM3: AS MATRIZES DE FORMAÇÃO - FÓRMULAS E MODOS DE CARICATURAR)

| <i>A Paródia</i> | | | | |
|--------------------------|---------------------|------------|------------------|------------|
| | <i>Infotainment</i> | | <i>Fake news</i> | |
| | Sim | Não | Sim | Não |
| Total | 9 | 11 | 10 | 10 |
| % | 45% | 55% | 50% | 50% |
| <i>O Inimigo Público</i> | | | | |
| Total | 61 | 10 | 60 | 16 |
| % | 86% | 14% | 85% | 23% |

FIGURA 15: ANÁLISE DE CONTEÚDOS (OM3: AS MATRIZES DE FORMAÇÃO - INFOTAINMENT E FAKE NEWS)

5. ANÁLISE DE RESULTADOS

Em relação aos temas das notícias satíricas e das caricaturas e *cartoons* publicados nos dois jornais, podemos concluir, a partir desta amostra, que têm algumas semelhanças, destacando-se a política, que representa 25% dos temas d' *A Paródia* e 29% d' *O Inimigo Público* (Figura 10). Aliás, como vimos, anteriormente, a política é um dos principais temas da sátira (Hodgart, 2009). Por isso, é normal que os personagens mais satirizados sejam José Sócrates e Cavaco Silva, no caso do *IP* e n' *A Paródia* se destacarem Hintze Ribeiro, que foi presidente do conselho de ministros entre 1900-1904. A economia tem particular destaque, com 25% n' *A Paródia* e 135 n' *O Inimigo Público*. Está associada a notícias e caricaturas sobre os credores externos (Alemanha, França, Inglaterra), no caso do jornal de Rafael Bordalo Pinheiro e à Troika e ao FMI no caso do *IP*, personagens que, também, se destacam na lista dos mais satirizados (Figura 11). As duas situações representam notícias satíricas construídas sobre uma realidade: no caso d' *A Paródia*, o que estava em causa eram os empréstimos que se tentavam obter junto dos credores internacionais, apesar de grandes confrontos e oposições internas, desde Augusto Fuschini aos grevistas da indústria têxtil, etc. (Ramos, 2012a). Em relação ao *IP*, a situação atual demonstra que o crédito externo continua a ser o recurso necessário para a sobrevivência da economia portuguesa.

A sociedade é tema que assume particular importância nos dois jornais (25% n' *A Paródia* e 19% no *IP*), associado a notícias e caricaturas satíricas sobre a ASAE, no caso do *IP* e sobre Portugal, o Século XX e um personagem que, embora não tendo vingado, o Cara de Fome, constituiu como que uma nova encarnação do Zé Povinho concebida por Manuel Gustavo. O mundo é outro tema com alguma importância nos dois periódicos (10% n' *A Paródia* e 14% no *IP*) e surge associado às grandes potências das respetivas épocas, denotando particular importância os personagens do John Bull, símbolo da pátria britânica e do Tio Sam, símbolo dos EUA (Medina, 2008). No caso do *IP*, curiosamente, é Mahmoud Ahmadinejad, anterior presidente do Irão que se destaca. O desporto é, apenas, representado no *IP*, destacando-se o futebol e Cristiano Ronaldo. A cultura tem alguma expressão, sobretudo no *IP* (10%), com Eduardo Prado Coelho e n' *A Paródia* (5%), com o destaque

dado à exposição Universal de Paris em que se fizeram representar Rafael e Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro e onde tiveram contacto direto com a Arte Nova, então, emergente (França, 2007; O. M. de Sousa, 1998). Importa realçar a capacidade de sátira a si próprios que os jornais apresentam, havendo 3 a Rafael e 3 a Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro e, ainda, uma à própria *Paródia* no seu centésimo número e, quanto ao *IP*, no número do seu 5º aniversário, com uma capa com José Manuel Fernandes, diretor do Público junto com Cavaco Silva e o ministro da economia, da altura, Manuel Pinho.

Quanto à atualidade das notícias satíricas, existe uma maior expressão no *IP* (64%) contra 60 % n' *A Paródia* (Figura 10), o que revela, bastante atualidade nas notícias satíricas publicadas nos dois jornais ou não fizessem eles parte do agendamento mediático (McCombs & Shaw, 2000) e das necessidades da própria opinião pública. Cumprem, assim, outra das características fundamentais do jornalismo.

A imagem ocupa um maior espaço n' *A Paródia*, com presença em todas as páginas analisadas, embora tenhamos que referir que as páginas escolhidas na nossa análise, a capa e a última página eram sempre preenchidas por caricaturas, principalmente de Rafael e Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro, embora tenhamos analisado algumas outras de Celso Hermínio e de Monterroso (Lopes, 2005). Nas páginas interiores d' *A Paródia* era habitual incluírem-se textos humorísticos e satíricos, também acompanhados por imagens, pelo que a representatividade da imagem neste jornal será sempre muito maior do que no *IP*, onde apenas algumas notícias e o *cartoon* têm imagens.

Quanto ao plano geográfico, sendo que a maioria das notícias analisadas se referem a acontecimentos políticos nacionais, normalmente, relacionadas com titulares de cargos políticos e económicos, no caso do *IP*, pois para além de Sócrates e Cavaco Silva têm expressão as sátiras a Santana Lopes, Guterres, Fernando Nobre, Passos Coelho e Vítor Gaspar, pelo que se podem considerar localizados em Lisboa, onde se situam as sedes do governo e da presidência da república. Existem, nesta amostra, 72% de notícias do *IP* localizadas em Portugal e 28% no mundo, contra 55% e 45%, respetivamente, n' *A Paródia*, o que denota, curiosamente, um carácter mais nacional no *IP* que se pode explicar pela amostra escolhida d' *A Paródia*, como afirmamos, anteriormente, e também pela própria evolução do jornalismo que se procurou aproximar dos leitores e dos próprios interesses da opinião pública. Para além disso, detetamos mais 12 notícias no *IP* localizadas em Lisboa (12% do total), contra 2 (13%) n' *A Paródia*. Outras localizações portuguesas nos dois jornais têm pouca expressão, o Porto (6% n' *A Paródia* e 2% no *IP*), a estação de Mafra (6% n' *A Paródia*), bem como Vila Real, Faro Coimbra e Setúbal (2% cada uma no *IP*). Esta expressão

denota uma maior abrangência geográfica nacional por parte do IP, talvez pelas mesmas razões apontadas, anteriormente, e que têm a ver com os interesses dos leitores e da opinião pública. Quanto ao mundo, n' *A Paródia*, destacam-se a França (8%) a que se acrescenta Paris (15%) e a Itália (15%). A França sempre foi uma referência em termos culturais para Portugal no século XIX e no princípio do século XX, para além da admiração dos Bordalo pelos caricaturistas e jornais franceses e da sua participação na Exposição Universal de Paris. Quanto à Itália, as referências são a acontecimentos históricos, nomeadamente, o regicídio cometido por um anarquista na pessoa do rei Humberto I. Em relação ao *IP*, destacam-se os EUA (14%) e o Irão (10%), os primeiros por serem a sede da bolsa de Nova Iorque e do capitalismo ocidental e o segundo devido à importância geoestratégica deste país no xadrez mundial no caso do enriquecimento de urânio para fins militares e do seu programa espacial. Pode-se, assim, considerar que os jornais acompanharam a história da geoestratégia mundial, que se no século XIX e início do século XX se centrava na Europa, no século XXI tem os EUA como única superpotência e com várias potências emergentes e regionais, como é o caso do Irão.

No que diz respeito à grelha de inteligibilidade e à investigação mediológica propriamente dita, podemos considerar que em termos de suporte físico, houve inovações como a televisão, o sítio na internet, página do *facebook* e microblogue do *twitter* (Figura 8). Todas estas inovações técnicas terão permitido uma maior divulgação do jornalismo satírico, o que se pode depreender não pelas tiragens, que até eram maiores n' *A Paródia* (Matos, 2013), mas pelo número de gostos no *facebook* (112 mil), por exemplo, bem como na possibilidade aberta e atual de cada um se tornar um humorista ²². O dispositivo de circulação que, atualmente conjuga a distribuição em cadeia com a distribuição em estrelas interconectadas, também justifica a mesma reflexão, pois a distribuição é muito mais global e permite a interatividade que foi o motivo que levou à criação da Caserna do Leitor, embora com pouco sucesso.

O modo de expressão teve inovações técnicas como a fotomontagem, no *IP*, em que até é digital e, sendo possível considera-la como uma técnica do humor gráfico (O. M. de Sousa, 1988) e, assim, como uma forma de caricatura, pois realça aspetos psicológicos dos personagens retratados, através da sua deformação moral (O. M. de Sousa, 2007a). Opinião semelhante tem Filipe Homem Fonseca ⁵¹. Os nossos resultados apontam para 95 % de *cartoons* n' *A Paródia* e 90% de caricaturas, contra 20% e 25%, respetivamente, no *IP*. A

⁵¹ Filipe Homem Fonseca, entrevista pessoal. 21-03-2012.

fotomontagem, em contrapartida é utilizada em 14% dos artigos do *IP* e em nenhum d' *A Paródia*, como será evidente. (Figura 12) Assim, depreende-se que os principais modos de expressão d' *A Paródia* eram a caricatura e o *cartoon*, sendo um jornal onde a imagem ocupava um espaço fundamental (100% dos artigos analisados), como vimos, anteriormente, enquanto no *IP* surge a inovação técnica da fotomontagem, embora com uma menor representação da imagem na sua mensagem (36%).

No que diz respeito aos vetores institucionais, no código linguístico surgem as inovações no *IP* da já referida fotomontagem, mas, também, da edição em vídeo no *IP TV*. O quadro da organização alargou-se na numerosfera, pois se no tempo d' *A Paródia* estava limitado aos próprios jornais satíricos, entre os quais *A Paródia*, na numerosfera abrange os museus, entretanto fundados como o Museu Bordalo Pinheiro, a Hemeroteca, os jornais de referência como o *Diário de Notícias*, o *Público* e o *Expresso*, as Produções Fictícias e os inúmeros sítios humorísticos que se disseminam pela internet. Assim, a mensagem satírica tem muito maiores possibilidades de chegar ao seu público-alvo. Verificou-se, assim, a hipótese 1, sendo as instituições responsáveis pela transmissão do jornalismo satírico do ano de 1900 para 2013 os próprios jornais satíricos e os caricaturistas/cartoonistas e humoristas, mas também, numa fase posterior, todas estas outras instituições. A hipótese 2 não se verificou.

As matrizes de formação sofreram inovações técnicas da grafosfera para a numerosfera, nomeadamente, através do *infotainment* e das *fake news*, as notícias satíricas. Sendo conceitos atuais, considerámos na análise d' *A Paródia* que as suas caricaturas poderiam também utilizar o *infotainment*, no sentido em que disponibilizavam informação, a notícia por trás da sátira, e entretenimento, que é causado pela diversão causada pelo riso. Apesar destas considerações, os nossos resultados dão conta que o *infotainment* foi utilizado em 55% dos artigos d' *A Paródia* e em 86% dos artigos do *IP* (Figura 15), o que demonstra, inequivocamente, que esta inovação técnica se fez sentir muito mais na atualidade. Também importa referir que os *cartoons* do *IP*, raramente, dão informação, pela sua própria natureza mais relacionada com o jornalismo de opinião como referimos anteriormente (Canelas, 2012; Freitas, 2009a). A mesma justificação se aplica às caricaturas d' *A Paródia*, embora de forma menos acentuada, porque, na altura, não existia, propriamente, o *cartoon* editorial como hoje o concebemos, apenas as caricaturas que retratavam, por vezes, situações políticas e não personagens isolados, pelo que as considerámos como *cartoons*, embora o termo não fosse aplicado em Portugal, na altura. (O. M. de Sousa, 2007b). Em relação às *fake news*, detetamos 50 % nos artigos d' *A Paródia* e 85% no *IP*, o que indica que esta inovação técnica tem muito maior expressão, atualmente e nomeadamente, nas notícias do *IP*. São muito menos utilizadas

nas caricaturas e *cartoons* pelas razões apontadas, anteriormente. Nas restantes matrizes de formação (Figuras 13 e 14), destaca-se a interferência de séries como principal processo do riso utilizado (95% n' *A Paródia* e 100% no *IP*), seguindo-se a repetição com 25% n' *A Paródia* e 6% no *IP* e a inversão com 10% n' *A Paródia* e 6% no *IP*. Assim, foi a interferência de séries que ganhou peso na numerosfera, nomeadamente, por ser um processo mais flexível no que diz respeito à linguagem escrita, pois tanto a repetição como a inversão são processos mais visuais. A sátira está mais presente no *IP* (100% contra 95% no *IP*), mas isto deve-se ao número d' *A Paródia* publicado quando os Bordalo regressaram de Paris e que teve pouca contribuição deles, sendo a última página assinada por um autor francês não reconhecido e, sendo uma tira cómica, não a consideramos como sátira.

Finalmente, quanto às técnicas da sátira mais utilizadas foram a ironia (90% n' *A Paródia* e 95% no *IP*), seguindo-se a mordacidade (80% e 83%, respetivamente) e a redução (45% e 31%) e a invetiva (45% e 14%). Sobre a redução, importa dizer que esta é uma técnica mais visual, pois implica uma desvalorização do personagem satirizado mais eficiente sobre o ponto de vista gráfico, pelo que é natural que tenha maior expressão n' *A Paródia*. No que diz respeito à invetiva, as diferenças poderão dever-se ao nível técnico mais elevado para conseguir utilizá-la, a tal elegância de forma, que estaria mais presente nos tempos d' *A Paródia*.

Quanto às fórmulas da caricatura, destacam-se a ampliação n' *A Paródia* (70%) e, também no *IP* (21%), embora, neste caso, com menor expressão por a maior parte dos artigos não utilizarem a imagem. No *IP* destaca-se, ainda, a estilização, que foi a fórmula que consideramos para as fotomontagens digitais que requerem uma depuração dos elementos que ultrapassa o esquema fisionómico, físico ou espiritual, dando uma sugestão estética do caricaturado (O. M. de Sousa, 1988). Neste caso, existe uma clara diferença nas matrizes de formação do jornalismo satírico provocada pela inovação técnica da fotomontagem digital.

Em relação à grelha de inteligibilidade da medio(logia), onde se destrinça o modo de transporte (Figura 9), destacam-se as inovações técnicas no suporte (LED, LCD, ecrã tátil), no veículo (edição internet, *facebook*, *twitter*) e na distribuição pela rede da internet que é em estrelas interconectadas. Todas estas inovações técnicas produzem uma maior divulgação da mensagem como referimos para a grelha anterior. As mesmas ilações da grelha anterior podem ser aplicadas aos agentes de circulação.

Verificou-se a hipótese 3, tendo as inovações técnicas do suporte físico (sítio na internet, programa de televisão, *facebook*, *twitter*), do modo de expressão e do dispositivo de

circulação (internet, tv cabo, fibra ótica) provocado uma rotura na mensagem do jornalismo satírico. Não se verificou a hipótese 4.

A hipótese 6: também se verificou, pois as matrizes de formação do jornalismo satírico (técnicas de sátira, fórmulas de humor, formas de caricaturar) alteraram-se ao longo de 100 anos, não se tendo verificado a hipótese 5.

CONCLUSÃO

Debray considera sob o termo transmissão, tudo o que se relaciona com a memória da dinâmica coletiva, definindo transmitir como “transportar uma informação no tempo entre esferas espaciotemporais diferentes” (Debray, 2004, p 12). O jornalismo satírico constitui-se, também, como uma memória coletiva, ao abranger não só os caricaturistas, cartoonistas, jornalistas satíricos mas, também, os seus leitores. A nossa investigação pretendeu estudar a transmissão de uma esfera inicial, a grafosfera, em que foi editada *A Paródia* para a a videosfera e a numerosfera ou hipersfera, onde se situa *O Inimigo Público*. Na verdade, muitos valores que compõem a mensagem do jornalismo satírico (a sua temática, o modo de expressão, as suas matrizes de formação como as técnicas de sátira e de caricatura) mantêm-se presentes cem anos depois, embora algumas inovações técnicas tenham provocado algumas roturas e alterações da mensagem inicial. Assim, em termos materiais, a transmissão ter-se-á aplicado às ideias do jornalismo satírico; em termos diacrónicos, terá havido transmissão no tempo, o que, em termos políticos, para Debray, constitui uma raridade. Nas palavras deste autor, terá havido, mesmo uma herança que foi transmitida (Debray, 1997).

Mesmo reconhecendo as limitações da nossa amostra de estudo, esta investigação permitiu-nos analisar a forma como se processa uma transmissão, tentando identificar através de que compromissos se instituiu o jornalismo satírico e de que suportes, aparelhos e redes depende a sua sobrevivência. Para o efeito, procurou suspender-se a sua mensagem para considerar, apenas, os seus trajetos, vetores e veículos. Nesse sentido, procurou-se o que terá permitido a perpetuação do sistema simbólico explícito do jornalismo satírico (Debray, 1997), estudando o conjunto dos meios que são postos em prática para que haja uma transmissão eficaz a partir de uma ideia (Domingues, 2010).

O estudo das grelhas de inteligibilidade do duplo corpo do *medium* proposta por Debray (2004) para os dois jornais que constituíram o nosso objeto permitiu-nos saber de que é feita esta operação de transmissão. As redes de transmissão foram, assim, no princípio do século XX os próprios jornais satíricos e os seus leitores oriundos de uma burguesia emergente que se organizava, já, como opinião pública. A distribuição dos jornais em cadeia através dos meios de transporte, então, existentes, que incluíam, já, o caminho de ferro permitiu que a

mensagem satírica se distribuísse não só por Lisboa, mas também pelo Porto e por outras cidades do país. Por outro lado, chegavam a Portugal alguns jornais satíricos franceses e ingleses que influenciaram o desenvolvimento do nosso jornalismo satírico, também pela admiração que Rafael Bordalo Pinheiro lhes tinha e pelas suas viagens ao estrangeiro, nomeadamente, a Paris, como vimos, anteriormente. Atualmente, são inúmeras as instituições que preservam o legado do jornalismo satírico, destacando-se o Museu Bordalo Pinheiro, em Lisboa, a Hemeroteca, nomeadamente, através do seu serviço digital, a Bedeteca de Lisboa, os inúmeros eventos relacionados com o *cartoon*, banda desenhada, etc., com particular destaque para o Festival de Banda Desenhada da Amadora, o World Press Cartoon, etc. Se, atualmente, o jornalismo satírico em Portugal conta, apenas, como digno representante o suplemento *O Inimigo Público*, publicado com o diário *Público*, nem por isso o *cartoon* e as notícias satíricas deixam de estar presentes do panorama comunicacional em Portugal. É o caso dos jornais de referência que continuam a publicar *cartoons* nas suas páginas, como é o caso do *Bartoon* de Luís Afonso no *Público*, António no *Expresso*, Bandeira no *Diário de Notícias*, R. Reimão e Aníbal F. no *Diário de Notícias*, bem como os jornais desportivos, com Luís Afonso n' *A Bola*, etc. Por outro lado, há inúmeros sítios humorísticos na internet, de que podemos destacar *Imprensa Falsa*, com notícias satíricas semelhantes ao *IP* e, ainda, as inúmeras páginas do *facebook* e *microblogues* do *twitter* dedicados ao humor. Hoje em dia é, realmente, fácil cada um se tornar um humorista.

Por outro lado, as inovações técnicas provocaram alguns efeitos no jornalismo satírico que podemos verificar, como foi o caso das fotomontagens digitais publicadas pelo *IP* que mudaram algumas das matrizes de formação da mensagem do jornalismo satírico, nomeadamente, a do modo de caricaturar, que deixou de ser a redução e passou a ser a estilização. A introdução do *infotainment* e das *fake news*, por outro lado, levou a uma maior componente da linguagem escrita no modo de expressão do jornalismo satírico em detrimento da imagem (caricatura e *cartoon*).

Em relação às temáticas e personagens satirizados, no entanto, manteve-se a preferência por temas políticos, se bem que outros temas e personagens surgiram nos últimos cem anos, com destaque para o desporto. No entanto, a sátira política continua a ser a mais popular forma de sátira (Hodgart, 2009).

Esta investigação, como referimos, anteriormente, teve limitações ao nível da amostra, pelo que consideramos adequada uma investigação mais abrangente, nomeadamente, dos artigos escritos d' *A Paródia*, muitos deles da autoria de João Chagas (João Rimanso). As evoluções técnicas permitidas pelo dispositivo de circulação da internet também não puderam

ser analisadas, devidamente, nesta investigação pelo que consideramos pertinente alargar novas investigações aos sítios de jornalismo satírico na internet e às páginas do *facebook* e microblogues do *twitter*.

Finalmente, se *A Paródia* foi já objeto de estudo por parte de alguns investigadores (França, 2007; Lopes, 2005; Barbosa & Matos, 2005; O. M. de Sousa, 1998; 2008; Cotrim, 2005a; 2005b), bem como de outros estudos sobre Rafael Bordalo Pinheiro, resta, ainda, um campo imenso de investigação sobre esta publicação satírica que, tendo sido um sucesso durante os anos em que foi publicada, continua a estar representada no panorama mediático e cultural nacional. Para o efeito, a recente disponibilização de todos os seus exemplares editados pela Hemeroteca Digital constitui um manancial incontornável de referência para futuras investigações.

BIBLIOGRAFIA PRIMÁRIA

Gonçalves, A. J. (2012, maio 11). toon. O Inimigo Público n^o 445, p 8. Lisboa, Portugal.

Nunes, L. P. (Diretor). (2004). O Inimigo Público. Se Não Aconteceu, Podia Ter Acontecido: Um Ano Para Esquecer - Ano I (1^a ed). Porto Alto - Samora Correia, Portugal: Público/Produções Fictícias/Farol das Ideias.

Nunes, L. P. (Diretor). (2004b, dezembro 19). O Inimigo Público. n^o 61. Lisboa, Portugal.

Nunes, L. P. (Diretor). (2004c, dezembro 24). O Inimigo Público. n^o 66. Lisboa, Portugal.

Nunes, L. P. (Diretor). (2008a, fevereiro 29). O Inimigo Público. n^o 232. Lisboa, Portugal.

Nunes, L. P. (Diretor). (2008b, setembro 26). O Inimigo Público. n^o 262. Lisboa, Portugal.

Nunes, L. P. (Diretor). (2010a, junho 4). O Inimigo Público. n^o 348. Lisboa, Portugal.

Nunes, L. P. (Diretor). (2010b, outubro 1). O Inimigo Público. n^o 365. Lisboa, Portugal.

Nunes, L. P. (Diretor). (2011, abril 15). O Inimigo Público. n^o 391. Lisboa, Portugal.

Nunes, L. P. (Diretor). (2013a, fevereiro 22). O Inimigo Público. n^o 484. Lisboa, Portugal.

Nunes, L. P. (Diretor). (2013b, junho 14). O Inimigo Público. n^o 500. Lisboa, Portugal.

Pinheiro, R. B. (1900a, janeiro 17). A Paródia. n^o 1. Lisboa, Portugal. Pinheiro, R. B. (1900b, janeiro 24). A Paródia. A Paródia n^o 2, p 8. Lisboa, Portugal.

Pinheiro, R. B. (1900c, fevereiro 7). Expedientes... A Paródia n^o 4, p 7. Lisboa, Portugal.

Pinheiro, R. B. (1900d, abril 25). Violação de Neutralidade. A Paródia n^o 15, p 8. Lisboa, Portugal.

Pinheiro, R. B. (1900b, maio 30). A Paródia. n^o 20. Lisboa, Portugal.

Pinheiro, R. B. (1900c, novembro 14). A Paródia. n^o 44. Lisboa, Portugal.

Pinheiro, R. B. (1901a, janeiro 2). A Paródia. n^o 51. Lisboa, Portugal.

Pinheiro, R. B. (1901b, julho 24). A Paródia. n^o 80. Lisboa, Portugal.

Pinheiro, R. B. (1901c, dezembro 1). A Paródia. n^o 100. Lisboa, Portugal.

Pinheiro, R. B. (1902a, maio 21). A Paródia. n^o 123. Lisboa, Portugal.

Pinheiro, R. B. (1902b, dezembro 10). A Paródia. n^o 152. Lisboa, Portugal.

Pinheiro, R. B. (1902c, dezembro 31). A Paródia. n^o 155. Lisboa, Portugal.

BIBLIOGRAFIA SECUNDÁRIA

21st century. (2013, junho 21). Em *Wikipedia, the free encyclopedia*. Obtido de http://en.wikipedia.org/w/index.php?title=21st_century&oldid=560993573

Aguiar, L. A. de. (2008). Entretenimento: valor-notícia fundamental. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, V(I), 13–23.

Aguiar, K. F. (2006). Fotografia digital: hibridações e fronteiras. *Biblioteca Online de Ciências da Comunicação*. Obtido de <http://www.bocc.ubi.pt/pag/aguiar-katia-fotografia-digital.pdf>

Alves, C. F. (2013, junho 1). Cheio de Dantas. *Revista Expresso*, (2118), 6.

Barbosa, M. M. P., & Matos, Á. C. de. (2005). *A Rolha Bordalo: Política e Imprensa na Obra Humorística de Rafael Bordalo Pinheiro*. Lisboa, Portugal: Hemeroteca Municipal de Lisboa.

Bardin, L. (1979). *Análise de Conteúdo* (1ª ed). Lisboa: Edições 70.

Bastos, H. (2010). *Origens e evolução do ciberjornalismo em Portugal*. Porto, Portugal: Edições Afrontamento.

Baudelaire, C. (1980a). De l'essence du rire et généralement Du comique dans les arts plastiques. Em *Œuvres Complètes* (pp 690–701). Paris, França: Éditions Robert Laffont, S.A.

Baudelaire, C. (1980b). Quelques caricaturistes français. Em *Oeuvres Complètes* (pp 702–714). Paris, França: Éditions Robert Laffont, S.A.

Baym, G. (2004). The Daily Show and the Reinvention of Political Journalism. «Faith, Fun, and Futuramas» *3rd Annual Pre-APSA Conference on Political Communication Wednesday, September 1, 2004 Chicago, Illinois*, 24.

Bergson, H. (1993). *O Riso, Ensaio sobre o Significado do Cómico* (2ª ed). Viseu, Portugal: Guimarães Editores, Lda.

Bessa-Luís, A. (2008). *Dicionário Imperfeito*. Guimarães Editores, Lda.

Boorstin. (1987). From Hero To Celebrity: The Human Pseudo-Event. Em *The Image: A Guide to Pseudoevents in America* (25th anniversary edition., pp 45–76). Nova Iorque, E.U.A.: Vintage Books.

Bourdieu, P. (1997). *Sobre a Televisão seguido de a Influência do Jornalismo e os Jogos Olímpicos*. Rio de Janeiro, Brasil: Jorge Zahar Editor, Ltda.

Brants, K. (2005). Quem tem medo do infotainment? *Media & Jornalismo - Revista do Centro de Investigação Media e Jornalismo*, 7(7), 315–335. doi:10.1177/0267323198013003002

Brennan, S. E. (1985). Caricature Generator: The Dynamic Exaggeration of Faces by Computer. *Leonardo*, 18(3), 170. doi:10.2307/1578048

Burton, S. J. (2010). *More than Entertainment: the Role of Satirical News in Dissent, Deliberation and Democracy*. Pennsylvania, EUA: The Pennsylvania State University. Obtido de <https://etda.libraries.psu.edu/paper/11542/6091>

Cabrera, A. (2010). O Humor na Campanha Eleitoral: Legislativas 2009 em Portugal. *Media & Jornalismo - Revista do Centro de Investigação Media e Jornalismo*, 9(17), 18.

Cádima, F. R. (2005). Televisão light ou o Analgésico Pós-laboral. Em *Livro de Atas - 4º SOPCOM* (pp 211–214). Apresentado na IV CONGRESSO SOPCOM Repensar os Media: novos contextos da comunicação e da informação, Aveiro, Portugal: SOPCOM - Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação. Obtido de <http://www.sopcom.pt/atas/cadima-rui-televisao-light-analgésico-pos-laboral.pdf>

Canavilhas, J. (2001). Televisão O domínio da Informação-espetáculo. *BOCC*. Obtido de <http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-televisao-espectaculo.pdf>

Canelas, L. (2012, novembro 2). O cartoonista que tem vergonha das palavras. *Ípsilon*, pp 20–21.

Cardoso, F. L. (2012). *Jornalistas-escretores - a Necessidade da Palavra*. Coimbra, Portugal: Minervacoimbra.

Cardoso, G. (2009, dezembro 17). Todos ligados: redes de mudança. *Visão*, (876), 106–112.

Cardoso, R. (2013, janeiro 5). 40 dias que mudaram o mundo nos últimos 40 anos. *Revista Expresso*, (2097), 14–52.

Correia, J. C. (2011). *O Admirável Mundo das Notícias. Teorias e Métodos*. Covilhã, Portugal: Labcom Books. Obtido de http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/20110524-correia_manual_noticial.pdf

Correia, R. (2013, julho 15). A Paródia: folha independente feita para toda a gente. Bibliotecas Municipais de Lisboa. Obtido de <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/FichasHistoricas/AParodiafolhaindependente.pdf>

Costa, F. M. da. (1983). Sociedade e grupos sociais no período constitucional. Em *História de Portugal* (Vols 1-7, Vol 6, pp 167–207). Lisboa, Portugal: Publicações Alfa, S.A.R.L.

Costa, L. A. M. e. (1903, junho 6). A Homenagem a Raphael Bordallo. *CITI - centro de Investigação para as Tecnologias da Informação*. Obtido 29 de maio de 2013, de http://www.citi.pt/cultura/artes_plasticas/caricatura/bordalo_pinheiro/dn_1903.html

Cotrim, J. P. (2005a). Espinho Cravado. Em *Guia do Museu Bordalo Pinheiro* (pp 62–91). Lisboa, Portugal: Câmara Municipal de Lisboa.

Cotrim, J. P. (2005b). *Rafael Bordalo Pinheiro Fotobiografia*. Assírio & Alvim/El Corte Inglés/CML/Museu Rafael Bordalo Pinheiro.

Coulomb-Gully, M. (2001). Petite généalogie de la satire politique télévisuelle. L'exemple des Guignols de l'Info et du Bébête Show. *Hermès*, (29 - DÉRISION - CONTESTATION), 33–42. doi:10.4267/2042/14486

Dantas, J. (1907, fevereiro 25). Raphael Bordallo Pinheiro: A Sua Vida e a Sua Obra. *Ilustração Portuguesa*, (53), 3–34.

Debray, R. (1997). *Transmitir*. Buenos Aires, Argentina: Ediciones Manantial SRL.

Debray, R. (2004). *Introdução à Mediologia* (1ª ed). Lisboa, Portugal: Livros Horizonte.

Deus, A. D. de. (1997). *Os Comics em Portugal: uma História da Banda Desenhada* (1ª ed). Lisboa, Portugal: Edições Cotovia e Bedeteca de Lisboa.

Doizy, G. (2009). Le porc dans la caricature politique (1870-1914) : une polysémie contradictoire ? *Sociétés & Représentations*, 1(27), 13–37. doi:10.3917/sr.027.0013

Domingues, J. A. (2010). *O Paradigma Mediológico: Debray depois de McLuhan*. LabCom Books. Obtido de http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/20110817-domingues_paradigma_2010.pdf

Estatísticas – YouTube. (sem data). Obtido 23 de junho de 2013, de <https://www.youtube.com/yt/press/pt-PT/statistics.html>

Esteves, M. (2005, fevereiro 11). «O Inimigo Público» estreia na SIC - dn - DN. *Diário de Notícias*. Obtido 26 de janeiro de 2012, de http://www.dn.pt/inicio/interior.aspx?content_id=609077

European sovereign-debt crisis. (2013, junho 21). Em *Wikipedia, the free encyclopedia*. Obtido de http://en.wikipedia.org/w/index.php?title=European_sovereign-debt_crisis&oldid=560866318

Fernandes, A. P., Cruz, C., Fonseca, C., Marques, C., Cerqueira, N., Ropio, N. M., ... Costa, Z. (2013, março 2). As manifestações deste sábado passo a passo. *Jornal de Notícias*. Internet. Obtido de http://www.jn.pt/paginainicial/minutoaminuto.aspx?content_id=3084299&page=-1

Ferrão, J. (1924). *Rafael Bordalo Pinheiro e a Crítica: Impressões, Corrigendas, Notas Inéditas*. Coimbra, Portugal: Imprensa da Universidade.

Financial crisis of 2007–08. (2013, junho 19). Em *Wikipedia, the free encyclopedia*. Obtido de http://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Financial_crisis_of_2007%E2%80%9308&oldid=559988059

Fonseca, F. H. (2012, março 21).

Fontcuberta, M. de. (2002). *A Notícia* (2^a ed). Lisboa, Portugal: Editorial Notícias.

França, J. A. (1975). *Zé Povinho na obra de Rafael Bordalo Pinheiro: 1875-1904*. Amadora: Bertrand.

França, J. A. (1976). *Raphael Bordallo Pinheiro caricaturista político*. Lisboa, Portugal: Edições Terra Livre.

França, J. A. (2005). O Zé Povinho, Sempre o mesmo. Em *Guia do Museu Bordalo Pinheiro* (pp 121–149). Lisboa, Portugal: Câmara Municipal de Lisboa.

França, J. A. (2007). *Rafael Bordalo Pinheiro: O português tal e qual* (3^a ed). Lisboa, Portugal: Livros Horizonte, Lda.

Freitas, H. de S. (2009a, março). Cartoons de imprensa. *Jornalismo e Jornalistas*, (21), 7–13.

Freitas, H. de S. (2009b, março). Cristina Sampaio e as novas tecnologias «A Internet tem-se consolidado como veículo de divulgação». *Jornalismo e Jornalistas*, (21), 14–15.

Freitas, H. de S. (2009c, março). Baltazar Ortega pode deter recorde mundial Sete décadas e meia de cartoonismo. *Jornalismo e Jornalistas*, (21), 20–21.

Freitas, H. de S. (2009d, março). Salões, exposições e festivais Resgatar a arte à efemeridade da página. *Jornalismo e Jornalistas*, (21), 24–25.

Gomes, I. M. M. (2009). O Infotainment na Televisão. Apresentado na XVIII COMPÓS, Minas, Brasil. Obtido de http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1154.pdf

Guedes, R. T. (2009, dezembro 17). Desporto 10 datas para recordar. *Visão*, (876), 138.

Guglielmo Marconi. (2013, junho 15). Em *Wikipedia, the free encyclopedia*. Obtido de http://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Guglielmo_Marconi&oldid=559919755

Guimarães, Â. (1997). *Bordallo face a um mundo em turbilhão*. Lisboa, Portugal: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.

Guimarães, J. P. D. L. (2012). A Paródia no espaço público e na censura. Obtido de <http://comum.rcaap.pt/handle/123456789/4115>

Hobbes, T., & Monteiro, J. P. (1995). *Leviatã ou matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil*. Lisboa: Impr. Nac.-Casa da Moeda.

Hodgart, M. (2009). *Satire: Origins and Principles*. New Jersey, EUA: Transaction Publishers.

Homem, A. C. (2011). Riso, Sátira e Caricatura: Algumas Considerações. Em *Humor AmadoraBD* (pp 64–69). Amadora, Portugal: Câmara Municipal da Amadora.

Humorgrafe. (1996). *Iconografias da sátira contemporânea : homenagem a Raphael Bordalo Pinheiro nos 150 anos do seu nascimento*. Lisboa, Portugal: Humorgrafe.

Humorgrafe. (1997). *150 anos da caricatura em Portugal*. Porto, Portugal.

Humorista, J. H. (2012). Inimigo Público | Facebook. *Inimigo Público*. facebook. Obtido 8 de outubro de 2012, de <http://www.facebook.com/pages/Inimigo-P%C3%BAblico/99134956781>

Inimigo Público. (sem data). *Facebook*. Obtido 22 de junho de 2012, de <http://www.facebook.com/pages/Inimigo-P%C3%BAblico/99134956781>

Inimigo Público (inimigo) no Twitter. (sem data). *Inimigo Público*. twiteer. Obtido 22 de junho de 2012, de <https://twitter.com/inimigo>

Inimigo Público TV - Agitador 1975. (2008). Obtido de http://www.youtube.com/watch?v=UrjNtD_BIGg&feature=youtube_gdata_player

Inimigo Público TV - Congresso PSD- Candidato surpresa. (2007). Obtido de http://www.youtube.com/watch?v=8uguOdCrvOQ&feature=youtube_gdata_player

Inimigo Público TV - Convenção Bloco de Esquerda. (2009). Obtido de http://www.youtube.com/watch?v=rx_GCc-NEgo&feature=youtube_gdata_player

João Chagas. (2013, maio 29). Em *Wikipédia, a enciclopédia livre*. Obtido de http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Jo%C3%A3o_Chagas&oldid=35667183

Júlio Dantas. (2013, maio 29). Em *Wikipédia, a enciclopédia livre*. Obtido de http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=J%C3%BAlio_Dantas&oldid=35677871

Kovach, B., & Rosenstiel, T. (2004). *Os Elementos do Jornalismo* (Vols 1-1). Porto, Portugal: Porto Editora.

Le Monde. (2011, novembro 2). Les caricatures publiées dans «Charia hebdo» - LeMonde.fr. *Le Monde*. Paris, França. Obtido de http://www.lemonde.fr/actualite-medias/portfolio/2011/11/02/les-caricatures-publiees-dans-charia-hebdo_1597283_3236.html

Leitão, J. (2005). O Poço que Ri. *Bordalo n' A Berlinda*. Obtido 30 de junho de 2013, de <http://purl.pt/273/1/joaquim-leitao00.html>

Leite, A. C. (2005). O Museu Rafael Bordalo Pinheiro. Em *Guia do Museu Bordalo Pinheiro* (pp 9–25). Lisboa, Portugal: Câmara Municipal de Lisboa.

Lima, H. (1945, e 2º trimestre de). Um grande caricaturista português no Brasil. *Revista Municipal. Publicação cultural da Câmara Municipal de Lisboa*, (24 e 25), 17–23.

Lima, H. (1963). *História da caricatura no Brasil* (Vols 1-4, Vol 3). Rio de Janeiro, Brasil: Livraria José Olympio.

Lisboa, C. M., Ferrão, J., & Moita, I. (1976). *Zé Povinho fez 100 anos : exposição*. Lisboa, Portugal: Câmara Municipal de Lisboa.

Lopes, M. V. C. (2005). *o Teatro n'A Paródia de Rafael Bordalo Pinheiro*. Lisboa, Portugal: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.

Maranhão, A. C. K. (2008, fevereiro). *Mediologia: a epistemologia da comunicação em Régis Debray* (Dissertação de mestrado). Brasília.

Marques, N. (2009, dezembro 31). Revolução tecnológica. *Revista Única*, (1940), 140–143.

Martins, L. P. (2012). *Um Império de Papel: imagens do colonialismo na imprensa periódica ilustrada (1875-1940)*. Lisboa, Portugal: Edições 70.

Matos, Á. C. de. (2013, maio 2). Tiragem d'A Paródia.

McCombs, M. E. (2009). *(A Teoria da Agenda: A Mídia e a Opinião Pública)*. Petrópolis, Brasil: Editora Vozes Ltda.

McCombs, M. E., & Shaw, D. L. (2000). A Função do Agendamento dos Média. Em *O Poder do Jornalismo: Análise e Textos da Teoria do Agendamento* (pp 47–61). Coimbra, Portugal: Livraria Minerva Editora.

McLuhan, M. (1979). *Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem (understanding media)* (5^a ed). São Paulo, Brasil: Cultrix.

Medina, J. (1998). *História de Portugal dos Tempos Pré-Históricos aos Nossos Dias* (Vols 1-15, Vol 9: A Monarquia Constitucional). Amadora, Portugal: Clube Internacional do Livro. Edição e Comércio de Livros a Crédito, Lda.

Medina, J. (2008). *Caricatura em Portugal: Rafael Bordalo Pinheiro, pai do Zé Povinho*. Lisboa, Portugal: Edições Colibri.

Moita, I. (1988). *Fontes Pereira de Melo nas caricaturas de Bordado Pinheiro: exposição comemorativa da morte de António Maria de Fontes Pereira de Melo 1887-1987*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.

Molotch, H., & Lester, M. (1974). News as Purposive Behavior: On the Strategic Use of Routine Events, Accidents, and Scandals. *American Sociological Review*, 39(1), 101–112.

Monteiro, H. (2013, junho 1). João Chagas: Em guerra permanente. *Revista Expresso*, (2118), 29.

Museu Nacional Da Imprensa. (sem data). Obtido 24 de junho de 2013, de <http://museudaimpresa.pt/?go=galeriainternacional>

Nápoles, J. L. de. (1923). *A paródia: folha independente feita para toda a gente*. Lisboa: J.L. Napoles.

Nascimento, V. de S. (2010). *Entretenalismo: Quando o humor se torna notícia O caso Gato Fedorento – Esmiúça os Sufrágios nas Eleições Legislativas de 2009*. Coimbra, Portugal. Obtido de https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/18153/1/TESE_ENTRETENALISMO_FINAL.pdf

Neves, Á. (1920). Inventário da obra artística do desenhador. Em *Rafael Bordalo Pinheiro por J. J. Gomes de Brito e o inventário da obra artística do desenhador por Álvaro de Neves* (pp 14–91). Coimbra, Portugal: Imprensa da Universidade.

Novo look, credibilidade do costume. - SAPO Vídeos. (sem data). *Sapo Vídeos*. Obtido 26 de janeiro de 2012, de <http://videos.sapo.pt/t4trCzzzkDcPb8cQ2njh>

Nunes, L. P. (2012, novembro 3). em manutenção - Presos nas redes. *Revista Expresso*, (2088), 138.

Nunes, L. P. (2013, março 25).

O Inimigo Público. (2012). Inimigo Publico. *O Inimigo Público - Se Não Aconteceu, Podia Ter Acontecido*. Obtido 31 de janeiro de 2012, de <http://inimigo.publico.pt/>

O Inimigo Publico 001 - SAPO Vídeos. (sem data). *Sapo Vídeos*. Obtido 26 de janeiro de 2012, de <http://videos.sapo.pt/ta1gQzZYt9wDB3wGEjM0>

O Inimigo Publico 004 - SAPO Vídeos. (sem data). *Sapo Vídeos*. Obtido 26 de janeiro de 2012, de <http://videos.sapo.pt/AAKuYCdRiViZaEvjv9Pk>

Oliveira, G. M. (2006). *Angelo Agostini ou impressões de uma viagem da Corte à capital federal (1864-1910)* (Tese de Doutorado). São Paulo, São Paulo, Brasil. Obtido de <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-15092006-231444/pt-br.php>

Ortigão, R. (1992). A Arte Satírica - Rafael Bordalo Pinheiro e o António Maria - A Caricatura, Seu Valor Artístico e Sua Importância Histórica - A Sátira e Seus Inconvenientes

Perante a Opinião - Tristeza dos Que Riem - Conselhos aos Jovens. Em *As Farpas: O Movimento Literário e Artístico* (Vols 1-15, Vol IX, pp 121–150). Porto, Portugal: Clássica Editora.

Pawlowski, G. W. A. de. (1912). *Voyage au pays de la quatrième dimension*. Paris, Bibliothèque-Charpentier. Obtido de <http://archive.org/details/voyageaupaysdela00pawl>

Pinheiro, R. B. (1870). *A berlinda: reproduções d'um album humorístico ao correr do lapis* (digital.). Lisboa, Portugal: Biblioteca Nacional. Obtido de <http://purl.pt/16605>

Pinto, M. de S. (1915). *Raphael Bordallo Pinheiro* (Vols 1-1, Vol I - O Caricaturista). Livraria Ferreira. Ferreira Lda. Editores.

Prémios IP 2011 - 1ª parte - SAPO Vídeos. (sem data). *Sapo Vídeos*. Obtido 26 de janeiro de 2012, de <http://videos.sapo.pt/W9QY652oJtV6w8pygOqe>

Produções Fictícias. (sem data). Mário Botequilha. *Produções Fictícias*. Obtido 23 de junho de 2013, de <http://www.producoesficticias.pt/edicoes/producoesficticias/desenvartigo.aspx?a=9359&r=44&c=1961>

Queiroz, A. de B. (1951). História da SNBA de 1860 a 1951 Da Promotora de Belas-Artes e do Grémio Artístico à Sociedade Nacional de Belas-Artes 1860-1951. *Sociedade Nacional de Belas Artes*. Obtido 15 de junho de 2013, de <http://www.snba.pt/34.html>

Ramos, R. (2012a). *D, Carlos* (Vols 1-34, Vol XXXIII). Maia, Portugal: Círculo de Leitores.

Ramos, R. (2012b, novembro 3). 2003-2012: Os anos perdidos. *Revista Expresso*, (2088), 132–136.

Ramos, R., Sousa, B. V. e, & Monteiro, N. G. (2010). *História de Portugal* (3ª ed). Lisboa, Portugal: A Esfera dos Livros.

Real, H. (2007, fevereiro 12). SIC Notícias transmite gala do Inimigo Público | Meios & Publicidade. *Meios & Publicidade*. Obtido 22 de junho de 2013, de http://www.meiosepublicidade.pt/2007/02/SIC_Not_cias_transmite_gala_do_I/

Rimanso, J. (1903, junho 6). As Três Épocas. *Paródia-Comédia Portuguesa n° 22*, pp 2–3. Lisboa, Portugal.

Rocha, L. (2010). *Ópera & Caricatura: O Teatro de S. Carlos na obra de Rafael Bordalo Pinheiro* (Vols 1-2, Vol I). Lisboa, Portugal: Edições Colibri/Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical.

Rocha, L. M. S. (2009). A Imprensa Alternativa no Jogo da Democracia1. Em *XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Curitiba, Brasil: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Obtido de <http://www.intercom.org.br/premios/2009/LygiaRocha.pdf>

Rodrigues, A. D. (1993). O Acontecimento. Em *Jornalismo: Questões, Teorias e «Estórias»* (1ª ed, pp 27–33). Lisboa, Portugal: Vega, Limitada.

Sá, L. de. (2010). *Dicionário Universal da Banda Desenhada - pequeno léxico disléxico* (1ª ed). Caldas da Rainha, Portugal: Pedranocharco.

Santos, B. de S. (2009, dezembro 17). O choque da justiça: A década da visibilidade. *Visão*, (876), 68–74.

Santos, I. F. (2006). *Produções Fictícias: 13 anos de insucessos* (1ª ed). Cruz Quebrada, Portugal: Oficina do Livro.

Saraiva, N. (2009, abril 26). Os novos «Zé Povinho». *Nuno Saraiva - Blogfólio de ilustração*. Blogue. Obtido de <http://nunosaraivaillustration.blogspot.pt/2009/04/os-novos-ze-povinho.html>

Sérgio, E. (2012, outubro 2). O Cavaleiro do Cartoon. *O Diabo*, p 11.

Silva, F. M. da. (2008). A não-notícia, um produto do infoentretenimento. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, V(1), 99–108.

Silva, R. H. da. (2005). Desenhar para rir: A Sociedade Burguesa ao Espelho. Em *Guia do Museu Bordalo Pinheiro* (pp 27–61). Lisboa, Portugal: Câmara Municipal de Lisboa.

Sousa, O. M. de. (1988). *Do Humor da Caricatura*. Lisboa, Portugal: Salão Nacional de Caricatura.

Sousa, O. M. de. (1998). *História da arte da caricatura de imprensa em Portugal* (Vols 1-5, Vol I: Na Monarquia 1847/1910). Lisboa, Portugal: Humorgrafe/S.E.C.S.

Sousa, O. M. de. (1999a). *História da arte da caricatura de imprensa em Portugal* (Vols 1-5, Vol 2: Na República 1910–1933). Lisboa, Portugal: Humorgrafe/S.E.C.S.

Sousa, O. M. de. (1999b). *História da arte da caricatura de imprensa em Portugal* (Vols 1-5, Vol 3: No Estado Novo 1933–1974). Lisboa, Portugal: Humorgrafe/S.E.C.S.

Sousa, O. M. de. (2002a). *História da arte da caricatura de imprensa em Portugal* (Vols 1-5, Vol 5: Cronologia, dicionário biográfico, índices - 2002). Lisboa, Portugal: Humorgrafe/S.E.C.S.

Sousa, O. M. de. (2002b). *História da arte da caricatura de imprensa em Portugal* (Vols 1-5, Vol 4: Na Democracia 1974–2002). Lisboa, Portugal: Humorgrafe/S.E.C.S.

Sousa, O. M. de. (2004, julho). El Chiste. *Revista Quevedos*, (19-20), 70.

Sousa, O. M. de. (2007a, março 12). Conceitos 1 - A Caricatura. *humorgrafe Um Blog de Informação sobre Humor e Caricatura. Cartoon's news*. Obtido 25 de fevereiro de 2013, de http://humorgrafe.blogspot.pt/2007_03_11_archive.html

Sousa, O. M. de. (2007b, março 16). Conceitos de Humor 2 - O Cartoon. *humorgrafe Um Blog de Informação sobre Humor e Caricatura. Cartoon's news*. Obtido 25 de fevereiro de 2013, de http://humorgrafe.blogspot.pt/2007_03_11_archive.html

Sousa, O. M. de. (2007c, março 21). EL HUMOR GRÁFICO. *humorgrafe Um Blog de Informação sobre Humor e Caricatura. Cartoon's news*. Obtido 25 de fevereiro de 2013, de http://humorgrafe.blogspot.pt/2007_03_18_archive.html

Sousa, O. M. de. (2007d, abril 13). Glossário do Humor. *humorgrafe Um Blog de Informação sobre Humor e Caricatura. Cartoon's news*. Obtido 25 de fevereiro de 2013, de http://humorgrafe.blogspot.pt/2007_03_04_archive.html

Sousa, O. M. de. (2007e, abril 13). Conceitos de Humor 4 - A SÁTIRA. *humorgrafe Um Blog de Informação sobre Humor e Caricatura. Cartoon's news*. Obtido 25 de fevereiro de 2013, de http://humorgrafe.blogspot.pt/2007_04_08_archive.html

Sousa, O. M. de. (2007f, abril 22). Conceitos de Humor - A Paródia. *humorgrafe Um Blog de Informação sobre Humor e Caricatura. Cartoon's news*. Obtido 25 de fevereiro de 2013, de http://humorgrafe.blogspot.pt/2007_04_22_archive.html

Sousa, O. M. de. (2008, junho 28). Raphael Bordallo Pinheiro, o Homem, o Cidadão, o Artista. *Humorgrafe: Um Blog de Informação sobre Humor e Caricatura. Cartoon's news. Blogue*. Obtido 9 de junho de 2013, de <http://humorgrafe.blogspot.pt/2008/06/raphael-bordallo-pinheiro-o-homem-o.html>

Sousa, J. P., & Lima. (2012). A teoria da noticiabilidade de Nelson Traquina aplicada a periódicos portugueses do século XVII – Os casos da Gazeta e do Mercúrio Português. Em *Pesquisa em Media e Jornalismo - Homenagem a Nelson Traquina* (pp 28–45). Covilhã, Portugal: Livros LabCom. Obtido de http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/20121127-jorgepedrosousa_homenagem_traquina.pdf

Spam Cartoon. (sem data). Obtido 24 de junho de 2013, de <http://www.spamcartoon.com/>

Tavares, M. S. (2012, novembro 3). 2003-2012: A década que começou a destruir a Europa. *Revista Expresso*, (2088), 8–12.

Traquina, N. (2002). *O que é Jornalismo* (1ª ed).

Traquina, N. (2004). *A Tribo Jornalística: Uma Comunidade Internacional* (1ª ed). Lisboa, Portugal: Editorial Notícias.

TVI no Inimigo Público. (2007). Obtido de http://www.youtube.com/watch?v=ijDGLQ9kHM0&feature=youtube_gdata_player

Valdemar, A. (2013, junho 1). Júlio Dantas: Polivalente e contestado. *Revista Expresso*, (2118), 58.

Vilhena. (1980a). *Paródia: comédia portuguesa revista de humor e caricatura*. Lisboa: J. Vilhena.

Vilhena, J. (1980b, setembro 1). A política continua a ser a mesma porca onde alternadamente mamam os bacorinhos. *Paródia - comédia portuguesa n.º 1*, p 1. Lisboa, Portugal.

Volkoff, V. (2000). *Pequena História da Desinformação. Do cavalo de troia à internet*. Editorial Notícias.

Wi-Fi. (2013, junho 23). Em *Wikipedia, the free encyclopedia*. Obtido de <http://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Wi-Fi&oldid=560865467>

Zink, R. (2001). *O Humor de Bolso de José Vilhena* (1ª ed). Celta Editora.

ANEXO I ENTREVISTA A FILIPE HOMEM FONSECA, HUMORISTA E EX-COLABORADOR D' O INIMIGO PÚBLICO

Esta entrevista exploratória foi realizada no dia 21 de março de 2012 entre as 17h 25m e as 17h 50m na esplanada do bar Príncipe Real, em Portalegre. Não tendo um guião pré-definido, foi uma entrevista não diretiva, pretendendo, apenas, recolher algumas pistas de investigação sobre a problemática escolhida. No caso, era sobre a caricatura, as dificuldades em definir as fotografias manipuladas d' *O Inimigo Público*, sobre a leitura das notícias para além do humor e uma comparação entre o tipo de humor praticado no início do século XX e aquele que é praticado atualmente.

João Guimarães (JG) – Será que as fotografias manipuladas em *Photoshop* se podem definir como caricaturas?

Filipe Homem Fonseca (FHF) – Sim, são caricaturas. Estou a lembrar-me de algumas capas que têm sido feitas, que são, de facto, caricaturas... Por exemplo uma imagem no tempo do Sócrates, em que a Merkel mandava no Sócrates, numa variação do *the Dog* (uma imagem do Tony Blair que era o cãozinho do Bush). Faz-se a caricatura da Merkel com um cão pela trela (nem foi n' *O Inimigo Público*, foi uma coisa que eu fiz). Mesmo quem não esteja muito por dentro do que se está a passar, aquela imagem não deixa grande margem para dúvidas, se alguém está a segurar outra pessoa por uma trela, o que está ali implícito é que essa pessoa manda naquela. Quanto mais imediatas forem as coisas, mais resultam. Quando eu escrevia para o *IP* - e penso que ainda é essa a lógica do Luís Pedro Nunes - o que lhe interessa é quase só o título: o título e está o trabalho feito. Se o título for bom, o que vem a seguir é um desenvolvimento daquela ideia base, que já está colocada. Portanto, todo o exagero que vier a seguir é uma consequência lógica daquela premissa que é lançada no título. Se o título for bom, é porque a notícia é boa: Ele passou a apostar em notícias curtas: uma manchete, pequenos *tweets*, 140 caracteres. Uma pessoa lê o título e já tem piada, depois o resto também tem piada, mas é um desenvolvimento, é levar aquilo até às últimas consequências: É um bocado a lógica da caricatura. Por mais óbvia que seja a caricatura, se a pessoa tiver as referências para perceber qual é a piada daquilo, chega lá e acha piada mais facilmente do que alguém que não está a par da realidade. Mas, às vezes, há quem diga que

isto tem quase um carácter informativo. Quando eu escrevia o *Contrainformação*: havia malta que dizia que sabia das notícias via *Contrainformação*, ou seja, que nós estávamos a fazer humor para pessoas que já estavam por dentro do assunto, mas as pessoas mesmo quando não estavam por dentro do assunto, como aquilo é um exagero da realidade, não precisavam de fazer grande esforço. Fazer humor político que tenha a ver com a atualidade. Às vezes, o esforço é muito complicado. Todas aquelas coisas, por mais disparatadas que sejam, às vezes, tornam-se realidade, ou a realidade ultrapassa-nos, há *n* casos desses: na altura que o Santana Lopes foi primeiro-ministro, havia um *cliché*, toda a gente que fazia humor de atualidade dizia: «agora com o Santana é muito complicado porque ele está sempre um passo à frente». De facto, todos os dias existiam notícias a que nós nem nos *brainstorms* mais bravos chegaríamos lá. Portugal sempre foi um país muito rico a nível de patacoadas, de coisas criticáveis, de coisas caricaturáveis. Às vezes, a realidade dá-nos muito material para fazermos humor, mas o excesso de material acaba por ser prejudicial. Como é que se faz uma caricatura do nariz do Júlio Isidro? Ele já tem o nariz tão grande que uma pessoa tem de fazer um nariz gigantesco, enorme mas, à partida, aquele nariz já é uma caricatura. Este governo também está ser profícuo nisso: o caso da Lusoponte é inenarrável, esta polémica toda com a extinção de freguesias, a maneira como se está a abandonar empresas públicas, património público - aquela coisa de meter a placa de «vende-se» no país, qual é a caricatura? Não há caricatura, não há, nem pode haver. Como é que uma pessoa pode suplantar isso? Às vezes, a realidade tira-nos o tapete dos pés a nível de humor...

JG – O que acha da tendência existente nos Estados Unidos em que muita gente vê o *Daily Show* e não vê as notícias?

FHF – Exato. Fica a saber as notícias. O *Daily Show* tem uma coisa que o *IP* na televisão nunca teve, que é aquele editorial de entrada que o John Stewart faz, que acaba por ser uma crónica em que ele faz humor, mas tem ali caricaturas e as bolachas que aparecem no noticiário que já são disparates, que não aconteceu mas podia ter acontecido, mas tem um lado de editorial jornalístico. Existe uma opinião da realidade e não existe uma manipulação tão grande das imagens, mas, nessa porção do editorial do John Stewart, é mais uma crítica de costumes, uma crónica humorística, ancorada naquilo que, de facto, se passou. No *IP*, não havia isso, era sempre aquele exagero de coisas que não aconteceram, mas que podiam ter acontecido. O Colbert, o que faz, é uma coisa perigosíssima. Nós temos alguns comediantes, embora não tenhamos muito esse costume em Portugal, que é o humorista que incorpora a personagem que quer criticar. O Colbert é a pessoa que mais critica os *riders* da vida, os republicanos ferrenhos e ele incorpora esse espírito republicano fascizóide, mas ele, de fato,

não é assim, mas tem a capacidade de gozar com isso porque está a fazer uma redução ao absurdo. O Sasha Baron Cowen faz isso, também: o Borat tornou-se um tipo hiperracista. Ele não é racista, está a incorporar os defeitos das pessoas que quer criticar: quando ele está a falar com os índios, no meio do Texas, e começa a puxar por eles dizendo «ai eu não gosto de homossexuais», eles veem-se ali com um tipo que diz, abertamente, que não gosta de homossexuais e dizem muito pior. Portanto, ele está-se a pôr na pele das pessoas que quer criticar. E o Colbert faz isso, também. Em Portugal, é um mecanismo que há poucas pessoas a tentar porque o público não consegue perceber. O Rui Sinel de Cordes faz um humor muito negro, ofensivo, que exige uma pós-modernidade na descodificação: ele está a dizer coisas que são terrivelmente racistas, mas mesmo para expor e para denunciar, gozar com o racismo, só que está a colocar-se num patamar que não é muito diferente do dia a dia e, ao expor isso, está a fazer essa crítica. A semana passada, no meio da rua, disseram-lhe «olha, tu, para fazeres humor, não precisavas de ser racista»: Não lhe cabe a ele, enquanto humorista, explicar «não, mas eu não sou, estou a fazer isto como mecanismo de humor, estou a incorporar todas aquelas características que estou a criticar», o que exige um maior conhecimento da realidade. Uma pessoa tem de estar mais ligada ao que é a realidade das coisas para parecer que aquilo é um retrato da realidade, mas aquela pessoa não é assim, está só a incorporar todas as coisas que quer criticar. No Colbert, existe muito isso. O registo do Colbert é um bocado diferente do *Daily Show*, acabou por se tornar um *spin off*. Quando os *Gatos Fedorentos* começaram a fazer aquele programa, «ah é o *Daily Show* português», nós tínhamos feito isso quatro ou cinco anos antes, mas tiveram muito mais impacto do que o *IP* teve na altura.

JP – Acha que, no séc. XIX, o humor era muito mais crítico em relação aos políticos? Será que agora é uma coisa mais integrada no sistema, não é tanto contra o sistema?

FHF – Sim. Há casos e casos, mas, no geral, acho que sim porque convém não esquecer que o humor é um negócio: há pessoas que vivem, exclusivamente, do humor, sendo fácil cair em facilitismos. Se uma pessoa tiver a obrigatoriedade de fazer isso todos os dias, vai lá bater mesmo que ache que é fácil. Existem algumas concessões que alguns humoristas fazem, naturais. Existe uma figura, na época medieval, que era como se fosse um jogral, que ia de aldeola em aldeola e ia gozar com o rei, ia gozar com o clero, a nobreza, etc. As pessoas da aldeia estavam todas indignadas porque tinham que pagar um tributo, uns impostos e já se sentia um clima quase de motim, de revolução. A partir do momento em que chegava lá esse tal jogral, ia tocar umas músicas a gozar com o rei, dizia umas piadas a gozar com o rei, as pessoas divertiam-se imenso e sentiam-se vingadas e, no outro dia, toda a gente dizia: iá, ele

gozou com o rei, pimba! toma! Mas, continuam a ter de pagar os impostos... Ou seja, aquilo só lhes tirou o *stress* de cima, mas eles estão na mesma situação que estavam. Hoje em dia, salvo raras e honrosas exceções, o humor em Portugal simplificou-se muito, o *Levanta-te e Ri*, apareceu muito novo humorista e a sensação que eu tenho é que não é como existia na época medieval, não acho que seja o próprio rei que paga a esse jogral... O que acontecia era isso, era o próprio rei que contratava esse jogral para ir gozar com ele, rei, às aldeias e esvaziar aquela disposição que poderia desencadear uma revolta. Hoje em dia, o humor, às vezes, tem esse carácter, ou seja, infelizmente, já não sinto que tenha tanto de denúncia e tem mais de esvaziamento, as pessoas sentem-se vingadas. Eia!, *granda piadola* que mandaram ao Passos Coelho, pimba! Incha! E, então, continuamos a ter de pagar tudo o que pagávamos. Essa acutilância não digo que se tenha perdido, mas está mais esbatida porque há mais oferta. O humor no século XIX não tem nada a ver com o de hoje em dia, há trezentos mil humoristas. Nem só de sátira social vive o humor, também há o chamado humor de observação. Enquanto mecanismo de denúncia de uma situação, acredito que há muita gente que tem conhecimento do estado das coisas, chamemos-lhe assim, através do humor, mas até que ponto é que essas pessoas, em que os visados se sentem atingidos por isso eu não sei. Posso falar de casos em que aconteceu isso: quando eu fazia o *Contrainformação*, sempre que nós fazíamos qualquer coisa acerca do José Eduardo dos Santos, em que falávamos da situação em Angola, o *Contra* não passava na RTP África. Esquisito, não é? Mas era o que acontecia. Havia sempre uma justificação, não tinha nada a ver com censura, obviamente. Havia sempre uma justificação, mas lá que não passava, não passava. Portanto, nós sentimos que a coisa ainda incomoda. A mim irritava-me, na altura que nós tínhamos o *Contra*, que os políticos gostassem: era quase prestigiante ter um boneco no *Contra*. De certeza que o D. Carlos I, quando se via caricaturado como um porco, não achava piada nenhuma, mas o Mário Soares achava piada a ter um boneco. Era prestigiante. E isso, também, começou a incomodar-me, pois alguma coisa deveríamos estar a fazer mal, já que eles gostam de ser retratados. Quanto mais *feedback* nós tínhamos desses políticos que gostavam de ser retratados no *Contra*, mais puxávamos pela corda para ver até onde é que vai o seu bom desportivismo. Existe uma paz podre. Não sei se tem o mesmo carácter de denúncia porque convém não esquecer uma coisa: no início da I República, os eventos que depois desencadearam a I República, depois do Regicídio, as mesmas pessoas que faziam o humor estavam ligadas a movimentos que depois metiam as mãos na massa doutra maneira. Existia um objetivo maior que não era o de negócio, como no humor, hoje em dia, existe. As pessoas querem sobreviver com o humor que fazem. Portanto, o objetivo era completamente diferente.

Histórias como aquela que eu estava a contar há bocado da filha do jardineiro, aquilo era feito com um propósito de destruir uma imagem pública, mais até do que um qualquer tipo de denúncia porque as pessoas eram muito mais desbocadas no parlamento, eram coisas muito mais fogosas, mais elétricas e muito mais ofensivas, ao ponto de entrar a guarda por ali dentro e levar deputados presos. Não era uma coisa tão refinada, os mecanismos não estavam tão refinados. Convém não esquecer toda a herança judaica que veio dos Estados Unidos na construção do humor, o humor inglês que tornou tudo isto mais refinado, as coisas não precisam de ser *tão in your face*, tão diretas, e ao não o serem, também é natural que não cheguem a tantas pessoas porque a descodificação não é tão fácil e tem um efeito menos corrosivo. As coisas não são feitas com o objetivo que eram feitas naquela altura, é diferente. Não existe uma agenda política, embora para muitos haja, há casos. Há seis anos atrás, surgiu a questão se os humoristas deviam ter uma agenda política. Houve o caso de um humorista italiano que chegou a candidatar-se a primeiro-ministro. Cá, tivemos o caso do Manuel João Vieira que se candidatou, sempre numa estratosfera diferente. Agora daí a haver uma agenda política... Como o Ricardo Araújo que era, declaradamente, um tipo ligado ao PCP que, depois, também se chateou com o PCP e ficou mais ligado ao Bloco, mas é um tipo que sempre firmou bem a sua agenda política. Há outros casos: a mim, se a piada está lá não me interessa se é de esquerda se é de direita. As coisas já não são tão pretas e brancas, não é, como eram na altura de D. Carlos I, no fim da Monarquia, princípio da I República, todo esse período em que, de fato, as coisas eram muito direcionadas. Eu senti que muita gente ficou órfã quando o Bloco de Esquerda fez aquela triste moção de censura há um ano ou dois, que foi uma moção de censura completamente inconsequente e contraproducente e esvaziou muita gente que vê no Bloco um último reduto e, de repente, veem-no perdido em jogos políticos inconsequentes. Nessa altura, muita gente se sentiu órfã política, ficou sem movimento. As coisas, hoje em dia, não são a preto e branco, existe um maior cinzentismo, não só o cinzentismo típico português, as pessoas cinzentas, mas a própria realidade é cinzenta. Já não se pode dizer que estes são os bons e estes são os maus, Não é que na altura se pudesse, porque, obviamente, havia coisas boas e coisas más, mas, as coisas eram mais radicais. Se calhar, esse radicalismo é que se perdeu. Atenção! Há exceções a isto que eu estou a dizer, existem tantos humoristas a trabalhar com a atualidade ... Futebol é outra coisa, não é? O humorista que assume que é do Sporting e quando critica o Sporting é o registo do sportinguista que está desiludido e não o do benfiquista que quer gozar com o Sporting. Mas continua a fazer essa crítica. O José de Pina, que é ilustre sportinguista, é o primeiro a criticar

o Sporting quando acha que existem razões para isso. Por ser sportinguista, é o primeiro a dizer que assim não vamos a lado nenhum.

FHF – Quando o Vilhena tinha a *Gaiola*, era tudo muito sexual. A filha do jardineiro de que eu estava a falar, era satírico para dar a ideia que consta que o D. Carlos tinha amantes, várias amantes e a filha do jardineiro era isso, o pai não era o jardineiro, era o rei, era uma filha bastarda. Havia aquela imagem de mamar na teta, representavam um porco ou uma porca que era a coroa, a grande porca, e estão todos ali a mamar nas tetas, as coisas eram todas mais viscerais, menos polidas, talvez. Mas, também ganhavam por isso, existia ali uma candura. Só vamos ver que há candura agora quando analisarmos estas coisas daqui a muito tempo. Daqui a 20 ou 30anos, se virmos algumas capas d' *O Inimigo Público*. Eu sinto isso quando vejo episódios que fizemos em 2000, 99, do *Contrainformação*, há coisas ali que são cândidas. Hoje em dia, aquilo poderia ter sido muito mais forte. As coisas evoluíram, o próprio registo humorístico. Entre esse período e o que temos agora, passamos pela Ditadura e isso amochou muito o português. Ainda há bem pouco tempo atrás, muita gente achava uma afronta que se fizesse uma piada ao Presidente da República. A quebra com essa lógica das gerações dos nossos pais, dos nossos avós, é complicada, porque as pessoas ainda têm aquela ideia, quase divina, de que é o presidente, ele lá sabe o que é que nos está a fazer e nós só temos de cumprir. Isto está mal, não é? E estas gerações, agora, não. Não sei como é que eles são, mas, de certeza, que já não ficam chocados em ouvir dizer que o Presidente é isto ou aquilo. É normal.

ANEXO II ENTREVISTA A LUÍS PEDRO NUNES, DIRETOR D' O INIMIGO PÚBLICO

Perguntas iniciais

1 – Como sobreviveu *O Inimigo Público* à crise de outubro de 2012? Foi salvo pela parceria Mini/*Inimigo Público*?

2 – Porque não resultou *A Caserna do Leitor*?

3 - Qual o papel dos seguidores do *IP* no *facebook* (mais de 112 mil gostos e 7420 que falam disto e qual a sua participação nos conteúdos do *IP*?

4 – O que aconteceu ao *Inimigo Público TV*?

5 – Acha que o *IP TV* era infotainment e o *IP* é jornalismo satírico?

6 - Serão as fotos manipuladas uma forma de caricatura, ou substituem as caricaturas?

7 – Qual é o papel do gráfico na manipulação destas fotografias? Ainda é Jorge Silva?

8 – Qual a relação de *O Inimigo Público* com *O Inimigo* e *O Fiel Inimigo*?

9 - O que aconteceu aos jornais de humor em Portugal?

Entrevista realizada no dia 25-03-2013, entre as 14h35m e as 15h08m na esplanada da Pastelaria Bénard, em Lisboa. A entrevista foi conduzida de uma forma semidiretiva, com as perguntas preparadas, anteriormente, mas com adaptação às respostas do entrevistado inclusive na ordem que foram feitas.

João Guimarães (JG) – O tema da minha tese é fazer uma comparação entre *A Paródia* e *O Inimigo Público*, encontrar pontos em comum, com algumas teorias da comunicação, principalmente, de alguns autores que falam da transmissão de alguns valores. Nesse sentido, depois tenho de caracterizar cada um dos semanários.

Luís Pedro Nunes (LPN) – *O Inimigo Público* tem como único material aquilo que já é mediatizado, ele não usa a realidade não mediatizada, que não tivesse já passado por outros jornais. Isso teve vários motivos: primeiro, porque o risco que ia criar era muito grande, processos, dos “jornalistas” usarem *O Inimigo Público* para as suas agendas pessoais. No início, tínhamos jornalistas profissionais a assinar peças com pseudónimo, o que fazia com que o jornalista que não publicava no *Público*, fazia com que determinada peça que não era aceite pelo diretor para publicar e depois usava *O Inimigo Público* para publicar, criava-me a

mim, como diretor, um problema muito grande. Ao fim de seis meses, tínhamos vários processos. Depois, teria de questionar muito profundamente toda e qualquer peça: quais é que eram as motivações? E, a partir daí, deixava de ser um jornal satírico e começava a fazer análise de conteúdo editorial jornalístico: porque é que este tipo está a fazer esta peça, para quê, com que pontes?... Isto deixava de ser um jornal satírico para passar a ser um jornal...

JG – Um jornal sério?...

LPN – E pior: passava a ser um jornal dentro de um jornal. Sendo um jornal dentro de um jornal, se o suplemento fosse processado, quem era processado era o diretor do jornal, era o José Manuel Fernandes, na altura, e o Belmiro, o que me criava mais problemas, ainda. Portanto, a maneira que tivemos de resolver isto foi: a matéria que nós usamos é a matéria que é mediatizada, até porque o humor funciona com o reconhecimento: eu só me rio daquilo que reconheço, eu acho graça àquilo de que já ouvi falar, só acho graça do António José Seguro e do «para que é a pressa?», só acho graça se souber a referência, se não souber a referência, não acho piada. Portanto, só com histórias que tenham passado nos jornais e nos telejornais, ou então, tenham passado no *Público*. E as pessoas, os leitores do *Público*, vão comprando ao longo da semana, o nosso trabalho está mais ou menos facilitado, ou estava, porque agora compram outros jornais, ou que tenham tido um *buzz* daquilo que nós consideramos ser o leitor-típico do *Público*. Só por essas histórias é que vale a pena ir, se nós formos buscar muitas histórias do *Correio da Manhã* para *O Inimigo Público* papel, se calhar muita gente não sabe do que é que estamos a falar, não reconhece.

JG – Não leem...

LPN – Como não leem, não reconhecem. Portanto, esse foi o princípio por que nós optamos, porque isso nos distingue do que seria um jornal satírico do séc. XIX.

JG - Publicava notícias reais, de alguma forma?

LPN – Nunca andava à cata do que se passava, da realidade, mas tinha uma agenda, tinha muitas vezes uma agenda política, com um objetivo.

JG – Dos republicanos.

LPN – Não é? Nós aqui tivemos que nos perguntar se tínhamos uma agenda ou não. Não temos nenhuma agenda, que não seja ter graça e tentar desmontar um pouco a realidade. O problema é que, ao longo destes anos, as pessoas começaram a exigir que o humor tivesse agenda, uma coisa interessante: as pessoas é que querem que o humor tenha agenda, ou seja, as pessoas antes admitiam que o humor pudesse bater nas pessoas, mas agora as pessoas querem que o humor bata, essencialmente, nos mesmos. Relvas! Por exemplo, por humor, se eu fizer um texto a defender o governo, nem assim é do seu agrado, não querem! E mais,

mesmo que nós digamos assim: isto é humor, atenção! Há pessoas que vão, da mesma maneira que há fenômenos de ótica que fazem com que o condutor de carro não veja o motociclista no espelho, também não veem que isto é humor, não veem mesmo. E com os fenômenos, hoje, das redes sociais, a seguir vem o boicote, a seguir vem o não sei o quê, se fizer um recorte, se fizer uma página feita com uma repetição, cria-se aqui ... Hoje, o humor enquanto negócio é, obviamente, muito mais fácil, pode-se sempre dar às pessoas aquilo que querem: pancada no Relvas, pancada no Gaspar... Não sei se nos tempos finais da monarquia, não seria, também, um pouco assim. Era, também o que as pessoas queriam. Havia a pobreza... Mas, aí, o regime também era um pouco mais opressivo... É um pouco decepcionante, eu acho que o momento é nunca se pôde arriscar tão pouco como agora. O negócio do humor é muito decepcionante.

JG – E, no entanto, é muito mais fácil conhecer aquilo que as pessoas querem, existem as redes sociais...

LPN – É muito mais fácil saber o que é que uma série de pessoas ativistas querem, respondem a tudo. Outros que têm de ser líderes e outras que são, perturbantemente, estúpidas. São pessoas que por mais que lhes expliquemos as coisas, de repente têm ali um púlpito e por mais que a gente lhes explique “mas eu não disse isso, nem fiz isso, nem isso corresponde à realidade”. Eeeeeeeeeeh! Se um tipo começa a gerir e a reger-se e a condicionar-se pelas redes sociais... agora, às vezes diz uma coisa e tem 10 mil *likes* com coisas tão básicas, tão ... É como trazer uma bruxa aqui às galerias e atirar umas pedras... As pessoas gostam, mas os tempos são estes, eu também não, antes isso que atirar pedras... Nem de desmontar a realidade, nem de conceptualmente inteligente... Vamos às perguntas, então...

JG – Essa pergunta tinha a ver com o *facebook*, onde têm 112 mil gostos e 7420 pessoas que falam disto e, era, precisamente, sobre qual o papel dos seguidores do *IP* no *facebook* e qual a sua participação nos próprios conteúdos?

LPN – O *facebook* deu-nos... Houve ali uma altura que nós não tínhamos muito a sensação se estávamos vivos, se estávamos mortos porque, embora, tenhamos, saibamos, através do BAREME, sobretudo, de mercado do *Público* que somos o suplemento mais lido, isso é uma coisa que não interessa muito ao próprio *Público*, como somos feitos em *outsourcing*, quer dizer, somos custos, não é? Os custos cortam-se, facilmente, nós somos custos dispensáveis, custos externos. O próprio *site*, um *site* hoje é ter maior capacidade de penetração, tem custos superiores, não temos capacidade de... O *site* foi feito pelo *Público* e tem uma manutenção que eles não são capazes de garantir... O próprio *site*, nós não temos

capacidade nenhuma de alterar nada no *site* e eles não têm, neste momento, não é por maldade mas por impossibilidade deles próprios de fazer a manutenção do *site*, portanto, o *facebook* está semimorto porque não têm pessoas suficientes para o fazer e foi o *facebook* que demonstrou a nossa vitalidade. O *facebook* é feito com restos de edição, ou seja, são coisas que não entram na edição e com uma *piadola* gratuita que cada autor dá pela manhã, portanto o *facebook* é feito todo com boa vontade. Às vezes, eu vejo os doutores a reclamar, mas eh pá! O *facebook* é feito com boa vontade. É aquilo que não entra na edição, sobra, portanto é o pior da edição, não entrou e depois é feito por um tipo de manhã, que eh pá! Sem grande, andou para ali, faz uma coisita de manhã para pôr. Agora faz duas, porque nós temos uma ligação ao Canal Q. Tínhamos um programa de televisão que já acabou, porque o corte que nós tivemos agora no início do ano foi tão grande, tão grande, que já nem sequer temos hipótese de ter um miniprograma. Nós temos agora uma ligação a um programa do Canal Q que é o *Inferno* com o Pedro Guerra. Trabalhar de graça só um tipo que queira entrar neste mundo e tenha muita vontade *wannabe*... Um tipo, eu não sei quem é, mas que tem um *site* que se chama *Imprensa Falsa* que é parecido connosco, faz três notícias por dia. Nós temos muito isso agora que é uma coisa que é a história dos plágios, muito isto, quer dizer, eu nunca acusei ninguém de plágio, não quero saber. A realidade é muito pequena e o humor é uma técnica: um gajo olha para a realidade, aplica-lhe uma técnica, vem nas listas, que os autores me mandam, tenho muitas vezes piadas iguais, o modo de pensar é igual, a realidade é igual, as piadas iguais. O que acontece é que os próprios autores usam piadas iguais e há tipos aí a fazer humor por fora que, às tantas, veem, têm uma piada e dizem que *O Inimigo Público* tem uma piada igual e acham que foram copiados. Eh pá! Não foram, aconteceu, acontece muitas vezes, o mecanismo é igual. Um dia, ligou-me indignado, plagiaram-me, plagiaram-me, é uma vergonha... Mas é o pão-nosso de cada dia, de vez em quando acontece. Fazer um *facebook* diário, de piadas, agora quando nós começamos há 10 anos, com estes mesmos autores, ainda não havia este modelo. O modelo do *Onion* que foi o primeiro jornal era de notícias grandes e depois as notícias, nós próprios fomos cortando as notícias até chegar a este modelo que é um título, não repete, normalmente, muito a notícia do que está lá dentro, depois no final uma coisa de surpreendente, para não ler só o título mas, há 10 anos, não era nada assim e quem hoje faz igual a nós está ele próprio a pôr já um modelo que nós, de alguma forma, ajudamos a construir. Não existia nada, há 10 anos, em 2003, nós aparecemos em setembro de 2003. Nós não acusamos ninguém de plágio, não nos esgotamos nesse tipo de guerras.

JG – Esses materiais publicados no *facebook* por outras pessoas, acabam por não ser aproveitados, não têm sequência, é só uma forma de *feedback*?

LPN – Só para gerar a comunidade. Nós, ao longo de 10 anos, tivemos um programa de televisão na SIC generalista que...

JG – Começou a passar muito tarde...

LPN – Não, não, correu mal por outros motivos. Correu mal porque aquilo foi tratado como um programa de entretenimento e não como um programa de informação. As condições eram as condições de um programa de entretenimento e não de um programa de informação. Para ter uma ideia, o programa dos *Gato Fedorento* que passou foi tratado como um programa de informação, isto é, tinha acesso às imagens, à redação, aos servidores, a tudo, como a informação. Chegava qualquer coisa, eles precisavam de imagens, entravam na redação e editavam tudo. Nós, não. Nós fizemos o mesmo programa do que eles, como *O Inimigo Público*, em cassete, tínhamos que tirar a imagem, meter numa cassete, alinhada com a cassete, se havia enganos, não havia nada a fazer. Ao fim de três episódios, estávamos rebentados, não conseguimos! Aquilo necessitava de estar a ser feito num estúdio de telejornal mesmo a sério, com duas câmaras, nós estávamos a fazer aquilo num estúdio de Paço de Arcos, da Valentim de Carvalho, uma realizadora preocupada, os tipos a tremer de frio, uma hora à espera que aquilo fosse voltado, aquilo era para ser um telejornal com acesso a imagens, era assim que tinha de ser feito, mas depois, aquilo ao fim de três episódios, nem nós conseguíamos fazer mais nada. Depois, também houve falhas... Tínhamos uma equipa fantástica de gente a escrever bem. Uma equipa fantástica...

JG – O José de Pina, o Filipe Homem Fonseca

LPN – O José de Pina, o Filipe Homem Fonseca, o João Lázaro, o Mário Botequilha, boa a equipa, tínhamos o melhor e podia ter corrido muito bem, mas meter aquilo numa cassete, entrava o genérico, entrava tudo numa cassete, depois íamos lá para o estúdio e quando se mete a cassete, a realizadora mete, põe eles atrás, metem as imagens, só entrava uma cassete. O estúdio do telejornal tem aquela dinâmica toda, tudo se mexe, num telejornal, tudo acontece, tudo se pode mexer, tudo se pode alterar.

JG – E no Canal Q?

LPN – No Canal Q não tive nada a ver com esse programa, achei que tinha tido essa experiência muito má, não quis ter nada a ver com esse programa, nunca vi nenhum episódio, embora fosse lá fazer uma apresentação de não sei o quê, mas nunca vi nenhum por uma questão de trauma, fiquei tão traumatizado com o outro que não queria ver nada. O *Público* nunca quis aproveitar. Nós, nos primeiros três anos, fizemos livros com o *best of d' O Inimigo*

Público. Depois, nunca quiseram continuar aquilo, embora tivéssemos vendido 105 mil livros. Era uma boa prenda, podíamos ter feito um *merchandising* d' *O Inimigo Público*, houve ali uma altura boa para fazer isso mas, não sei, a coisa não descolou, não estou aqui a querer culpar a editorial *Público*, mas podia ter descolado para o *merchandising* ... Não houve esse dinamismo. Nós fizemos até uma gala com prémios, nós ganhámos duas vezes o prémio de melhor suplemento, uma coisa extraordinário porque concorremos com a revista do *Expresso*, concorremos com os suplementos sérios, do *Expresso*, do *Sol*. Houve ali momentos de grande dinamismo, com aqueles picos gloriosos e depois apareceram os cortes, a partir daí começamos numa de querer sobreviver e houve aquele momento em que eu pensei, o ano passado, por esta altura, pensei que íamos dar o salto para qualquer coisa de novo, mesmo em termos mundiais. Nós tivemos pronto uma versão *iPad*, que era qualquer coisa nova, que não existe no mundo inteiro. Estava tudo pronto para arrancar. De repente, disseram-nos para parar, nós começamos a desconfiar, isto foi na altura em que eles iam começar a despedir e acharam que podiam acabar com isto. Até que ponto podem as potencialidades do *iPad* servir para a criação de humor? Os efeitos deste meio potenciar o humor. Não se sabe, nunca foi feito.

JG – Não está explorado.

LPN – Não está explorado, toda a gente sabe fazer coisas com o *Photoshop* e com as cabeças, cabeça de um mendigo, cabeça do Ulrich num mendigo, há um esgotamento deste modelo.

JG - Uma das perguntas tinha a ver com essa crise de 2012.

LPN – Eles aí acabaram, mesmo. Nós aí fomos à procura de um patrocinador. Conseguimos, não percebemos porque é que eles não tinham conseguido, mas é assim a vida.

JG – Era mesmo do Mini?

LPN – Foi do Mini. Mas nós, neste momento, estamos a fazer o jornal com 1/6 do que fazíamos há quatro anos, para aí.

JG – O outro trabalho que tinha feito era da *Caserna do Leitor* mas, de certa forma, já está respondido.

LPN – Isso foi uma coisa que nem sequer chegou a existir muito bem, porque nós não tivemos, o *site* deixou de funcionar. Essa foi uma das funcionalidades que deixou de funcionar.

JG – Era uma participação dos leitores. Desligaram-se do *site*, a partir daí...

LPN – Nós fizemos uma vez um concurso para estagiários. Tivemos, para aí, umas 500 respostas. O João Henriques ficou. O humor dele não se encontrava em lado nenhum porque

ainda não tinha aparecido a *twittosfera*, é um tipo que, depois, quando aparecem os *twitters*, o humor dele encaixava nos 140 caracteres, mas aquilo ainda não se sabia para que é que servia, aquilo ainda não servia para aquilo...

JG – Acha que *O Inimigo Público TV* é *infotainment* e *O Inimigo Público* é jornalismo satírico? Se encontra algumas diferenças...

LPN – Não. *O Inimigo Público*, tal como eu o fiz, não chegou a ser nada. Este *Inimigo Público* aqui, não o vi, não sei. *O Inimigo Público*, o outro era algo que eu pensava, na altura, era algo muito parecido com o John Stewart sem as entrevistas.

JG – Sem as entrevistas.

LPN – E muito com a parte das imagens, da televisão, do apanhado dos telejornais, muito telejornal, muita imagem de telejornal, muito comentário sobre imagem de telejornal. Na altura, nós estávamos todos fascinados pelo John Stewart, era muito enviado especial, uma reportagem e muito comentário de telejornal. O comentário dos telejornais da véspera, que é uma coisa que eu, como jornalista, e o Mário Botequilha e Pina podíamos fazer. Embora a SIC... Agora, matraquear a Fátima Campos Ferreira, um comentário... E os próprios jornais fazer como faz o Jay Leno, põe os cartões. Isso era *O Inimigo Público* que era um pouco a crítica de média, também, não ao jeito de dinamite cerebral do Pacheco Pereira, gozar com as reportagens, fazer a comparação das reportagens sobre o Papa e pôr os jornalistas todos a rezar e tal. Essa era a minha ideia d' *O Inimigo Público TV*. Um conceito que exigia alguns meios, nomeadamente esses, de acesso às imagens.

JG – Considera as fotografias manipuladas uma forma de caricatura ou se o que elas fazem é substituir o que faziam as caricaturas?

LPN – Neste momento, há duas correntes: há a corrente Al Qaeda, que aquilo é cortar uma cabeça e pôr lá em cima, que eu já estou a ficar um bocado saturado, embora o Nuno Artur Silva, das Produções Fictícias é o que gosta, é corta a cabeça e põe aqui. Eu gosto mais das fotografias simbólicas que são aquelas fotografias, como a capa desta semana, que é o esqueleto e uma caixa multibanco, gosto mais disso. Por acaso, eu não sabia, mas tinha muito a ver, é um pouco redundante, com o *cartoon*, é um pouco partir por aí. Mas a pessoa compõe aquilo tudo, não é? Eu digo: quero aqui isto, quero aqui isto, quero aqui isto, toda a parte das imagens é toda ditada por mim, todos os elementos são escolhidos por mim. Mas é um pouco nessa tradição de caricaturas.

JG – Há um gráfico que faz, na altura falou que era um Jorge Silva, não é?

LPN – Não. Jorge Silva fez a ideia inicial. Não, chama-se Hugo Pinto, tem uma empresa que se chama Ray Gun.

JG – Mas é tudo com base nas suas ideias e a sua orientação.

JG – Qual é a relação entre *O Inimigo Público* e aqueles jornais que existiram nos anos 90 e que eram *O Inimigo* e *O Fiel Inimigo* do Júlio Pinto?

LPN – Foi só coincidência. Aquilo teve mesmo só a ver com o *Público*, fazia sentido ser inimigo do *Público*. Testámos vários nomes e pusemos à consideração do próprio *Público* e eles acharam o mesmo. Até houve alguns problemas por causa do nome, registar o nome... Aquilo foi mesmo devido ao nosso hospedeiro se chamar *Público* é que se chama *Inimigo Público*.

JG – O acha que aconteceu aos jornais de humor em Portugal? Houve uma altura que havia muitos e agora...

LPN – O que acontece a todos os jornais, é isso mesmo. De resto, a *Messe* é uma produtora de conteúdos humorísticos e de um certo humor e de um certo humor às vezes escatológico ou deprimente, tenho mais do que certeza que não durarão muitos anos os jornais de humor, como os outros. Não é mau, nem deixa de ser, mas vai ter de ser uma Aliás, a *twittosfera* fez de cada um humorista e o *facebook* também, não é? Toda a gente faz umas piadas, não é mau. Mas a diferença é que, por exemplo, o Mário Botequilha, que é uma das pessoas que mais respeito nisto, faz isto há dez anos, cinquenta e duas semanas por ano, sem parar - que ele não faz férias e sempre sem ter uma semana má e mais, aquilo não é repetitivo no sentido de que ele consegue achar ali sempre uma variação, um ângulo diferente. É sempre ele que faz a manchete, é a única pessoa que eu confio porque ele sabe. Estamos de tal maneira ligados que eu digo: é assim e assim e assim, nós falamos, não temos reuniões, estamos um ano sem nos vermos, não sei como é que eles estão nem se estão bons se estão mal. É tudo pelo telefone, internet, *Messenger*, já não existe sequer, *mail* e até acho que não nos vemos porque cada um deve viver a vida para o seu lado, para não vermos os mesmos filmes, Nós éramos muitos, havia muita gente diferente, agora somos cada vez menos, dependendo de eu ser uma cabeça a pensar da mesma maneira, que é muito bom cada um viver para o seu lado e viver a sua vida.

JG – Uma das perguntas era mesmo sobre isso: quando estive a ler aquele livro que me aconselhou sobre as *Produções Fictícias* é que, no início, à 2ª feira tinham a tal reunião para fazer o jornal, mas depois já percebi que agora não funcionam assim.

LPN – Há muitos anos já. As reuniões acabam por ser contraproducentes. Há uns tipos que falam mais e que são mais *galarós*, depois o Mário Botequilha é um tipo que não fala, não abre a boca, não diz nada, mas é um tipo genial a escrever. Eu vou dizer assim: como é que é? Então, quem é que quer fazer isto? Anhhhhh! Ele não diz nada. Às tantas, já tinha que

dizer assim: Mário! Tinha que ter uma pré-reunião com o Mário para lhe dizer para ele ter de falar e depois no fim ele inibia-se demais para dizer. Não dá, não vale a pena.

ANEXO III ANÁLISE DE CONTEÚDOS D' A PARÓDIA (TEMÁTICA, ATUALIDADE, IMAGEM, PLANO GEOGRÁFICO)

| Nº | Data | Temática | | | | | | | | Atualidade | | Imagem | | Plano geográfico | |
|----|------------|----------|----------|----------|----------|-----------|---------|-------|-------|------------|-----|--------|-----|------------------|----------|
| | | Mundo | Política | Desporto | Economia | Sociedade | Cultura | Local | Média | Sim | Não | Sim | Não | | |
| 1 | 17-01-1900 | | 1 | 0 | | 0 | 0 | 0 | 0 | | 1 | 1 | | Portugal | Portugal |
| | | 1 | | | | | | | | 1 | | 1 | | Mundo | Mundo |
| 20 | 30-05-1900 | | | | | 1 | | | | 1 | | 1 | | Portugal | Portugal |
| | | | 1 | | | | | | | 1 | | 1 | | Portugal | Portugal |
| 30 | 08-08-1900 | | | | 1 | | | | | | 1 | 1 | | Portugal | Portugal |
| | | 1 | | | | | | | | 1 | | 1 | | China | Mundo |
| | | | | | | | | | | | | | | Itália | Mundo |
| | | | | | | | | | | | | | | Estados Unidos | Mundo |
| | | | | | | | | | | | | | | Itália | Mundo |
| | | | | | | | | | | | | | | Áustria | Mundo |
| | | | | | | | | | | | | | | Alemanha | Mundo |

| | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
|-----|------------|--|--|--|---|--|---|--|--|--|--|---|---|---|---|---|---|-----------------|----------|
| | | | | | | | | | | | | | | | | | | França | Mundo |
| | | | | | | | | | | | | | | | | | | Inglaterra | Mundo |
| | | | | | | | | | | | | | | | | | | Rússia | Mundo |
| | | | | | | | | | | | | | | | | | | Japão | Mundo |
| 44 | 14-11-1900 | | | | | | 1 | | | | | 1 | | 1 | | | | Paris | Mundo |
| | | | | | | | 1 | | | | | | | 1 | 1 | | | Paris | Mundo |
| | | | | | | | | | | | | | | | | | | Portugal | Portugal |
| 51 | 02-01-1901 | | | | 1 | | | | | | | | 1 | | 1 | | | Portugal | Portugal |
| | | | | | | | 1 | | | | | | | 1 | | 1 | | Portugal | Portugal |
| 80 | 24-07-1901 | | | | 1 | | | | | | | | | 1 | | 1 | | Portugal | Portugal |
| | | | | | | | 1 | | | | | | | | 1 | 1 | | | |
| 100 | 11-12-1901 | | | | | | | | | | | | | | 1 | 1 | | Lisboa | Portugal |
| | | | | | | | | | | | | | | | 1 | 1 | | Porto | Portugal |
| 123 | 21-05-1902 | | | | 1 | | | | | | | | | | 1 | | 1 | Portugal | Portugal |
| | | | | | 1 | | | | | | | | | | | 1 | 1 | Portugal | Portugal |
| 152 | 10-12-1902 | | | | | | 1 | | | | | | | | 1 | | 1 | Portugal | Portugal |
| | | | | | | | 1 | | | | | | | | | 1 | | Lobito (Angola) | Mundo |

A Transmissão d' A Paródia para O Inimigo Público: Se Não Aconteceu, Podia Ter Acontecido

| | | | | | | | | | | | | | | | |
|-------------------|----------------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|-----------|----------|-----------|----------|---------------------|----------|
| | | | | | | | | | | | | | | Lisboa | Portugal |
| 15 5 | 31-12- 1902 | | 1 | | | | | | | 1 | | 1 | | Portugal | Portugal |
| | | | | | | 1 | | | | | 1 | 1 | | Estação de Mafra | Portugal |
| To tal | | 2 | 6 | 0 | 4 | 5 | 3 | 0 | 0 | 12 | 8 | 20 | 0 | | |
| | | 10% | 30% | 0% | 20% | 25% | 15% | 0% | 0% | 60% | 40% | 100 % | 0% | | |

ANEXO IV ANÁLISE DE CONTEÚDOS D' A PARÓDIA (PROTAGONISTAS)

| Nº | Data | Protagonistas | Sátiras | Temática |
|-----------|-------------|----------------------------------|----------------|-----------------|
| 1 | 17-01-1900 | A política e os partidos | 1 | Política |
| | | Wellington | 1 | Mundo |
| | | Napoleão | 1 | Mundo |
| | | Bismarck | 1 | Mundo |
| | | Napoleão III | 1 | Mundo |
| | | Chinês | 1 | Mundo |
| | | Japonês | 1 | Mundo |
| | | Abexim | 1 | Mundo |
| | | Humberto I | 1 | Mundo |
| | | Tio Sam | 2 | Mundo |
| | | Dançarina espanhola | 1 | Mundo |
| | | Boer | 1 | Mundo |
| | | John Bull | 2 | Mundo |
| 20 | 30-05-1900 | Portugal | 2 | Sociedade |
| | | General Francisco Maria da Cunha | 1 | Política |
| 30 | 08-08-1900 | Portugal | | Economia |
| | | O capital | 1 | Economia |
| | | China | 1 | Mundo |
| | | Itália | 1 | Mundo |
| | | Reino Unido | 1 | Mundo |
| | | Alemanha | 1 | Mundo |
| | | Tio Sam | | Mundo |
| | | França | 1 | Mundo |
| | | Japão | 1 | Mundo |
| | | Áustria-Hungria | 1 | Mundo |
| 44 | 14-11-1900 | Rafael Bordalo Pinheiro | 3 | Cultura |
| | | Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro | 3 | Cultura |

| | | | | |
|-------|------------|--|-------|-----------|
| | | A Exposição Universal | 1 | Cultura |
| | | Um casal | 1 | Sociedade |
| 51 | 02-01-1901 | Zé Povinho | 2 | Economia |
| | | Século XX | 1 | Sociedade |
| 80 | 24-07-1901 | Zé Povinho | 1 | Economia |
| | | França (credores) | 1 | Economia |
| | | Alemanha (credores) | 1 | Economia |
| | | Inglaterra (credores) | 1 | Economia |
| | | Ministro da Fazenda Fernando Matoso dos Santos | 1 | Economia |
| | | Cara de Fome | 1 | Sociedade |
| 100 | 11-12-1901 | Rafael Bordalo Pinheiro | | Média |
| | | Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro | | Média |
| | | <i>A Paródia</i> | 1 | Média |
| | | Sebastião Sanhudo | 1 | Média |
| | | Manuel Monterroso | 1 | Média |
| | | Rafael Bordalo Pinheiro | | Média |
| | | Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro | | Média |
| 123 | 21-05-1902 | Credores externos | 1 | Economia |
| | | Governo Hintze | 1 | Economia |
| | | José Dias Ferreira | 1 | Política |
| | | João Franco | 1 | Política |
| | | Júlio Marques de Vilhena | 1 | Política |
| | | Augusto Fuschini | 1 | Política |
| | | Jacinto Cândido da Silva | 1 | Política |
| | | Sebastião de Sousa Dantas Baracho | 1 | Política |
| 152 | 10-12-1902 | País | 1 | Economia |
| | | John Bull | | Economia |
| | | Rei D. Carlos | 1 | Política |
| | | Hintze | 2 | Política |
| 155 | 31-12-1902 | Hintze | | Política |
| | | José Luciano | 1 | Política |
| Total | | | 58 | |
| | | | Total | % |
| | | Política | 12 | 21% |
| | | Mundo | 20 | 34% |

| | | | |
|--|-----------|----|-----|
| | Economia | 12 | 21% |
| | Média | 7 | 12% |
| | Sociedade | 4 | 7% |
| | Cultura | 3 | 5% |

ANEXO V ANÁLISE DE CONTEÚDOS D' A PARÓDIA (MO2: O MODO DE EXPRESSÃO)

| MO2: O Modo de Expressão | | | | | | | | |
|---------------------------------|-------------|---|----------------|------------|-------------------|------------|---------------------|------------|
| Nº | Data | | Cartoon | | Caricatura | | Fotomontagem | |
| | | | Sim | Não | Sim | Não | Sim | Não |
| 1 | 17-01-1900 | I A Política: a Grande Porca | 1 | | 1 | | | 1 |
| | | No Século das Luzes | 1 | | 1 | | | 1 |
| 20 | 30-05-1900 | O Eclypse do Sol | 1 | | | 1 | | 1 |
| | | Missões de Ida e Volta | 1 | | 1 | | | 1 |
| 30 | 08-08-1900 | V - O Progresso Nacional: o grande Caranguejo | 1 | | 1 | | | 1 |
| | | Os Grandes Perigos | 1 | | 1 | | | 1 |
| 44 | 14-11-1900 | De Volta da Exposição | 1 | | 1 | | | 1 |
| | | Verdadeira Linguagem Internacional | | 1 | | 1 | | 1 |

| | | | | | | | | |
|-----|------------|--|---|--|---|--|--|---|
| 51 | 02-01-1901 | <i>A Paródia</i> Volume II Ano 1901 | 1 | | 1 | | | 1 |
| | | Symbolismo | 1 | | 1 | | | 1 |
| 80 | 24-07-1901 | Ecce... L' Homme da Semana | 1 | | 1 | | | 1 |
| | | O Cara de Fome | 1 | | 1 | | | 1 |
| 100 | 11-12-1901 | Uff! (o nosso cenntesimo número) | 1 | | 1 | | | 1 |
| | | O Porto n' <i>A Paródia</i> ou <i>A Paródia</i> n' O Porto: Adeus, ó Lindinho! | 1 | | 1 | | | 1 |
| 123 | 21-05-1902 | O Nó Górdio e Espada Romba | 1 | | 1 | | | 1 |
| | | Na Praça Pública da Política/Os Salvadores | 1 | | 1 | | | 1 |
| 152 | 10-12-1902 | O Desconfiado | 1 | | 1 | | | 1 |
| | | A Viagem do Conde B... A | 1 | | 1 | | | 1 |

| | | | | | | | | |
|--------------|------------|---------------------|------------|-----------|------------|------------|-----------|-------------|
| | | caminho de Hespanha | | | | | | |
| 155 | 31-12-1902 | 1902-1903 | 1 | | 1 | | | 1 |
| | | Na Estação de Mafra | 1 | | 1 | | | 1 |
| Total | | | 19 | 1 | 18 | 2 | 0 | 20 |
| | | | 95% | 5% | 90% | 10% | 0% | 100% |

ANEXO VI ANÁLISE DE CONTEÚDOS D' A PARÓDIA (OM3: AS MATRIZES DE FORMAÇÃO – PROCESSOS DO RISO, SÁTIRA E TÉCNICAS DE SÁTIRA)

| Nº | Data | | OM3: As Matrizes de Formação | | | | | | | | |
|----|------------|---|------------------------------|----------|-------------------------|--------|-----|--------------------|---------|----------|--------|
| | | | Processos do riso | | | Sátira | | Técnicas de sátira | | | |
| | | | Repetição | Inversão | Interferência de séries | Sim | Não | Mordacidade | Redução | Invetiva | Ironia |
| 1 | 17-01-1900 | I A Política: a Grande Porca | 1 | | 1 | 1 | 0 | 1 | 0 | 1 | 1 |
| | | No Século das Luzes | 1 | 1 | 1 | 1 | | 1 | 1 | | 1 |
| 20 | 30-05-1900 | O Eclypse do Sol | | | 1 | 1 | | 1 | | 0 | 1 |
| | | Missões de Ida e Volta | | | 1 | 1 | | 1 | | 1 | 1 |
| 30 | 08-08-1900 | V - O Progresso Nacional: o grande Caranguejo | | | 1 | 1 | | 1 | | 1 | 1 |
| | | Os Grandes Perigos | | | 1 | 1 | | 1 | | 1 | 1 |
| 44 | 14-11-1900 | De Volta da Exposição | | | 1 | 1 | | 1 | | | 1 |
| | | Verdadeira Linguagem Internacional | 1 | | | | 1 | | | 1 | |

| | | | | | | | | | | | | |
|-----|------------|--|---|---|---|---|--|--|---|---|---|---|
| 51 | 02-01-1901 | A Paródia Volume II Ano 1901 | | | 1 | 1 | | | 1 | | 1 | 1 |
| | | Symbolismo | 1 | | 1 | 1 | | | 1 | | | 1 |
| 80 | 24-07-1901 | Ecce... L' Homme da Semana | | | 1 | 1 | | | 1 | 1 | | 1 |
| | | O Cara de Fome | | | 1 | 1 | | | 1 | | 1 | 1 |
| 100 | 11-12-1901 | Uff! (o nosso cenntesimo número) | | | 1 | 1 | | | | 1 | | |
| | | O Porto n' A Paródia ou A Paródia n' O Porto: Adeus, ó Lindinho! | | | 1 | 1 | | | | 1 | | 1 |
| 123 | 21-05-1902 | O Nó Górdio e Espada Romba | | | 1 | 1 | | | 1 | | 1 | 1 |
| | | Na Praça Pública da Política/Os Salvadores | 1 | | 1 | 1 | | | 1 | 1 | | 1 |
| 152 | 10-12-1902 | O Desconfiado | | | 1 | 1 | | | 1 | 1 | | 1 |
| | | A Viagem do Conde B... A caminho de Hespanha | | | 1 | 1 | | | 1 | 1 | 1 | 1 |
| 155 | 31-12-1902 | 1902-1903 | | 1 | 1 | 1 | | | 1 | 1 | | 1 |

| | | | | | | | | | | | |
|-------|--|---------------------|-----|-----|-----|-----|----|-----|-----|-----|-----|
| | | Na Estação de Mafra | | | 1 | 1 | | | 1 | | 1 |
| Total | | | 5 | 2 | 19 | 19 | 1 | 16 | 9 | 9 | 18 |
| | | | 25% | 10% | 95% | 95% | 5% | 80% | 45% | 45% | 90% |

ANEXO VII ANÁLISE DE CONTEÚDOS D' A PARÓDIA (OM3: AS MATRIZES DE FORMAÇÃO – FÓRMULAS DE CARICATURA)

| OM3: As Matrizes de Formação | | | | | | |
|-------------------------------------|-------------|---|-------------------------------|----------------------|----------------------------------|--------------------|
| N. o | Data | | Fórmulas de caricatura | | | |
| | | | Ampliação | Simplificação | Ampliação e Simplificação | Estilização |
| 1 | 17-01-1900 | I A Política: a Grande Porca | | | | |
| | | No Século das Luzes | 1 | | | |
| 2 | 30-05-1900 | O Eclipse do Sol | | | | |
| | | Missões de Ida e Volta | 1 | | | |
| 3 | 08-08-1900 | V - O Progresso Nacional: o grande Caranguejo | | | 1 | |
| | | Os Grandes Perigos | 1 | | | |
| 4 | 14-11- | De Volta da Exposição | 1 | | | |

| | | | | | | |
|---------|----------------|--|---|--|--|--|
| 4 | 1900 | | | | | |
| | | Verdadeira Linguagem Internacional | | | | |
| 5 1 | 02-01- 1901 | A Paródia Volume II Ano 1901 | 1 | | | |
| | | Symbolismo | 1 | | | |
| 8 0 | 24-07- 1901 | Ecce... L' Homme da Semana | 1 | | | |
| | | O Cara de Fome | 1 | | | |
| 1 00 | 11-12- 1901 | Uff! (o nosso cenntesimo número) | 1 | | | |
| | | O Porto n' A <i>Paródia</i> ou A <i>Paródia</i> n' O Porto: Adeus, ó Lindinho! | 1 | | | |
| 1 23 | 21-05- 1902 | O Nó Górdio e Espada Romba | | | | |
| | | Na Praça Pública da Política/Os Salvadores | 1 | | | |

| | | | | | | |
|-------------------------|----------------|--|------------|-----------|-----------|-----------|
| 1 52 | 10-12- 1902 | O Desconfiado | 1 | | | |
| | | A Viagem do Conde B... A caminho de Hespanha | 1 | | | |
| 1 55 | 31-12- 1902 | 1902-1903 | 1 | | | |
| | | Na Estação de Mafra | | | | |
| T otal | | | 14 | 0 | 1 | 0 |
| | | | 70% | 0% | 5% | 0% |

ANEXO VIII ANÁLISE DE CONTEÚDOS D' A PARÓDIA (OM3: AS MATRIZES DE FORMAÇÃO – MODOS DE CARICATURAR)

| OM3: As Matrizes de Formação | | | | | |
|-------------------------------------|-------------|--|----------------------------|--------------------|-----------------|
| Nº | Data | Título | Modo de caricaturar | | |
| | | | Diretamente | Metamorfose | Alegoria |
| 1 | 17-01-1900 | I A Política: a Grande Porca | | 1 | |
| | | No Século das Luzes | | | |
| 20 | 30-05-1900 | O Eclipse do Sol | | 1 | |
| | | Missões de Ida e Volta | 1 | | |
| 30 | 08-08-1900 | V - O Progresso Nacional: o grande Caranguejo | | 1 | |
| | | Os Grandes Perigos | 1 | | 1 |
| 44 | 14-11-1900 | De Volta da Exposição | 1 | | |
| | | Verdadeira Linguagem Internacional | | | |
| 51 | 02-01-1901 | <i>A Paródia</i> Volume II Ano 1901 | 1 | | |
| | | Symbolismo | 1 | 1 | |
| 80 | 24-07-1901 | Ecce... L' Homme da Semana | 1 | | |
| | | O Cara de Fome | 1 | | |
| 100 | 11-12-1901 | Uff! (o nosso cenntesimo número) | 1 | | |
| | | O Porto n' <i>A Paródia</i> ou <i>A Paródia</i> n' O Porto: Adeus, ó Lindinho! | 1 | | |
| 123 | 21-05-1902 | O Nó Górdio e Espada Romba | | | 1 |
| | | Na Praça Pública da Política/Os Salvadores | 1 | | |
| 152 | 10-12-1902 | O Desconfiado | 1 | | |
| | | A Viagem do Conde B... A caminho de Hespanha | 1 | | |

| | | | | | |
|--------------|------------|---------------------|------------|------------|------------|
| 155 | 31-12-1902 | 1902-1903 | 1 | | |
| | | Na Estação de Mafra | | 1 | |
| Total | | | 13 | 5 | 2 |
| | | | 65% | 25% | 10% |

ANEXO IX ANÁLISE DE CONTEÚDOS D' A PARÓDIA (OM3: AS MATRIZES DE FORMAÇÃO – INFOTAINMENT E FAKE NEWS)

| OM3: As Matrizes de Formação | | | | | | |
|------------------------------|------------|---|--------------|-----|-----------|-----|
| Nº | Data | Título | Infotainment | | Fake news | |
| | | | Sim | Não | Sim | Não |
| 1 | 17-01-1900 | I A Política: a Grande Porca | | 1 | 1 | |
| | | No Século das Luzes | 1 | | 1 | |
| 20 | 30-05-1900 | O Eclypse do Sol | | 1 | | 1 |
| | | Missões de Ida e Volta | 1 | | 1 | |
| 30 | 08-08-1900 | V - O Progresso Nacional: o grande Caranguejo | | 1 | 1 | |
| | | Os Grandes Perigos | 1 | | 1 | |
| 44 | 14-11-1900 | De Volta da Exposição | 1 | | 1 | |
| | | Verdadeira Linguagem Internacional | | 1 | | 1 |
| 51 | 02-01-1901 | <i>A Paródia</i> Volume II Ano 1901 | | 1 | | 1 |
| | | Symbolismo | | 1 | | 1 |

| | | | | | | |
|--------------|------------|--|------------|------------|------------|------------|
| 80 | 24-07-1901 | Ecce... L' Homme da Semana | 1 | | | 1 |
| | | O Cara de Fome | | 1 | | 1 |
| 100 | 11-12-1901 | Uff! (o nosso cenntesimo número) | | 1 | | 1 |
| | | O Porto n' A Paródia ou A Paródia n' O Porto: Adeus, ó Lindinho! | | 1 | | 1 |
| 123 | 21-05-1902 | O Nó Górdio e Espada Romba | | 1 | | 1 |
| | | Na Praça Pública da Política/Os Salvadores | 1 | | 1 | |
| 152 | 10-12-1902 | O Desconfiado | 1 | | 1 | |
| | | A Viagem do Conde B... A caminho de Hespanha | 1 | | 1 | |
| 155 | 31-12-1902 | 1902-1903 | 1 | | 1 | |
| | | Na Estação de Mafra | | 1 | | 1 |
| Total | | | 9 | 11 | 10 | 10 |
| % | | | 45% | 55% | 50% | 50% |

ANEXO X ANÁLISE DE CONTEÚDOS D' O INIMIGO PÚBLICO (TEMÁTICA)

| Nº | Data | Título | Temática | | | | | | | | | Total |
|----|------------|---|----------|----------|----------|----------|-----------|---------|-------|-------|---------|-------|
| | | | Mundo | Política | Desporto | Economia | Sociedade | Cultura | Local | Média | Ciência | |
| 1 | 26-09-2003 | Portas remodela governo | | 1 | | | | | | | | |
| | | Bibi pode ter 14 anos | | | | | 1 | | | | | |
| | | Scolari prepara fuga | | | 1 | | | | | | | |
| | | Kumba Ialá vai integrar o Grupo de Forcados Amadores da Moita | 1 | | | | | | | | | |
| | | Desbanda: Rumo ao Orgasmo Vertical | | | | | | 1 | | | | |
| 61 | 19-11-2004 | 2014 | | 1 | | | | | | | | |
| | | Colunata: O Gladiador Apaixonado | | 1 | | | | | | | | |
| | | O Romance de uma assessora de imagem: Absolutamente | | 1 | | | | | | | | |
| | | Bye Bye Colin... | 1 | | | | | | | | | |
| 66 | 24-12-2004 | Vou vender as minhas memórias | | 1 | | | | | | | | |

| | | | | | | | | | | | | |
|-----|------------|---|---|---|---|--|---|---|---|--|--|--|
| | | Rainha da etiqueta engana-se no talher e esfaqueia o marido com faca de peixe | | | | | 1 | | | | | |
| | | Olhem quem aplicou botox no cérebro! | | | | | | 1 | | | | |
| | | Argel tem hálito de sarjeta | | | 1 | | | | | | | |
| | | Colunata: O presépio português | | 1 | | | | | | | | |
| | | O romance de uma assessora de imagem: Absolutamente | | 1 | | | | | | | | |
| | | Negociações União Europeia - Turquia | 1 | | | | | | | | | |
| 232 | 29-02-2008 | Sócrates passa horas nos solários... | | 1 | | | | | | | | |
| | | "Mal difuso" pela sociedade relatado pela SEDES agrava-se numa semana | | 1 | | | | | | | | |
| | | Toon | 1 | | | | | | | | | |
| 262 | 26-09-2008 | Cavaco foi a Wall Street relançar economia mundial com ações do Inimigo | | | | | 1 | | | | | |
| | | Sabe mais do que um | | | | | | | 1 | | | |

| | | | | | | | | | | | | |
|--|--|---|--|--|---|--|---|---|--|--|---|--|
| | | historiador amargo de 66 anos? | | | | | | | | | | |
| | | Catalina Pestana garante ao 'Sol' que continuam a existir abusos sexuais no Colégio de Hogwarts | | | | | 1 | | | | | |
| | | Camões em inglês já está a ser traduzida por Vasco Graça Moura para português | | | | | | 1 | | | | |
| | | Cozinheiros dos hospitais esquecem garfos e colheres dentro dos frangos assados | | | | | 1 | | | | | |
| | | Trolhas lisboetas aprenderam italiano para mandar piropos a Monica Belluci | | | | | 1 | | | | | |
| | | Inventor transmontano cria ovelha que se transforma em namorada | | | | | | | | | 1 | |
| | | Ronaldo pagou três euros por 300 prostitutas cazaques | | | 1 | | | | | | | |

| | | | | | | | | | | | | |
|-----|------------|---|---|---|---|--|---|--|--|--|---|--|
| | | Wikipédia fez sete anos e nasceu há 15, em 1982 | | | | | | | | | 1 | |
| | | Kamasutra tem alternativas ao frente a frente Pinto da Costa//Carolina | | | 1 | | | | | | | |
| | | O compromisso do G8 | 1 | | | | | | | | | |
| | | A Velha, o Rapaz e o Burro | | 1 | | | | | | | | |
| | | Vício de boca | | 1 | | | | | | | | |
| | | Crise do preço dos alimentos | | | | | 1 | | | | | |
| 348 | 04-06-2010 | PS não conseguiu conter o "mancha negra" | | 1 | | | | | | | | |
| | | Teixeira dos Santos é a estrela convidada do Salão Erótico de Lisboa | | | | | 1 | | | | | |
| | | Militantes do PCP não entendem a preocupação de Jerónimo de Sousa com a Lusa... | | | | | | | | | 1 | |
| | | Mota-Engil ganhou a | | | | | 1 | | | | | |

| | | | | | | | | | | | | |
|-----|------------|---|---|---|--|---|---|--|--|--|--|--|
| | | adjudicação das pontes entre feriados | | | | | | | | | | |
| | | Como nós vemos Israel/Como Israel nos vê a nós | 1 | | | | | | | | | |
| | | | | | | | | | | | | |
| 365 | 01-10-2010 | Sem título (busto da República) | | 1 | | | | | | | | |
| | | Extrema-direita xenófoba protesta no parlamento sueco... | 1 | | | | | | | | | |
| | | GNR prende 2 jamaicanos por posse de dois mil quilos de haxixe... | | | | 1 | | | | | | |
| | | Bono Vox vai dar terceiro concerto em Coimbra... | | | | | 1 | | | | | |
| | | Filme 'Assalto ao Santa Maria' tenta aliciar público... | | | | | 1 | | | | | |
| | | Alunos de acordo: dicionários com palavrões são um problema do c***** | | | | 1 | | | | | | |
| 391 | 15-04-2011 | Roubámos o relatório interno dos senhores | | | | 1 | | | | | | |

| | | | | | | | | | | | | |
|-----|------------|--|---|---|--|---|--|---|--|--|--|--|
| | | do FMI | | | | | | | | | | |
| | | Fernando Nobre tem cláusula de rescisão de 100 milhões | | 1 | | | | | | | | |
| | | Corajoso Fernando Nobre já passou por guerras, sismos... | | 1 | | | | | | | | |
| | | Lançada calculadora do FMI só com as teclas de diminuir e de dividir | | | | 1 | | | | | | |
| | | Última hora | | | | 1 | | | | | | |
| | | Toon | 1 | | | | | | | | | |
| | | | | | | | | | | | | |
| 484 | 22-02-2013 | Sócias de Relvas vão levar com a Grândola no trombil | | 1 | | | | | | | | |
| | | Mahmoud Ahmadinejad vai compor uma 'Grândola Vila Morena' no Irão | 1 | | | | | | | | | |
| | | | | | | | | | | | | |
| | | Cândida Almeida vai para um convento do Ministério Público... | | | | | | 1 | | | | |

| | | | | | | | | | | | | |
|-----|--------|--|--|---|---|---|---|---|--|--|--|--|
| | | Peça de Beethoven retirada do mercado... | | | | | | 1 | | | | |
| | | Ao serviço do país | | 1 | | | | | | | | |
| | | Texto de Seguro foi parar à pasta de spam da troika | | 1 | | | | | | | | |
| | | Candidato de esquerda do Sporting quer rasgar o Memorando do BES | | | 1 | | | | | | | |
| | | Danone vai despedir mil milhões de <i>L. Casei Imunitass...</i> | | | | 1 | | | | | | |
| | | Agência de rating Moody's corta o rating à agência de rating S&P... | | | | | 1 | | | | | |
| | | ASAE descobre e manda abater 1000 cavalos que tinham 100% de carne de cavalo | | | | | | | | | | |
| | | Segundo incidente na central nuclear espanhola... | | | | | | 1 | | | | |
| 500 | 14-06- | Gaspar acredita que | | 1 | | | | | | | | |

| | | | | | | | | | | | | |
|------|--|---|---|--|---|---|--|--|--|---|--|--|
| 2013 | Inimigo chega ao nº 350 se cumprir plano de austeridade | | | | | | | | | | | |
| | Marques Mendes já sabe como vão ser as próximas 500 edições do <i>Inimigo Público</i> | | | | | | | | | 1 | | |
| | Grande painel Inimigo/ERC/Strauss-Kahn sobre hábitos sexuais dos leitores | | | | | 1 | | | | | | |
| | Programa espacial iraniano troca macaco por redator do <i>Inimigo</i> | 1 | | | | | | | | | | |
| | Toon | | 1 | | | | | | | | | |
| | Borda d'Água passa a ter previsões económicas | | | | | 1 | | | | | | |
| | Plantel do Benfica da próxima temporada vai ter mais sérvios do que um filme do Emir Kusturica | | | | 1 | | | | | | | |
| | ASAE apreende 4 toneladas de sardinhas | | | | | | | | | 1 | | |

| | | | | | | | | | | | | |
|-------|--|---|-----|-----|----|-----|-----|-----|----|----|----|------|
| | | alucinogénias no Santo António | | | | | | | | | | |
| | | Restaurantes a imitar tascas tradicionais estão na moda e empregados... | | | | 1 | | | | | | |
| | | Empresa portuguesa cria sistema para combater roubo de combustível... | | | | | | | | | 1 | |
| Total | | | 10 | 20 | 6 | 9 | 13 | 7 | 0 | 3 | 2 | 70 |
| | | | 14% | 29% | 9% | 13% | 19% | 10% | 0% | 4% | 3% | 100% |

ANEXO XI ANÁLISE DE CONTEÚDOS D' O INIMIGO PÚBLICO (ATUALIDADE, IMAGEM)

| Nº | Data | Título | Atualidade | | Imagem | |
|----|------------|---|------------|-----|--------|-----|
| | | | Sim | Não | Sim | Não |
| 1 | 26-09-2003 | Portas remodela governo | 1 | | 1 | |
| | | Bibi pode ter 14 anos | | | | 1 |
| | | Scolari prepara fuga | | | | 1 |
| | | Kumba Ialá vai integrar o Grupo de Forcados Amadores da Moita | | | 1 | |
| | | Desbanda: Rumo ao Orgasmo Vertical | | | 1 | |
| 61 | 19-11-2004 | 2014 | | 1 | | 1 |
| | | Colunata: O Gladiador Apaixonado | 1 | | | 1 |
| | | O Romance de uma assessora de imagem: Absolutamente | 1 | | 1 | |
| | | Bye Bye Colin... | 1 | | 1 | |
| 66 | 24-12-2004 | Vou vender as minhas memórias | 1 | | 6 | 1 |
| | | Rainha da etiqueta engana-se no talher e esfaqueia o marido com faca de peixe | | 1 | | |

| | | | | | | |
|-----|------------|---|--|---|--|---|
| | | Olhem quem aplicou botox no cérebro! | | 1 | | |
| | | Argel tem hálito de sarjeta | | 1 | | |
| | | Colunata: O presépio português | | 1 | | |
| | | O romance de uma assessora de imagem: Absolutamente | | 1 | | |
| | | Negociações União Europeia - Turquia | | 1 | | |
| 232 | 29-02-2008 | Sócrates passa horas nos solários... | | 1 | | 1 |
| | | "Mal difuso" pela sociedade relatado pela SEDES agrava-se numa semana | | 1 | | 1 |
| | | Toon | | 1 | | 1 |
| 262 | 26-09-2008 | Cavaco foi a Wall Street relançar economia mundial com ações do Inimigo | | | | |
| | | Sabe mais do que um historiador amargo de 66 anos? | | | | |
| | | Catalina Pestana garante ao 'Sol' que continuam a existir abusos sexuais no Colégio de Hogwarts | | | | |
| | | Camões em inglês já está a ser traduzida por Vasco Graça Moura para português | | | | |
| | | Cozinheiros dos hospitais esquecem garfos e colheres dentro dos frangos assados | | | | |
| | | Trolhas lisboetas aprenderam italiano para mandar piropos a Monica Bellucci | | | | |

| | | | | | | |
|-----|------------|---|---|--|---|---|
| | | Inventor transmontano cria ovelha que se transforma em namorada | | | | |
| | | Ronaldo pagou três euros por 300 prostitutas cazaques | | | | |
| | | Wikipédia fez sete anos e nasceu há 15, em 1982 | | | | |
| | | Kamasutra tem alternativas ao frente a frente Pinto da Costa//Carolina | | | | |
| | | O compromisso do G8 | | | | |
| | | A Velha, o Rapaz e o Burro | | | | |
| | | Vício de boca | | | | |
| | | Crise do preço dos alimentos | | | | |
| 348 | 04-06-2010 | PS não conseguiu conter o "mancha negra" | 1 | | 1 | |
| | | Teixeira dos Santos é a estrela convidada do Salão Erótico de Lisboa | 1 | | | 1 |
| | | Militantes do PCP não entendem a preocupação de Jerónimo de Sousa com a Lusa... | 1 | | | 1 |
| | | Mota-Engil ganhou a adjudicação das pontes entre feriados | 1 | | | 1 |
| | | Como nós vemos Israel/Como Israel nos vê a nós | 1 | | 1 | |
| | | | | | | |

| | | | | | | |
|-----|------------|---|---|--|---|---|
| 365 | 01-10-2010 | Sem título (busto da República) | 1 | | 1 | |
| | | Extrema-direita xenófoba protesta no parlamento sueco... | 1 | | 1 | |
| | | GNR prende 2 jamaicanos por posse de dois mil quilos de haxixe... | 1 | | | 1 |
| | | Bono Vox vai dar terceiro concerto em Coimbra... | 1 | | | 1 |
| | | Filme 'Assalto ao Santa Maria' tenta aliciar público... | 1 | | 1 | |
| | | Alunos de acordo: dicionários com palavrões são um problema do c***** | 1 | | | 1 |
| 391 | 15-04-2011 | Roubámos o relatório interno dos senhores do FMI | 1 | | 1 | 3 |
| | | Fernando Nobre tem cláusula de rescisão de 100 milhões | 1 | | 1 | |
| | | Corajoso Fernando Nobre já passou por guerras, sismos... | 1 | | | 1 |
| | | Lançada calculadora do FMI só com as teclas de diminuir e de dividir | 1 | | | 1 |
| | | Última hora | 1 | | | 1 |
| | | Toon | 1 | | 1 | |
| | | | | | | |
| | | | | | | |

| | | | | | | |
|-----|------------|---|---|---|---|---|
| 484 | 22-02-2013 | Sócias de Relvas vão levar com a Grândola no trombil | 1 | | 1 | |
| | | Mahmoud Ahmadinejad vai compor uma 'Grândola Vila Morena' no Irão | 1 | | | 1 |
| | | | | | | |
| | | Cândida Almeida vai para um convento do Ministério Público... | 1 | | | 1 |
| | | Peça de Beethoven retirada do mercado... | 1 | | | 1 |
| | | Ao serviço do país | 1 | | 1 | |
| | | Texto de Seguro foi parar à pasta de spam da troika | 1 | | | 1 |
| | | Candidato de esquerda do Sporting quer rasgar o Memorando do BES | 1 | | | 1 |
| | | Danone vai despedir mil milhões de <i>L. Casei Imunitass...</i> | 1 | | | 1 |
| | | Agência de rating Moody's corta o rating à agência de rating S&P... | 1 | | | 1 |
| | | ASAE descobre e manda abater 1000 cavalos que tinham 100% de carne de cavalo | 1 | | | 1 |
| | | Segundo incidente na central nuclear espanhola... | 1 | | | 1 |
| 500 | 14-06-2013 | Gaspar acredita que Inimigo chega ao nº 350 se cumprir plano de austeridade | 1 | | 1 | |
| | | Marques Mendes já sabe como vão ser as próximas 500 edições do <i>Inimigo Público</i> | | 1 | | 1 |

| | | | | | | |
|-------|--|--|-----|-----|-----|-----|
| | | Grande painel Inimigo/ERC/Strauss-Kahn sobre hábitos sexuais dos leitores | | 1 | | 1 |
| | | Programa espacial iraniano troca macaco por redator do <i>Inimigo</i> | 1 | | | 1 |
| | | Toon | 1 | | 1 | |
| | | Borda d'Água passa a ter previsões económicas | 1 | | | 1 |
| | | Plantel do Benfica da próxima temporada vai ter mais sérvios do que um filme do Emir Kusturica | 1 | | | 1 |
| | | ASAE apreende 4 toneladas de sardinhas alucinogénias no Santo António | | 1 | | 1 |
| | | Restaurantes a imitar tascas tradicionais estão na moda e empregados... | | 1 | | 1 |
| | | Empresa portuguesa cria sistema para combater roubo de combustível... | 1 | | | 1 |
| Total | | | 45 | 8 | 25 | 35 |
| | | | 64% | 11% | 36% | 50% |

ANEXO XII ANÁLISE DE CONTEÚDOS D' O INIMIGO PÚBLICO (PLANO GEOGRÁFICO)

| Nº | Data | Título | Plano geográfico | |
|----|------------|---|------------------|----------|
| | | | | |
| 1 | 26-09-2003 | Portas remodela governo | Portugal | Portugal |
| | | Bibi pode ter 14 anos | Lisboa | Portugal |
| | | Scolari prepara fuga | Portugal | Portugal |
| | | Kumba Ialá vai integrar o Grupo de Forcados Amadores da Moita | Guiné Bissau | Mundo |
| | | Desbanda: Rumo ao Orgasmo Vertical | Portugal | Portugal |
| 61 | 19-11-2004 | 2014 | Portugal | Portugal |
| | | Colunata: O Gladiador Apaixonado | Portugal | Portugal |
| | | O Romance de uma assessora de imagem: Absolutamente | Portugal | Portugal |
| | | Bye Bye Colin... | EUA | Mundo |
| 66 | 24-12-2004 | Vou vender as minhas memórias | Portugal | Portugal |
| | | Rainha da etiqueta engana-se no talher e esfaqueia o marido com faca de peixe | Portugal | Portugal |
| | | Olhem quem aplicou botox no cérebro! | Portugal | Portugal |

| | | | | | |
|-----|------------|---|----------------|----------|--|
| | | Argel tem hálito de sarjeta | Lisboa | Portugal | |
| | | Colunata: O presépio português | Portugal | Portugal | |
| | | O romance de uma assessora de imagem: Absolutamente | Portugal | Portugal | |
| | | Negociações União Europeia - Turquia | União Europeia | Mundo | |
| 232 | 29-02-2008 | Sócrates passa horas nos solários... | Portugal | Portugal | |
| | | "Mal difuso" pela sociedade relatado pela SEDES agrava-se numa semana | Portugal | Portugal | |
| | | Toon | EUA | Mundo | |
| 262 | 26-09-2008 | Cavaco foi a Wall Street relançar economia mundial com ações do Inimigo | EUA | Mundo | |
| | | Sabe mais do que um historiador amargo de 66 anos? | Portugal | Portugal | |
| | | Catalina Pestana garante ao 'Sol' que continuam a existir abusos sexuais no Colégio de Hogwarts | Lisboa | Portugal | |
| | | Camões em inglês já está a ser traduzida por Vasco Graça Moura para português | Portugal | Portugal | |
| | | Cozinheiros dos hospitais esquecem garfos e colheres dentro dos frangos assados | Portugal | Portugal | |
| | | Trolhas lisboetas aprenderam italiano para mandar piropos a Monica Belluci | Lisboa | Portugal | |
| | | Inventor transmontano cria ovelha que se transforma em namorada | Vila Real | Portugal | |

| | | | | | |
|-----|------------|---|-----------------------|----------|--|
| | | Ronaldo pagou três euros por 300 prostitutas cazaques | Cazaquistão | Mundo | |
| | | Wikipédia fez sete anos e nasceu há 15, em 1982 | Internet | Mundo | |
| | | Kamasutra tem alternativas ao frente a frente Pinto da Costa//Carolina | Porto | Portugal | |
| | | O compromisso do G8 | Mundo | Mundo | |
| | | A Velha, o Rapaz e o Burro | Portugal | Portugal | |
| | | Vício de boca | Venezuela | Mundo | |
| | | Crise do preço dos alimentos | África subsaariana | Mundo | |
| 348 | 04-06-2010 | PS não conseguiu conter o "mancha negra" | Lisboa | Portugal | |
| | | Teixeira dos Santos é a estrela convidada do Salão Erótico de Lisboa | Lisboa | Portugal | |
| | | Militantes do PCP não entendem a preocupação de Jerónimo de Sousa com a Lusa... | Lisboa | Portugal | |
| | | Mota-Engil ganhou a adjudicação das pontes entre feriados | Portugal | Portugal | |
| | | Como nós vemos Israel/Como Israel nos vê a nós | Palestina | Mundo | |
| | | | Israel | Mundo | |
| 365 | 01-10-2010 | Sem título (busto da República) | Portugal | Portugal | |

| | | | | | |
|-----|------------|---|-----------|----------|--|
| | | Extrema-direita xenófoba protesta no parlamento sueco... | Suécia | Mundo | |
| | | GNR prende 2 jamaicanos por posse de dois mil quilos de haxixe... | Faro | Portugal | |
| | | Bono Vox vai dar terceiro concerto em Coimbra... | Coimbra | Portugal | |
| | | Filme 'Assalto ao Santa Maria' tenta aliciar público... | Portugal | Portugal | |
| | | Alunos de acordo: dicionários com palavrões são um problema do c***** | Setúbal | Portugal | |
| 391 | 15-04-2011 | Roubámos o relatório interno dos senhores do FMI | Portugal | Portugal | |
| | | Fernando Nobre tem cláusula de rescisão de 100 milhões | Portugal | Portugal | |
| | | Corajoso Fernando Nobre já passou por guerras, sismos... | Lisboa | Portugal | |
| | | Lançada calculadora do FMI só com as teclas de diminuir e de dividir | Portugal | Portugal | |
| | | Última hora | Frankfurt | Mundo | |
| | | Toon | Irlanda | Mundo | |
| | | | Grécia | Mundo | |
| | | | Islândia | Mundo | |
| 484 | 22-02-2013 | Sócias de Relvas vão levar com a Grândola no trombil | Portugal | Portugal | |

| | | | | | |
|-----|------------|---|-----------------|----------|--|
| | | Mahmoud Ahmadinejad vai compor uma 'Grândola Vila Morena' no Irão | Irão | Mundo | |
| | | | Coreia do Norte | Mundo | |
| | | Cândida Almeida vai para um convento do Ministério Público... | Portugal | Portugal | |
| | | Peça de Beethoven retirada do mercado... | Portugal | Portugal | |
| | | Ao serviço do país | Portugal | Portugal | |
| | | Texto de Seguro foi parar à pasta de spam da troika | Portugal | Portugal | |
| | | Candidato de esquerda do Sporting quer rasgar o Memorando do BES | Lisboa | Portugal | |
| | | Danone vai despedir mil milhões de <i>L. Casei Imunitass...</i> | Portugal | Portugal | |
| | | Agência de rating Moody's corta o rating à agência de rating S&P... | Nova Iorque | Mundo | |
| | | ASAE descobre e manda abater 1000 cavalos que tinham 100% de carne de cavalo | Portugal | Portugal | |
| | | Segundo incidente na central nuclear espanhola... | Barrancos | Portugal | |
| 500 | 14-06-2013 | Gaspar acredita que Inimigo chega ao nº 350 se cumprir plano de austeridade | Portugal | Portugal | |
| | | Marques Mendes já sabe como vão ser as próximas 500 edições do <i>Inimigo Público</i> | Portugal | Portugal | |
| | | Grande painel Inimigo/ERC/Strauss-Kahn sobre hábitos sexuais dos leitores | Portugal | Portugal | |

| | | | | | |
|-------|--|--|----------|----------|----------|
| | | Programa espacial iraniano troca macaco por redator do <i>Inimigo</i> | Irão | Mundo | |
| | | Toon | Portugal | Portugal | |
| | | Borda d'Água passa a ter previsões económicas | Portugal | Portugal | |
| | | Plantel do Benfica da próxima temporada vai ter mais sérvios do que um filme do Emir Kusturica | Lisboa | Portugal | |
| | | ASAE apreende 4 toneladas de sardinhas alucinogénias no Santo António | Lisboa | Portugal | |
| | | Restaurantes a imitar tascas tradicionais estão na moda e empregados... | Lisboa | Portugal | |
| | | Empresa portuguesa cria sistema para combater roubo de combustível... | Portugal | Portugal | |
| Total | | | | | |
| | | | | 54 | Portugal |

ANEXO XIII ANÁLISE DE CONTEÚDOS D' O INIMIGO PÚBLICO (PROTAGONISTAS)

| Nº | Data | Protagonistas | Tema | Total/Protagonista |
|-----------|-------------|----------------------|-------------|---------------------------|
| 1 | 26-09-2003 | Paulo Portas | Política | 1 |
| | | Durão Barroso | Política | 2 |
| | | Bibi | Sociedade | 1 |
| | | Scolari | Desporto | 1 |
| | | Kumba Ialá | Mundo | 1 |
| | | Eduardo Prado Coelho | Cultura | 2 |
| 61 | 19-11-2004 | Santana Lopes | Política | 4 |
| | | José Sócrates | Política | 6 |
| | | Guterres | Política | 2 |
| | | Aníbal Cavaco Silva | Política | 5 |
| | | Fernandes Thomaz | Política | 1 |
| | | Bush | Mundo | 1 |
| | | Condolezza Rice | Mundo | 1 |
| | | Colin Powell | Mundo | 1 |
| 66 | 24-12-2004 | José Sócrates | Política | 5 |
| | | Santana Lopes | Política | 5 |
| | | Eduardo Prado Coelho | Cultura | 5 |
| | | Trapattoni | Desporto | 1 |
| | | Santana Lopes | Sociedade | |
| | | Júlia Pinheiro | Sociedade | 1 |
| | | Cinha Jardim | Sociedade | 1 |
| | | Guterres | Sociedade | 4 |
| | | Aníbal Cavaco Silva | Sociedade | |
| | | Eusébio | Sociedade | 1 |
| | | José Castelo Branco | Sociedade | 1 |
| | | Durão Barroso | Mundo | |
| | | Erdogan | Mundo | 1 |
| 232 | 29-02-2008 | José Sócrates | Política | |
| | | SEDES | Sociedade | 1 |
| | | Hillary Clinton | Mundo | 1 |
| | | Obama | Mundo | 1 |

| | | | | |
|-----|------------|-----------------------------|-----------|---|
| 262 | 26-09-2008 | Manuel Pinho | Economia | 1 |
| | | José Manuel Fernandes | Economia | 1 |
| | | Aníbal Cavaco Silva | Economia | |
| | | Maria Cavaco Silva | Economia | 1 |
| | | Vasco Pulido Valente | Cultura | 1 |
| | | Catalina Pestana | Sociedade | 1 |
| | | Vasco Graça Moura | Cultura | 1 |
| | | ASAE | Sociedade | 3 |
| | | Hospital de Abrantes | Sociedade | 1 |
| | | Trolhas | Sociedade | 1 |
| | | Monica Belluci | Sociedade | 1 |
| | | Luís Nunes | Ciência | 1 |
| | | Cristiano Ronaldo | Desporto | 2 |
| | | Pinto da Costa | Desporto | 1 |
| | | Carolina Salgado | Desporto | 1 |
| | | Wikipédia | Média | 1 |
| | | G8 | Mundo | 1 |
| | | Manuela Ferreira Leite | Política | 1 |
| | | Santana Lopes | Política | |
| | | Passos Coelho | Política | 2 |
| | | Hugo Chávez | Mundo | 1 |
| | | José Sócrates | Mundo | |
| | | Africanos famintos | Sociedade | 1 |
| 348 | 04-06-2010 | Manuel Alegre | Política | 1 |
| | | Teixeira dos Santos | Sociedade | 1 |
| | | Jerónimo de Sousa | Média | 1 |
| | | Mota-Engil | Economia | 1 |
| | | Palestinianos | Mundo | 1 |
| | | Israelitas | Mundo | 1 |
| 365 | 01-10-2010 | A República | Política | 1 |
| | | Passos Coelho | Política | |
| | | Aníbal Cavaco Silva | Política | |
| | | José Sócrates | Política | |
| | | Partido Democrata da Suécia | Mundo | 1 |

| | | | | |
|-----|------------|------------------------------------|-----------|---|
| | | GNR | Sociedade | 1 |
| | | Turistas jamaicanos | Sociedade | 1 |
| | | Fãs de 30 anos dos U2 | Cultura | 1 |
| | | António Mexia | Cultura | 1 |
| | | Francisco Manso | Cultura | 1 |
| | | Henrique Galvão | Política | 1 |
| | | Salazar | Política | 1 |
| | | Alunos do 1º e 2º ciclo de Setúbal | Sociedade | 1 |
| 391 | 15-04-2011 | FMI | Economia | 2 |
| | | Fernando Nobre | Política | 2 |
| | | Fernando Nobre | Política | |
| | | FMI | Ciência | |
| | | José Sócrates | Ciência | |
| | | Vítor Constâncio | Economia | 1 |
| | | Portugal | Mundo | 1 |
| | | Irlanda | Mundo | 1 |
| | | Grécia | Mundo | 1 |
| | | Islândia | Mundo | 1 |
| 484 | 22-02-2013 | Miguel Relvas | Política | 1 |
| | | Mendes Bota | Política | 1 |
| | | Carlos Moedas | Política | 1 |
| | | Mahmoud Ahmadinejad | Mundo | 2 |
| | | Cândida Almeida | Sociedade | 1 |
| | | Entidade Reguladora da Música | Cultura | 1 |
| | | António José Seguro | Economia | 1 |
| | | Troika | Economia | 2 |
| | | Sporting | Desporto | 1 |
| | | Danone | Economia | 1 |
| | | Agências de Rating | Economia | 1 |
| | | Findus | Economia | 1 |
| | | ASAE | Sociedade | |
| | | Nuno Sequeira (Quercus) | Sociedade | 1 |
| 500 | 14-06-2013 | Vítor Gaspar | Política | 2 |
| | | Marques Mendes | Média | 1 |
| | | <i>O Inimigo Público</i> | Média | 2 |
| | | Miguel Frasquilho | Sociedade | 1 |

| | | | | |
|--|-------|--------------------------------|-----------|---|
| | | Troika | Sociedade | |
| | | Cristiano Ronaldo | Sociedade | |
| | | Aníbal Cavaco Silva | Sociedade | |
| | | Mahmoud Ahmadinejad | Mundo | |
| | | António Marques (<i>IP</i>) | Mundo | 1 |
| | | <i>O Inimigo Público</i> | Média | |
| | | Editora Minerva - Borda d'Água | Média | 1 |
| | | Vítor Gaspar | Média | |
| | | Carlos Costa | Média | 1 |
| | | Benfica | Desporto | 1 |
| | | ASAE | Sociedade | |
| | | Festa de Santo António | Sociedade | 1 |
| | | Restaurantes de Lisboa | Economia | 1 |
| | | António Costa | Política | 1 |
| | Total | | 115 | |

ANEXO XIV ANÁLISE DE CONTEÚDOS D' O INIMIGO PÚBLICO (MO2: O MODO DE EXPRESSÃO)

| MO2: O Modo de Expressão | | | | | | | | |
|--------------------------|------------|---|---------|-----|------------|-----|--------------|-----|
| Nº | Data | Título | Cartoon | | Caricatura | | Fotomontagem | |
| | | | Sim | Não | Sim | Não | Sim | Não |
| 1 | 26-09-2003 | Portas remodela governo | | 1 | | 1 | | 1 |
| | | Bibi pode ter 14 anos | | 1 | | 1 | | 1 |
| | | Scolari prepara fuga | | 1 | | 1 | | 1 |
| | | Kumba Ialá vai integrar o Grupo de Forcados Amadores da Moita | | 1 | | 1 | | 1 |
| | | Desbanda: Rumo ao Orgasmo Vertical | 1 | | 1 | | | 1 |
| 61 | 19-11-2004 | 2014 | | 1 | | 1 | | 1 |
| | | Colunata: O Gladiador Apaixonado | | 1 | | 1 | | 1 |
| | | O Romance de uma assessora de imagem: Absolutamente | | 1 | | 1 | 1 | |
| | | Bye Bye Colin... | 1 | | 1 | | | 1 |
| 66 | 24-12-2004 | Vou vender as minhas memórias | | 1 | | 1 | 1 | |
| | | Rainha da etiqueta engana-se no talher e esfaqueia o marido com faca de peixe | | 1 | | 1 | | 1 |
| | | Olhem quem aplicou botox no cérebro! | | 1 | | 1 | | 1 |
| | | Argel tem hálito de sarjeta | | 1 | | 1 | | 1 |
| | | Colunata: O presépio português | | 1 | | 1 | | 1 |
| | | O romance de uma assessora de imagem: Absolutamente | | 1 | | 1 | | 1 |
| | | Negociações União Europeia - Turquia | 1 | | 1 | | | 1 |
| 232 | 29-02-2008 | Sócrates passa horas nos solários... | | 1 | | 1 | | 1 |

| | | | | | | | | |
|-----|------------|---|---|---|---|---|---|---|
| | | "Mal difuso" pela sociedade relatado pela SEDES agrava-se numa semana | | 1 | | 1 | 1 | |
| | | Toon | 1 | | 1 | | | 1 |
| 262 | 26-09-2008 | Cavaco foi a Wall Street relançar economia mundial com ações do Inimigo | | 1 | | 1 | 1 | |
| | | Sabe mais do que um historiador amargo de 66 anos? | | 1 | | 1 | | 1 |
| | | Catalina Pestana garante ao 'Sol' que continuam a existir abusos sexuais no Colégio de Hogwarts | | 1 | | 1 | | 1 |
| | | Camões em inglês já está a ser traduzida por Vasco Graça Moura para português | | 1 | | 1 | | 1 |
| | | Cozinheiros dos hospitais esquecem garfos e colheres dentro dos frangos assados | | 1 | | 1 | | 1 |
| | | Trolhas lisboetas aprenderam italiano para mandar piropos a Monica Belluci | | 1 | | 1 | | 1 |
| | | Inventor transmontano cria ovelha que se transforma em namorada | | 1 | | 1 | | 1 |
| | | Ronaldo pagou três euros por 300 prostitutas cazaques | | 1 | | 1 | | 1 |
| | | Wikipédia fez sete anos e nasceu há 15, em 1982 | | 1 | | 1 | | 1 |
| | | Kamasutra tem alternativas ao frente a frente Pinto da Costa//Carolina | | 1 | | 1 | | 1 |
| | | O compromisso do G8 | 1 | | 1 | | | 1 |
| | | A Velha, o Rapaz e o Burro | 1 | | 1 | | | 1 |
| | | Vício de boca | 1 | | 1 | | | 1 |
| | | Crise do preço dos alimentos | 1 | | 1 | | | 1 |
| 348 | 04-06-2010 | PS não conseguiu conter o "mancha negra" | | 1 | 1 | | 1 | |
| | | Teixeira dos Santos é a estrela convidada do Salão Erótico de Lisboa | | 1 | | 1 | | 1 |
| | | Militantes do PCP não entendem a preocupação de Jerónimo de | | 1 | | 1 | | 1 |

| | | | | | | | |
|-----|------------|---|---|---|---|---|---|
| | | Sousa com a Lusa... | | | | | |
| | | Mota-Engil ganhou a adjudicação das pontes entre feriados | | 1 | | 1 | 1 |
| | | Como nós vemos Israel/Como Israel nos vê a nós | 1 | | 1 | | 1 |
| 365 | 01-10-2010 | Sem título (busto da República) | 1 | | 1 | | 1 |
| | | Extrema-direita xenófoba protesta no parlamento sueco... | | 1 | | 1 | 1 |
| | | GNR prende 2 jamaicanos por posse de dois mil quilos de haxixe... | | 1 | | 1 | 1 |
| | | Bono Vox vai dar terceiro concerto em Coimbra... | | 1 | | 1 | 1 |
| | | Filme 'Assalto ao Santa Maria' tenta aliciar público... | | 1 | 1 | | 1 |
| | | Alunos de acordo: dicionários com palavrões são um problema do c***** | | 1 | | 1 | 1 |
| 391 | 15-04-2011 | Roubámos o relatório interno dos senhores do FMI | | 1 | | 1 | 1 |
| | | Fernando Nobre tem cláusula de rescisão de 100 milhões | | 1 | 1 | | 1 |
| | | Corajoso Fernando Nobre já passou por guerras, sismos... | | 1 | | 1 | 1 |
| | | Lançada calculadora do FMI só com as teclas de diminuir e de dividir | | 1 | | 1 | 1 |
| | | Última hora | | 1 | | 1 | 1 |
| | | Toon | 1 | | 1 | | 1 |
| 484 | 22-02-2013 | Sósias de Relvas vão levar com a Grândola no trombil | | 1 | 1 | | 1 |
| | | Mahmoud Ahmadinejad vai compor uma 'Grândola Vila Morena' no Irão | | 1 | | 1 | 1 |
| | | Cândida Almeida vai para um convento do Ministério Público... | | 1 | | 1 | 1 |
| | | Peça de Beethoven retirada do mercado... | | 1 | | 1 | 1 |
| | | Ao serviço do país | 1 | | 1 | | 1 |
| | | Texto de Seguro foi parar à pasta de spam da troika | | 1 | | 1 | 1 |
| | | Candidato de esquerda do Sporting quer rasgar o Memorando do BES | | 1 | | 1 | 1 |

| | | | | | | | | |
|-------|------------|--|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| | | Danone vai despedir mil milhões de L. Casei Imunitass... | | 1 | | 1 | | 1 |
| | | Agência de rating Moody's corta o rating à agência de rating S&P... | | 1 | | 1 | | 1 |
| | | ASAE descobre e manda abater 1000 cavalos que tinham 100% de carne de cavalo | | 1 | | 1 | | 1 |
| | | Segundo incidente na central nuclear espanhola... | | 1 | | 1 | | 1 |
| 500 | 14-06-2013 | Gaspar acredita que Inimigo chega ao nº 350 se cumprir plano de austeridade | 1 | | 1 | | 1 | |
| | | Marques Mendes já sabe como vão ser as próximas 500 edições do <i>Inimigo Público</i> | | 1 | | 1 | | 1 |
| | | Grande painel Inimigo/ERC/Strauss-Kahn sobre hábitos sexuais dos leitores | | 1 | | 1 | | 1 |
| | | Programa espacial iraniano troca macaco por redator do <i>Inimigo</i> | | 1 | | 1 | | 1 |
| | | Toon | 1 | | 1 | | | 1 |
| | | Borda d'Água passa a ter previsões económicas | | 1 | | 1 | | 1 |
| | | Plantel do Benfica da próxima temporada vai ter mais sérvios do que um filme do Emir Kusturica | | 1 | | 1 | | 1 |
| | | ASAE apreende 4 toneladas de sardinhas alucinogénias no Santo António | | 1 | | 1 | | 1 |
| | | Restaurantes a imitar tascas tradicionais estão na moda e empregados... | | 1 | | 1 | | 1 |
| | | Empresa portuguesa cria sistema para combater roubo de combustível... | | 1 | | 1 | | 1 |
| | | | | | | | | |
| Total | | | 14 | 57 | 18 | 53 | 10 | 61 |
| | | | 20% | 80% | 25% | 75% | 14% | 86% |

ANEXO XV ANÁLISE DE CONTEÚDOS D' O INIMIGO PÚBLICO (OM3: AS MATRIZES DE FORMAÇÃO – PROCESSOS DO RISO)

| OM3: As Matrizes de Formação | | | | | |
|-------------------------------------|-------------|---|--------------------------|-----------------|--------------------------------|
| Nº | Data | Título | Processos do riso | | |
| | | | Repetição | Inversão | Interferência de séries |
| 1 | 26-09-2003 | Portas remodela governo | | | 1 |
| | | Bibi pode ter 14 anos | | | 1 |
| | | Scolari prepara fuga | | | 1 |
| | | Kumba Ialá vai integrar o Grupo de Forcados Amadores da Moita | | | 1 |
| | | Desbanda: Rumo ao Orgasmo Vertical | | | 1 |
| 61 | 19-11-2004 | 2014 | | | 1 |
| | | Colunata: O Gladiador Apaixonado | | | 1 |
| | | O Romance de uma assessora de imagem: Absolutamente | | | 1 |
| | | Bye Bye Colin... | | | 1 |
| 66 | 24-12-2004 | Vou vender as minhas memórias | | | 1 |
| | | Rainha da etiqueta engana-se no talher e esfaqueia o marido com faca de peixe | | | 1 |
| | | Olhem quem aplicou botox no cérebro! | | | 1 |
| | | Argel tem hálito de sarjeta | | | 1 |
| | | Colunata: O presépio português | | | 1 |
| | | O romance de uma assessora de imagem: Absolutamente | | | 1 |

| | | | | | | |
|-----|------------|---|--|---|---|----------|
| | | Negociações União Europeia - Turquia | | | | 1 |
| 232 | 29-02-2008 | Sócrates passa horas nos solários... | | | | 1 |
| | | "Mal difuso" pela sociedade relatado pela SEDES agrava-se numa semana | | | | 1 |
| | | Toon | | | | 1 |
| 262 | 26-09-2008 | Cavaco foi a Wall Street relançar economia mundial com ações do Inimigo | | | | 1 |
| | | Sabe mais do que um historiador amargo de 66 anos? | | | | 1 |
| | | Catalina Pestana garante ao 'Sol' que continuam a existir abusos sexuais no Colégio de Hogwarts | | 1 | | 1 |
| | | Camões em inglês já está a ser traduzida por Vasco Graça Moura para português | | 1 | | 1 |
| | | Cozinheiros dos hospitais esquecem garfos e colheres dentro dos frangos assados | | | | 1 |
| | | Trolhas lisboetas aprenderam italiano para mandar piropos a Monica Belluci | | | | 1 |
| | | Inventor transmontano cria ovelha que se transforma em namorada | | | | 1 |
| | | Ronaldo pagou três euros por 300 prostitutas cazaques | | | | 1 |
| | | Wikipédia fez sete anos e nasceu há 15, em 1982 | | | | 1 |
| | | Kamasutra tem alternativas ao frente a frente Pinto da Costa//Carolina | | | | 1 |
| | | O compromisso do G8 | | 1 | 1 | 1 |
| | | A Velha, o Rapaz e o Burro | | | | 1 |
| | | Vício de boca | | | | 1 |
| | | Crise do preço dos alimentos | | | | 1 |

| | | | | | |
|-----|------------|---|----------|----------|----------|
| 348 | 04-06-2010 | PS não conseguiu conter o "mancha negra" | | | 1 |
| | | Teixeira dos Santos é a estrela convidada do Salão Erótico de Lisboa | | | 1 |
| | | Militantes do PCP não entendem a preocupação de Jerónimo de Sousa com a Lusa... | | | 1 |
| | | Mota-Engil ganhou a adjudicação das pontes entre feriados | | | 1 |
| | | Como nós vemos Israel/Como Israel nos vê a nós | | | 1 |
| 365 | 01-10-2010 | Sem título (busto da República) | | 1 | 1 |
| | | Extrema-direita xenófoba protesta no parlamento sueco... | | | 1 |
| | | GNR prende 2 jamaicanos por posse de dois mil quilos de haxixe... | | | 1 |
| | | Bono Vox vai dar terceiro concerto em Coimbra... | | | 1 |
| | | Filme 'Assalto ao Santa Maria' tenta aliciar público... | | | 1 |
| | | Alunos de acordo: dicionários com palavrões são um problema do c***** | | | 1 |
| 391 | 15-04-2011 | Roubámos o relatório interno dos senhores do FMI | | | 1 |
| | | Fernando Nobre tem cláusula de rescisão de 100 milhões | | | 1 |
| | | Corajoso Fernando Nobre já passou por guerras, sismos... | | | 1 |
| | | Lançada calculadora do FMI só com as teclas de diminuir e de dividir | | | 1 |
| | | Última hora | | | 1 |
| | | Toon | | | 1 |
| 484 | 22-02-2013 | Sócias de Relvas vão levar com a Grândola no trombil | | | 1 |
| | | Mahmoud Ahmadinejad vai compor uma 'Grândola Vila Morena' no Irão | 1 | | 1 |

| | | | | | |
|-----|------------|--|--|---|----------|
| | | Cândida Almeida vai para um convento do Ministério Público... | | | 1 |
| | | Peça de Beethoven retirada do mercado... | | | 1 |
| | | Ao serviço do país | | | 1 |
| | | Texto de Seguro foi parar à pasta de spam da troika | | | 1 |
| | | Candidato de esquerda do Sporting quer rasgar o Memorando do BES | | | 1 |
| | | Danone vai despedir mil milhões de L. Casei Imunitass... | | 1 | 1 |
| | | Agência de rating Moody's corta o rating à agência de rating S&P... | | 1 | 1 |
| | | ASAE descobre e manda abater 1000 cavalos que tinham 100% de carne de cavalo | | | 1 |
| | | Segundo incidente na central nuclear espanhola... | | | 1 |
| 500 | 14-06-2013 | Gaspar acredita que Inimigo chega ao nº 350 se cumprir plano de austeridade | | | 1 |
| | | Marques Mendes já sabe como vão ser as próximas 500 edições do <i>Inimigo Público</i> | | | 1 |
| | | Grande painel Inimigo/ERC/Strauss-Kahn sobre hábitos sexuais dos leitores | | | 1 |
| | | Programa espacial iraniano troca macaco por redator do <i>Inimigo</i> | | | 1 |
| | | Toon | | | 1 |
| | | Borda d'Água passa a ter previsões económicas | | | 1 |
| | | Plantel do Benfica da próxima temporada vai ter mais sérvios do que um filme do Emir Kusturica | | | 1 |
| | | ASAE apreende 4 toneladas de sardinhas alucinogénias no Santo António | | | 1 |
| | | Restaurantes a imitar tascas tradicionais estão na moda e | | | 1 |

| | | | | | |
|-------|--|---|-----------|-----------|-------------|
| | | empregados... | | | |
| | | Empresa portuguesa cria sistema para combater roubo de combustível... | | | 1 |
| | | | 4 | 4 | 71 |
| Total | | | 6% | 6% | 100% |

ANEXO XVI ANÁLISE DE CONTEÚDOS D' O INIMIGO PÚBLICO (OM3: AS MATRIZES DE FORMAÇÃO – SÁTIRA E TÉCNICAS DE SÁTIRA)

| OM3: As Matrizes de Formação | | | | | | | | |
|-------------------------------------|-------------|---|---------------|------------|---------------------------|----------------|-----------------|---------------|
| Nº | Data | Título | Sátira | | Técnicas de sátira | | | |
| | | | Sim | Não | Mordacidade | Redução | Invetiva | Ironia |
| 1 | 26-09-2003 | Portas remodela governo | 1 | 0 | | | 0 | 1 |
| | | Bibi pode ter 14 anos | 1 | | | | | 1 |
| | | Scolari prepara fuga | 1 | | | | | 1 |
| | | Kumba Ialá vai integrar o Grupo de Forcados Amadores da Moita | 1 | | | | | 1 |
| | | Desbanda: Rumo ao Orgasmo Vertical | 1 | | 1 | 1 | | |
| 61 | 19-11-2004 | 2014 | 1 | | | | | 1 |
| | | Colunata: O Gladiador Apaixonado | 1 | | | | | 1 |
| | | O Romance de uma assessora de imagem: Absolutamente | 1 | | | | | 1 |
| | | Bye Bye Colin... | 1 | | 1 | 1 | | 1 |
| 66 | 24-12-2004 | Vou vender as minhas memórias | 1 | | | | | 1 |
| | | Rainha da etiqueta engana-se no talher e esfaqueia o marido com faca de peixe | 1 | | | | | 1 |

| | | | | | | | | |
|-----|------------|---|---|--|---|---|---|---|
| | | Olhem quem aplicou botox no cérebro! | 1 | | | | | 1 |
| | | Argel tem hálito de sarjeta | 1 | | | | | 1 |
| | | Colunata: O presépio português | 1 | | 1 | | | 1 |
| | | O romance de uma assessora de imagem: Absolutamente | 1 | | 1 | | 1 | 1 |
| | | Negociações União Europeia - Turquia | 1 | | 1 | 1 | 1 | 1 |
| 232 | 29-02-2008 | Sócrates passa horas nos solários... | 1 | | 1 | | 1 | 1 |
| | | "Mal difuso" pela sociedade relatado pela SEDES agrava-se numa semana | 1 | | 1 | | | 1 |
| | | Toon | 1 | | 1 | 1 | | 1 |
| 262 | 26-09-2008 | Cavaco foi a Wall Street relançar economia mundial com ações do Inimigo | 1 | | 1 | 1 | | 1 |
| | | Sabe mais do que um historiador amargo de 66 anos? | 1 | | 1 | | | 1 |
| | | Catalina Pestana garante ao 'Sol' que continuam a existir abusos sexuais no Colégio de Hogwarts | 1 | | 1 | 1 | | 1 |
| | | Camões em inglês já está a ser traduzida por Vasco Graça Moura para português | 1 | | 1 | | | 1 |
| | | Cozinheiros dos hospitais esquecem garfos e colheres dentro dos frangos assados | 1 | | 1 | | | 1 |
| | | Trolhas lisboetas aprenderam italiano para mandar piropos a Monica Belluci | 1 | | 1 | | 1 | 1 |

| | | | | | | | | |
|-----|------------|---|----------|--|----------|----------|----------|----------|
| | | Inventor transmontano cria ovelha que se transforma em namorada | 1 | | 1 | | | 1 |
| | | Ronaldo pagou três euros por 300 prostitutas cazaques | 1 | | 1 | | | 1 |
| | | Wikipédia fez sete anos e nasceu há 15, em 1982 | 1 | | 1 | | | 1 |
| | | Kamasutra tem alternativas ao frente a frente Pinto da Costa//Carolina | 1 | | 1 | | | 1 |
| | | O compromisso do G8 | 1 | | 1 | 1 | 1 | 1 |
| | | A Velha, o Rapaz e o Burro | 1 | | 1 | 1 | | 1 |
| | | Vício de boca | 1 | | 1 | 1 | | 1 |
| | | Crise do preço dos alimentos | 1 | | 1 | 1 | | 1 |
| 348 | 04-06-2010 | PS não conseguiu conter o "mancha negra" | 1 | | 1 | 1 | | 1 |
| | | Teixeira dos Santos é a estrela convidada do Salão Erótico de Lisboa | 1 | | 1 | 1 | 1 | 1 |
| | | Militantes do PCP não entendem a preocupação de Jerónimo de Sousa com a Lusa... | 1 | | | | | 1 |
| | | Mota-Engil ganhou a adjudicação das pontes entre feriados | 1 | | 1 | | | 1 |
| | | Como nós vemos Israel/Como Israel nos vê a nós | 1 | | 1 | 1 | | 1 |
| 365 | 01-10-2010 | Sem título (busto da República) | 1 | | 1 | 1 | | 1 |

| | | | | | | | | |
|-----|------------|---|----------|--|----------|----------|----------|----------|
| | | Extrema-direita xenófoba protesta no parlamento sueco... | 1 | | 1 | | | 1 |
| | | GNR prende 2 jamaicanos por posse de dois mil quilos de haxixe... | 1 | | 1 | | | 1 |
| | | Bono Vox vai dar terceiro concerto em Coimbra... | 1 | | 1 | | | 1 |
| | | Filme 'Assalto ao Santa Maria' tenta aliciar público... | 1 | | 1 | 1 | | 1 |
| | | Alunos de acordo: dicionários com palavrões são um problema do c***** | 1 | | 1 | | | 1 |
| 391 | 15-04-2011 | Roubámos o relatório interno dos senhores do FMI | 1 | | 1 | | | 1 |
| | | Fernando Nobre tem cláusula de rescisão de 100 milhões | 1 | | 1 | | | 1 |
| | | Corajoso Fernando Nobre já passou por guerras, sismos... | 1 | | 1 | | | 1 |
| | | Lançada calculadora do FMI só com as teclas de diminuir e de dividir | 1 | | 1 | | | 1 |
| | | Última hora | 1 | | 1 | | | 1 |
| | | Toon | 1 | | 1 | 1 | 1 | 1 |
| 484 | 22-02-2013 | Sócias de Relvas vão levar com a Grândola no trombil | 1 | | 1 | 1 | 1 | 1 |
| | | Mahmoud Ahmadinejad vai compor uma 'Grândola Vila Morena' no Irão | 1 | | 1 | | | 1 |
| | | Cândida Almeida vai para um convento do Ministério Público... | 1 | | 1 | 1 | | 1 |

| | | | | | | | | |
|-----|------------|---|----------|--|----------|----------|----------|----------|
| | | Peça de Beethoven retirada do mercado... | 1 | | 1 | | | 1 |
| | | Ao serviço do país | 1 | | 1 | 1 | | 1 |
| | | Texto de Seguro foi parar à pasta de spam da troika | 1 | | 1 | 1 | | 1 |
| | | Candidato de esquerda do Sporting quer rasgar o Memorando do BES | 1 | | 1 | 1 | | 1 |
| | | Danone vai despedir mil milhões de L. Casei Imunitass... | 1 | | 1 | | | 1 |
| | | Agência de rating Moody's corta o rating à agência de rating S&P... | 1 | | 1 | | | 1 |
| | | ASAE descobre e manda abater 1000 cavalos que tinham 100% de carne de cavalo | 1 | | 1 | | | 1 |
| | | Segundo incidente na central nuclear espanhola... | 1 | | 1 | | | 1 |
| 500 | 14-06-2013 | Gaspar acredita que Inimigo chega ao nº 350 se cumprir plano de austeridade | 1 | | 1 | 1 | 1 | 1 |
| | | Marques Mendes já sabe como vão ser as próximas 500 edições do <i>Inimigo Público</i> | 1 | | 1 | | | 1 |
| | | Grande painel Inimigo/ERC/Strauss-Kahn sobre hábitos sexuais dos leitores | 1 | | 1 | | | 1 |
| | | Programa espacial iraniano troca macaco por redator do <i>Inimigo</i> | 1 | | 1 | | | 1 |
| | | Toon | 1 | | 1 | | 1 | 1 |
| | | Borda d'Água passa a ter previsões económicas | 1 | | 1 | | | 1 |

| | | | | | | | | |
|-------|--|--|-------------|-----------|------------|------------|------------|------------|
| | | Plantel do Benfica da próxima temporada vai ter mais sérvios do que um filme do Emir Kusturica | 1 | | 1 | | | 1 |
| | | ASAE apreende 4 toneladas de sardinhas alucinogénias no Santo António | 1 | | 1 | | | 1 |
| | | Restaurantes a imitar tascas tradicionais estão na moda e empregados... | 1 | | 1 | | | 1 |
| | | Empresa portuguesa cria sistema para combater roubo de combustível... | 1 | | 1 | | | 1 |
| | | | 71 | 0 | 59 | 22 | 10 | 70 |
| Total | | | 100% | 0% | 83% | 31% | 14% | 99% |
| % | | | 1 | 0 | | | 0 | 1 |

ANEXO XVII ANÁLISE DE CONTEÚDOS D' O INIMIGO PÚBLICO (OM3: AS MATRIZES DE FORMAÇÃO – FÓRMULAS DE CARICATURAR)

| OM3: As Matrizes de Formação | | | | | | |
|------------------------------|------------|---|------------------------|---------------|---------------------------|-------------|
| Nº | Data | Título | Fórmulas de caricatura | | | |
| | | | Ampliação | Simplificação | Ampliação e Simplificação | Estilização |
| 1 | 26-09-2003 | Portas remodela governo | | | | |
| | | Bibi pode ter 14 anos | | | | |
| | | Scolari prepara fuga | | | | |
| | | Kumba Ialá vai integrar o Grupo de Forcados Amadores da Moita | | | | |
| | | Desbanda: Rumo ao Orgasmo Vertical | 1 | | | |
| 61 | 19-11-2004 | 2014 | | | | 1 |
| | | Colunata: O Gladiador Apaixonado | | | | |
| | | O Romance de uma assessora de imagem: Absolutamente | | | | |
| | | Bye Bye Colin... | 1 | | | 1 |
| 66 | 24-12-2004 | Vou vender as minhas memórias | | | | 0 |
| | | Rainha da etiqueta engana-se no talher e esfaqueia o marido com faca de peixe | | | | |
| | | Olhem quem aplicou botox no cérebro! | | | | |
| | | Argel tem hálito de sarjeta | | | | |
| | | Colunata: O presépio português | | | | |
| | | O romance de uma assessora de imagem: | | | | |

| | | | | | | |
|-----|------------|---|---|--|--|---|
| | | Absolutamente | | | | |
| | | Negociações União Europeia - Turquia | 1 | | | |
| 232 | 29-02-2008 | Sócrates passa horas nos solários... | | | | |
| | | "Mal difuso" pela sociedade relatado pela SEDES agrava-se numa semana | | | | |
| | | Toon | 1 | | | |
| 262 | 26-09-2008 | Cavaco foi a Wall Street relançar economia mundial com ações do Inimigo | | | | 1 |
| | | Sabe mais do que um historiador amargo de 66 anos? | | | | |
| | | Catalina Pestana garante ao 'Sol' que continuam a existir abusos sexuais no Colégio de Hogwarts | | | | |
| | | Camões em inglês já está a ser traduzida por Vasco Graça Moura para português | | | | |
| | | Cozinheiros dos hospitais esquecem garfos e colheres dentro dos frangos assados | | | | |
| | | Trolhas lisboetas aprenderam italiano para mandar piropos a Monica Belluci | | | | |
| | | Inventor transmontano cria ovelha que se transforma em namorada | | | | |
| | | Ronaldo pagou três euros por 300 prostitutas cazaques | | | | |
| | | Wikipédia fez sete anos e nasceu há 15, em 1982 | | | | |
| | | Kamasutra tem alternativas ao frente a frente Pinto da Costa//Carolina | | | | |
| | | O compromisso do G8 | 1 | | | |
| | | A Velha, o Rapaz e o Burro | 1 | | | |
| | | Vício de boca | 1 | | | |

| | | | | | | |
|-----|------------|---|---|--|--|---|
| | | Crise do preço dos alimentos | 1 | | | |
| 348 | 04-06-2010 | PS não conseguiu conter o "mancha negra" | | | | 1 |
| | | Teixeira dos Santos é a estrela convidada do Salão Erótico de Lisboa | | | | |
| | | Militantes do PCP não entendem a preocupação de Jerónimo de Sousa com a Lusa... | | | | |
| | | Mota-Engil ganhou a adjudicação das pontes entre feriados | | | | |
| | | Como nós vemos Israel/Como Israel nos vê a nós | 1 | | | |
| 365 | 01-10-2010 | Sem título (busto da República) | 1 | | | 1 |
| | | Extrema-direita xenófoba protesta no parlamento sueco... | | | | |
| | | GNR prende 2 jamaicanos por posse de dois mil quilos de haxixe... | | | | |
| | | Bono Vox vai dar terceiro concerto em Coimbra... | | | | |
| | | Filme 'Assalto ao Santa Maria' tenta aliciar público... | 1 | | | |
| | | Alunos de acordo: dicionários com palavrões são um problema do c***** | | | | |
| 391 | 15-04-2011 | Roubámos o relatório interno dos senhores do FMI | | | | |
| | | Fernando Nobre tem cláusula de rescisão de 100 milhões | | | | 1 |
| | | Corajoso Fernando Nobre já passou por guerras, sismos... | | | | |
| | | Lançada calculadora do FMI só com as teclas de diminuir e de dividir | | | | |
| | | Última hora | | | | |

| | | | | | | |
|-----|------------|---|---|--|--|---|
| | | Toon | 1 | | | |
| 484 | 22-02-2013 | Sócias de Relvas vão levar com a Grândola no trombil | 1 | | | 1 |
| | | Mahmoud Ahmadinejad vai compor uma 'Grândola Vila Morena' no Irão | | | | |
| | | Cândida Almeida vai para um convento do Ministério Público... | | | | |
| | | Peça de Beethoven retirada do mercado... | | | | |
| | | Ao serviço do país | 1 | | | |
| | | Texto de Seguro foi parar à pasta de spam da troika | | | | |
| | | Candidato de esquerda do Sporting quer rasgar o Memorando do BES | | | | |
| | | Danone vai despedir mil milhões de L. Casei Imunitass... | | | | |
| | | Agência de rating Moody's corta o rating à agência de rating S&P... | | | | |
| | | ASAE descobre e manda abater 1000 cavalos que tinham 100% de carne de cavalo | | | | |
| | | Segundo incidente na central nuclear espanhola... | | | | |
| 500 | 14-06-2013 | Gaspar acredita que Inimigo chega ao nº 350 se cumprir plano de austeridade | | | | 1 |
| | | Marques Mendes já sabe como vão ser as próximas 500 edições do <i>Inimigo Público</i> | | | | |
| | | Grande painel Inimigo/ERC/Strauss-Kahn sobre hábitos sexuais dos leitores | | | | |
| | | Programa espacial iraniano troca macaco por redator do <i>Inimigo</i> | | | | |

| | | | | | | |
|--------------|--|--|-----|----|----|-----|
| | | Toon | 1 | | | |
| | | Borda d'Água passa a ter previsões económicas | | | | |
| | | Plantel do Benfica da próxima temporada vai ter mais sérvios do que um filme do Emir Kusturica | | | | |
| | | ASAE apreende 4 toneladas de sardinhas alucinogénias no Santo António | | | | |
| | | Restaurantes a imitar tascas tradicionais estão na moda e empregados... | | | | |
| | | Empresa portuguesa cria sistema para combater roubo de combustível... | | | | |
| Total | | | 15 | 0 | 0 | 8 |
| | | | 21% | 0% | 0% | 11% |

ANEXO XVIII ANÁLISE DE CONTEÚDOS D' O INIMIGO PÚBLICO (OM3: AS MATRIZES DE FORMAÇÃO – MODO DE CARICATURAR)

| OM3: As Matrizes de Formação | | | | | |
|-------------------------------------|-------------|---|----------------------------|--------------------|-----------------|
| Nº | Data | Título | Modo de caricaturar | | |
| | | | Diretamente | Metamorfose | Alegoria |
| 1 | 26-09-2003 | Portas remodela governo | | | |
| | | Bibi pode ter 14 anos | | | |
| | | Scolari prepara fuga | | | |
| | | Kumba Ialá vai integrar o Grupo de Forcados Amadores da Moita | | | |
| | | Desbanda: Rumo ao Orgasmo Vertical | 1 | | |
| 61 | 19-11-2004 | 2014 | 1 | | |
| | | Colunata: O Gladiador Apaixonado | | | |
| | | O Romance de uma assessora de imagem: Absolutamente | | | |
| | | Bye Bye Colin... | 1 | | |
| 66 | 24-12-2004 | Vou vender as minhas memórias | | | |
| | | Rainha da etiqueta engana-se no talher e esfaqueia o marido com faca de peixe | | | |
| | | Olhem quem aplicou botox no cérebro! | | | |
| | | Argel tem hálito de sarjeta | | | |
| | | Colunata: O presépio português | | | |
| | | O romance de uma assessora de imagem: Absolutamente | | | |
| | | Negociações União Europeia - Turquia | 1 | | |
| 232 | 29-02-2008 | Sócrates passa horas nos solários... | | | |

| | | | | | |
|-----|------------|---|---|--|--|
| | | "Mal difuso" pela sociedade relatado pela SEDES agrava-se numa semana | | | |
| | | Toon | 1 | | |
| 262 | 26-09-2008 | Cavaco foi a Wall Street relançar economia mundial com ações do Inimigo | 4 | | |
| | | Sabe mais do que um historiador amargo de 66 anos? | | | |
| | | Catalina Pestana garante ao 'Sol' que continuam a existir abusos sexuais no Colégio de Hogwarts | | | |
| | | Camões em inglês já está a ser traduzida por Vasco Graça Moura para português | | | |
| | | Cozinheiros dos hospitais esquecem garfos e colheres dentro dos frangos assados | | | |
| | | Trolhas lisboetas aprenderam italiano para mandar piropos a Monica Belluci | | | |
| | | Inventor transmuntano cria ovelha que se transforma em namorada | | | |
| | | Ronaldo pagou três euros por 300 prostitutas cazaques | | | |
| | | Wikipédia fez sete anos e nasceu há 15, em 1982 | | | |
| | | Kamasutra tem alternativas ao frente a frente Pinto da Costa//Carolina | | | |
| | | O compromisso do G8 | 1 | | |
| | | A Velha, o Rapaz e o Burro | 1 | | |
| | | Vício de boca | 1 | | |
| | | Crise do preço dos alimentos | 1 | | |
| 348 | 04-06-2010 | PS não conseguiu conter o "mancha negra" | 1 | | |
| | | Teixeira dos Santos é a estrela convidada do Salão Erótico de Lisboa | | | |
| | | Militantes do PCP não entendem a preocupação de Jerónimo de Sousa com a Lusa... | | | |
| | | Mota-Engil ganhou a adjudicação das pontes entre feriados | | | |

| | | | | | |
|-----|------------|---|---|--|--|
| | | Como nós vemos Israel/Como Israel nos vê a nós | 1 | | |
| 365 | 01-10-2010 | Sem título (busto da República) | 1 | | |
| | | Extrema-direita xenófoba protesta no parlamento sueco... | | | |
| | | GNR prende 2 jamaicanos por posse de dois mil quilos de haxixe... | | | |
| | | Bono Vox vai dar terceiro concerto em Coimbra... | | | |
| | | Filme 'Assalto ao Santa Maria' tenta aliciar público... | 1 | | |
| | | Alunos de acordo: dicionários com palavrões são um problema do c***** | | | |
| 391 | 15-04-2011 | Roubámos o relatório interno dos senhores do FMI | | | |
| | | Fernando Nobre tem cláusula de rescisão de 100 milhões | 1 | | |
| | | Corajoso Fernando Nobre já passou por guerras, sismos... | | | |
| | | Lançada calculadora do FMI só com as teclas de diminuir e de dividir | | | |
| | | Última hora | | | |
| | | Toon | 1 | | |
| 484 | 22-02-2013 | Sósias de Relvas vão levar com a Grândola no trombil | 1 | | |
| | | Mahmoud Ahmadinejad vai compor uma 'Grândola Vila Morena' no Irão | | | |
| | | Cândida Almeida vai para um convento do Ministério Público... | | | |
| | | Peça de Beethoven retirada do mercado... | | | |
| | | Ao serviço do país | 1 | | |
| | | Texto de Seguro foi parar à pasta de spam da troika | | | |
| | | Candidato de esquerda do Sporting quer rasgar o Memorando do BES | | | |
| | | Danone vai despedir mil milhões de L. Casei Imunitass... | | | |
| | | Agência de rating Moody's corta o rating à agência de rating S&P... | | | |
| | | ASAE descobre e manda abater 1000 cavalos que tinham 100% de carne | | | |

| | | | | | |
|--------------|------------|--|------------|-----------|-----------|
| | | de cavalo | | | |
| | | Segundo incidente na central nuclear espanhola... | | | |
| 500 | 14-06-2013 | Gaspar acredita que Inimigo chega ao nº 350 se cumprir plano de austeridade | 1 | | |
| | | Marques Mendes já sabe como vão ser as próximas 500 edições do <i>Inimigo Público</i> | | | |
| | | Grande painel Inimigo/ERC/Strauss-Kahn sobre hábitos sexuais dos leitores | | | |
| | | Programa espacial iraniano troca macaco por redator do <i>Inimigo</i> | | | |
| | | Toon | 1 | | |
| | | Borda d'Água passa a ter previsões económicas | | | |
| | | Plantel do Benfica da próxima temporada vai ter mais sérvios do que um filme do Emir Kusturica | | | |
| | | ASAE apreende 4 toneladas de sardinhas alucinogénias no Santo António | | | |
| | | Restaurantes a imitar tascas tradicionais estão na moda e empregados... | | | |
| | | Empresa portuguesa cria sistema para combater roubo de combustível... | | | |
| Total | | | 23 | 0 | 0 |
| % | | | 32% | 0% | 0% |

ANEXO XIX ANÁLISE DE CONTEÚDOS D' O INIMIGO PÚBLICO (OM3: AS MATRIZES DE FORMAÇÃO – INFOTAINMENT E FAKE NEWS)

| Nº | Data | OM3: As Matrizes de Formação Título | Infotainment | | Fake news | |
|----|------------|---|--------------|-----|-----------|-----|
| | | | Sim | Não | Sim | Não |
| 1 | 26-09-2003 | Portas remodela governo | 1 | | 1 | |
| | | Bibi pode ter 14 anos | 1 | | 1 | |
| | | Scolari prepara fuga | 1 | | 1 | |
| | | Kumba Ialá vai integrar o Grupo de Forcados Amadores da Moita | 1 | | 1 | |
| | | Desbanda: Rumo ao Orgasmo Vertical | | 1 | | 1 |
| 61 | 19-11-2004 | 2014 | 1 | | 1 | |
| | | Colunata: O Gladiador Apaixonado | 1 | | 1 | |
| | | O Romance de uma assessora de imagem: Absolutamente | 1 | | 1 | |
| | | Bye Bye Colin... | 1 | | 1 | |
| 66 | 24-12-2004 | Vou vender as minhas memórias | | 1 | 1 | |
| | | Rainha da etiqueta engana-se no talher e esfaqueia o marido com faca de peixe | | 1 | 1 | |

| | | | | | | |
|-----|------------|---|---|---|---|---|
| | | Olhem quem aplicou botox no cérebro! | | 1 | 1 | |
| | | Argel tem hálito de sarjeta | | 1 | | 1 |
| | | Colunata: O presépio português | 1 | | 1 | |
| | | O romance de uma assessora de imagem: Absolutamente | 1 | | 1 | |
| | | Negociações União Europeia - Turquia | 1 | | 1 | |
| 232 | 29-02-2008 | Sócrates passa horas nos solários... | 1 | | 1 | |
| | | "Mal difuso" pela sociedade relatado pela SEDES agrava-se numa semana | | 1 | 1 | |
| | | Toon | 1 | 0 | 1 | 1 |
| 262 | 26-09-2008 | Cavaco foi a Wall Street relançar economia mundial com ações do Inimigo | 1 | | 1 | |
| | | Sabe mais do que um historiador amargo de 66 anos? | 1 | | 1 | |
| | | Catalina Pestana garante ao 'Sol' que continuam a existir abusos sexuais no Colégio de Hogwarts | 1 | | 1 | |
| | | Camões em inglês já está a ser traduzida por Vasco Graça Moura para português | 1 | | 1 | |
| | | Cozinheiros dos hospitais esquecem garfos e colheres dentro dos frangos assados | 1 | | 1 | |
| | | Trolhas lisboetas aprenderam italiano para mandar piropos a Monica Belluci | 1 | | 1 | |

| | | | | | | |
|-----|------------|---|---|---|---|---|
| | | Inventor transmontano cria ovelha que se transforma em namorada | 1 | | 1 | |
| | | Ronaldo pagou três euros por 300 prostitutas cazaques | 1 | | 1 | |
| | | Wikipédia fez sete anos e nasceu há 15, em 1982 | 1 | | 1 | |
| | | Kamasutra tem alternativas ao frente a frente Pinto da Costa//Carolina | 1 | | | 1 |
| | | O compromisso do G8 | 1 | | | 1 |
| | | A Velha, o Rapaz e o Burro | 1 | | | 1 |
| | | Vício de boca | | 1 | | 1 |
| | | Crise do preço dos alimentos | 1 | | 1 | |
| 348 | 04-06-2010 | PS não conseguiu conter o "mancha negra" | 1 | | 1 | |
| | | Teixeira dos Santos é a estrela convidada do Salão Erótico de Lisboa | 1 | | 1 | |
| | | Militantes do PCP não entendem a preocupação de Jerónimo de Sousa com a Lusa... | 1 | | 1 | |
| | | Mota-Engil ganhou a adjudicação das pontes entre feriados | 1 | | | 1 |
| | | Como nós vemos Israel/Como Israel nos vê a nós | | 1 | | 1 |
| 365 | 01-10-2010 | Sem título (busto da República) | 1 | | 1 | |

| | | | | | | |
|-----|------------|---|---|--|---|---|
| | | Extrema-direita xenófoba protesta no parlamento sueco... | 1 | | 1 | |
| | | GNR prende 2 jamaicanos por posse de dois mil quilos de haxixe... | 1 | | 1 | |
| | | Bono Vox vai dar terceiro concerto em Coimbra... | 1 | | 1 | |
| | | Filme 'Assalto ao Santa Maria' tenta aliciar público... | 1 | | 1 | |
| | | Alunos de acordo: dicionários com palavrões são um problema do c***** | 1 | | 1 | 2 |
| 391 | 15-04-2011 | Roubámos o relatório interno dos senhores do FMI | 1 | | 1 | |
| | | Fernando Nobre tem cláusula de rescisão de 100 milhões | 1 | | 1 | |
| | | Corajoso Fernando Nobre já passou por guerras, sismos... | 1 | | 1 | |
| | | Lançada calculadora do FMI só com as teclas de diminuir e de dividir | 1 | | 1 | |
| | | Última hora | 1 | | | 1 |
| | | Toon | 1 | | 1 | 1 |
| 484 | 22-02-2013 | Sósias de Relvas vão levar com a Grândola no trombil | 1 | | 1 | |
| | | Mahmoud Ahmadinejad vai compor uma 'Grândola Vila Morena' no Irão | 1 | | 1 | |
| | | Cândida Almeida vai para um convento do Ministério Público... | 1 | | 1 | |

| | | | | | | |
|-----|------------|---|---|---|---|---|
| | | Peça de Beethoven retirada do mercado... | | 1 | | 1 |
| | | Ao serviço do país | 1 | | 1 | |
| | | Texto de Seguro foi parar à pasta de spam da troika | 1 | | 1 | |
| | | Candidato de esquerda do Sporting quer rasgar o Memorando do BES | 1 | | 1 | |
| | | Danone vai despedir mil milhões de L. Casei Imunitass... | 1 | | 1 | |
| | | Agência de rating Moody's corta o rating à agência de rating S&P... | 1 | | 1 | |
| | | ASAE descobre e manda abater 1000 cavalos que tinham 100% de carne de cavalo | 1 | | 1 | |
| | | Segundo incidente na central nuclear espanhola... | 1 | 1 | 1 | 1 |
| 500 | 14-06-2013 | Gaspar acredita que Inimigo chega ao nº 350 se cumprir plano de austeridade | 1 | | 1 | |
| | | Marques Mendes já sabe como vão ser as próximas 500 edições do <i>Inimigo Público</i> | 1 | | 1 | |
| | | Grande painel Inimigo/ERC/Strauss-Kahn sobre hábitos sexuais dos leitores | 1 | | 1 | |
| | | Programa espacial iraniano troca macaco por redator do <i>Inimigo</i> | | 1 | | 1 |
| | | Toon | 1 | | 1 | |
| | | Borda d'Água passa a ter previsões económicas | 1 | | 1 | |

| | | | | | | |
|-------|--|--|-----|-----|-----|-----|
| | | Plantel do Benfica da próxima temporada vai ter mais sérvios do que um filme do Emir Kusturica | 1 | | 1 | |
| | | ASAE apreende 4 toneladas de sardinhas alucinogénias no Santo António | 1 | | 1 | |
| | | Restaurantes a imitar tascas tradicionais estão na moda e empregados... | 1 | | 1 | |
| | | Empresa portuguesa cria sistema para combater roubo de combustível... | 61 | 10 | 60 | 16 |
| Total | | | 86% | 14% | 85% | 23% |
| | | | Sim | Não | Sim | Não |